



"MINHAS VIANAS"
A CIDADE COMO LUGAR DOS AFETOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

GUSTAVO PIMENTA DOS SANTOS

“MINHAS VIANAS”:
A CIDADE COMO LUGAR DOS AFETOS

VITÓRIA
2019

GUSTAVO PIMENTA DOS SANTOS

“MINHAS VIANAS”:
A CIDADE COMO LUGAR DOS AFETOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, na área de concentração de Processos Urbanos e Políticas Físico-Territoriais.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos Queiroz do Ó Filho.

VITÓRIA
2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central, Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Santos, Gustavo Pimenta dos, 1991-
“Minhas Vianas” : a cidade como lugar dos afetos / Gustavo
Pimenta dos Santos. – 2019.
155 f.: il.

Orientador: Antônio Carlos Queiroz do Ó Filho.
Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) –
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes.

1. Cidade. 2. Deriva. 3. Experiência. 4. Sociabilidade. 4.
Indiferença. I. Ó Filho, Antônio Carlos Queiroz do, 1980-. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Artes. III.
Título.

CDU: XX

GUSTAVO PIMENTA DOS SANTOS

“MINHAS VIANAS”: A CIDADE COMO LUGAR DOS AFETOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, na área de concentração de Processos Urbanos e Políticas Físico-Territoriais.

Aprovada em 11 de dezembro de 2019.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Carlos Queiroz do Ó Filho

Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof^a. Dr^a. Clara Luiza Miranda

Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Titular

Prof^a. Dr^a. Manuela Vieira Blanc

Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Externo

Prof^a. Dr^a. Flavia Nico Vasconcelos

Universidade Vila Velha
Membro Externo

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu grande amigo Antônio Carlos Queiroz do Ó Filho por todo o apoio e suporte concedido durante essa etapa da minha vida, especialmente por sua generosidade e paciência em me receber de braços abertos e desde o início entender a grande carga de ansiedade que eu carrego em minhas produções possibilitando assim, minha transformação e evolução durante todo esse processo em que fui instruído. Sinto-me honrado por tê-lo como orientador, por me fazer apaixonar-me ainda mais pelo estudo da cidade da maneira como trabalha, por compartilhar suas experiências e aprendizados e pela constante atenção buscando explorar sempre o máximo do meu potencial.

Ao grupo de pesquisa RASURAS – Geografias Marginais (Linguagem, Poética, Movimento), agradeço as grandes temáticas, discussões e reflexões que me enriqueceram e ajudaram em todo o processo de desenvolvimento e amadurecimento da dissertação. Também por me acolher nessa jornada que eu iniciei tão cheio de questionamentos e permitir que dela grandes amizades fossem construídas, das quais carregarei para sempre.

Aos meus amigos André Lima, Marina Brandão e Vinícius Galvão, por terem compartilhado todas as angústias, felicidades, vitórias e ansiedades durante esse período de grande imersão (grupo esse criado na primeira reunião dos mestrandos do ano de 2018 e que, desde lá, nunca mais se separou).

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) por toda atenção e dedicação em permitir que essas valiosas contribuições pudessem nos inspirar a nos tornarmos pesquisadores acadêmicos mais críticos e amantes dessa profissão, uma aspiração a ser levada.

A Milena Porfírio, amiga que conheci durante o programa de mestrado ao iniciar como aluno especial e que até hoje me liga todos os dias e me conforta com sua calma e palavras cheias de carinho.

Agradeço imensamente à minha família, todo o apoio incondicional desde o início dessa trajetória. À minha mãe, Rúbia Adriane Pimenta dos Santos e meu pai Claudino dos Santos, por toda a maneira especial de tratarem esse momento tão importante da minha vida.

“Nem todos os geógrafos são exploradores,
e nem todos os exploradores são geógrafos.
Mas os geógrafos-exploradores são aqueles
que têm melhores condições de preencher e traçar
‘mapas’,
pois suas explorações os levam
tanto à descrição de outras formas de pensar
quanto a outras formas de viver.
Mas o geógrafo não é capaz de explorar tudo.
Então, ele se vale muito da exploração de outros,
geógrafos ou não,
que lhe trazem relatos de outras formas de olhar,
e outras experiências,
de outras terras e de outros reinos.
Assim, o geógrafo passa a ter um horizonte maior,
conhecendo mais e melhor a natureza da Terra e do
Homem”.

(Eduardo Marandola Júnior)

RESUMO

A cidade, quando pensada a partir de sua pluralidade sendo mediada e compreendida pelas relações que são construídas com seu habitar, permite que diferentes maneiras de explorá-la sejam oportunizadas devido às variadas formas do viver citadino que são produzidas através das experimentações em seu espaço aberto e múltiplo. Autores como Massey (2008), Canevacci (2004), Caiafa (2003; 2005), Marandola Jr. (2011; 2014), Simmel (1973), Maia (2001) e Queiroz (2010; 2015) nos apontam que, buscando compreender o habitar urbano como potência máxima da constituição do espaço de vida das cidades, entende-se importante verificar quais as diferentes maneiras de perceber os fluxos afetivos de sociabilidade e convívio com a indiferença que são criados a partir de seu espaço heterogêneo, polifônico, dotado de multiplicidade e incessantemente atravessado por estímulos e provocações. Dessa forma, investigar quais relações são construídas na cidade de Viana Centro que a permitem ser compreendida como a cidade dos afetos por meio das práticas e fluxos afetivos de sociabilidade e convívios com a indiferença, atravessados pela experiência que permeiam seus itinerários e espaços de vida, é o objetivo deste trabalho. Essa área foi escolhida por ser o lugar na qual eu resido e, também, por me inspirar a querer assumir essa nova postura de análise para entendimento da cidade. Assim, balizados por autores como Jacques (2008), Larrosa (2002), Rolnik (2006) e Becheler (2014), criamos um caderno de campo para investigar e experienciar o campo, utilizando uma metodologia de análise baseada na teoria da deriva, psicogeografia e construção de situações inspiradas nas técnicas situacionistas que compreendem o espaço como um campo a se decifrar a partir da experiência, buscando através dos lançamentos à deriva elementos que emergissem ao acaso a partir dessa nova postura assumida para perceber o Centro da cidade de Viana, tendo como produtos os relatos de campo, mapas polifônicos afetivos e os epílogos sensíveis. O terceiro e último movimento foi destinado a debater a metodologia utilizada junto dos dados obtidos, de forma a realizar discussões a respeito das construções dos produtos gerados pelo campo, fazendo análises das percepções dos fluxos que cada um pode promover a partir da experiência no local e uma correlação entre todos eles.

Palavras-chave: Cidade. Deriva. Experiência. Sociabilidade. Indiferença.

ABSTRACT

The city, when thought from its plurality being mediated and understood by the relationships that are built with its dwelling, allow different ways of exploring it to be opportunized due to the varied forms of city living that are produced through experimentation in its open and multiple space. Authors such as Massey (2008), Canevacci (2004), Caiafa (2003; 2005), Marandola Jr. (2011; 2014), Simmel (1973), Maia (2001) and Queiroz (2010; 2015) point us that seeking to understand the urban dwelling as the maximum power of the constitution of the cities' living space it is important to verify the different ways of perceiving the affective flows of sociability and coexistence with indifference that are created from their heterogeneous, polyphonic space, endowed with multiplicity and incessantly crossed by stimuli and provocations. Thus, investigate which relationships are built in the city of Viana Centro that allow it to be understood as the city of affections through the practices and affective flows of sociability and coexistence with indifference, crossed by the experience that permeate their itineraries and living spaces, is the purpose of this work. This area was chosen because it is where I live and also inspires me to want to take on this new analytical stance for understanding the city. Thus, guided by authors such as Jacques (2008), Larrosa (2002), Rolnik (2006) and Becheler (2014), I created a field notebook to investigate and experience the field, using a methodology of analysis based on the theory of drift, psychogeography and construction of situations inspired by the situationist techniques that understand the space as a field to be deciphered from the experience, searching through the drifting releases elements that emerged randomly from this new posture assumed to perceive the Viana City Center, having field reports, affective polyphonic maps and sensitive epilogues. The third and last movement was intended to discuss the methodology used with the obtained data, in order to make discussions about the constructions of the products generated by the field, making analyzes of the perceptions of the flows that each one can promote from the experience in the place and a correlation between them all.

Keywords: City. Drift. Experience. Sociability. Indifference.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – <i>The Naked City</i>	20
Figura 02 – Modelo para criação dos mapas polifônicos afetivos	51
Figura 03 – <i>Template</i> síntese da metodologia de análise	52
Figura 04 – Circunscrição do Centro de Viana	54
Figura 05 – Marcos de análise pré-estabelecidos: a rua e a praça	56
Figura 06 – Foto da Praça Expedicionário Jerônimo Leite	57
Figura 07 – Foto da Rua Quintino Bocáiuva (Rua Principal)	57
Figura 08 – Percurso <i>Runtastic</i> da Deriva do contrafluxo	67
Figura 09 – Mapeamento das trajetórias com base na cartografia do Centro	68
Figura 10 – Camada 02: <i>Mapa Polifônico Afetivo do contrafluxo</i>	70
Figura 11 – Camada 03: <i>Epílogo Sensível do contrafluxo</i>	71
Figura 12 – Mapeamento das trajetórias com base na cartografia do Centro	78
Figura 13 – Camada 02: <i>Mapa Polifônico Afetivo da deriva parada</i>	80
Figura 14 – Camada 03: <i>Epílogo Sensível da deriva parada</i>	81
Figura 15 – Percurso <i>Runtastic</i> da Deriva do Outro	88
Figura 16 – Mapeamento das trajetórias com base na cartografia do Centro	89
Figura 17 – Camada 02: <i>Mapa Polifônico Afetivo da deriva do Outro</i>	91
Figura 18 – Camada 03: <i>Epílogo Sensível da deriva do Outro</i>	92
Figura 19 – Percurso <i>Runtastic</i> da Deriva do contrafluxo	102

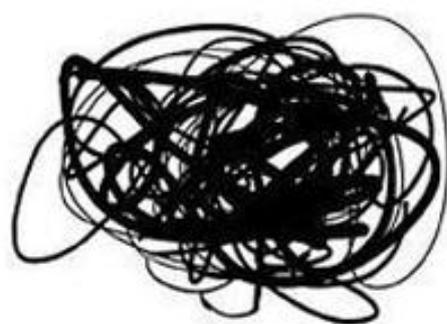
Figura 20 – Mapeamento das trajetórias com base na cartografia do Centro	103
Figura 21 – Camada 02: <i>Mapa Polifônico Afetivo do contrafluxo</i>	105
Figura 22 – Camada 03: <i>Epílogo Sensível do contrafluxo</i>	106
Figura 23 – Mapeamento das trajetórias com base na cartografia do Centro	112
Figura 24 – Camada 02: <i>Mapa Polifônico Afetivo da deriva parada</i>	114
Figura 25 – Camada 03: <i>Epílogo Sensível da deriva parada</i>	115
Figura 26 – Percurso <i>Runtastic</i> da Deriva do Outro	122
Figura 27 – Mapeamento das trajetórias com base na cartografia do Centro	123
Figura 28 – Camada 02: <i>Mapa Polifônico Afetivo do Outro</i>	125
Figura 29 – Camada 03: <i>Epílogo Sensível da deriva do Outro</i>	126
Figura 30 – Registros da praça ao início da deriva do contrafluxo	135
Figura 31 – Crianças brincando na rua do Santo Agostinho	136
Figura 32 – Pracinha lentamente sendo despertada	138
Figura 33 – Relações preferidas durante a feira	139
Figura 34 – Características do loteamento Nova Viana	140
Figura 35 – Pessoas conversando pela Rua Principal	142
Figura 36 – Mudança das dinâmicas e relações na deriva parada	144
Figura 37 – Travessia durante a noite perto do rio	146

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Roteiro da deriva do Outro	84
Quadro 2 – Roteiro da deriva do Outro	117

SUMÁRIO

PILOTO (NOTAS E INQUIETAÇÕES).....	12
CAPÍTULO I – HABITAR A CIDADE: CONVERGÊNCIAS E CONEXÕES.....	22
1.1 – ALGUMAS FORMAS DE OLHAR A CIDADE.....	23
1.2 – SOBRE O RECORTE ANALÍTICO ESCOLHIDO.....	34
1.3 – DELINEAMENTOS METODOLÓGICOS.....	43
CAPÍTULO II – ECOS, REPETIÇÕES E REFLEXÕES.....	53
2.1 – EXPLORAÇÕES INICIAIS PARA RECONHECIMENTO DO CAMPO....	54
2.2 – CADERNO DE CAMPO I.....	58
2.2.1 – Deriva do Contrafluxo.....	60
2.2.2 – Deriva Parada.....	72
2.2.3 – Deriva do Outro.....	82
2.3 – CADERNO DE CAMPO II.....	93
2.3.1 – Deriva do Contrafluxo.....	95
2.3.2 – Deriva Parada.....	107
2.3.3 – Deriva do Outro.....	116
CAPÍTULO III – REVERBERAÇÕES.....	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	149



PILOTO

NOTAS E INQUIETAÇÕES

Lembro-me claramente do ano de 2012, um ano de mudanças e desafios. Naquela época, a partir do segundo semestre, eu tinha acabado de concluir o curso técnico em metalurgia e materiais e também estava iniciando o quarto período da faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Era um dia da semana à tarde e eu havia acabado de receber uma ligação da coordenadora do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) para dar uma aula teste e caso fosse aprovado, começaria a ministrar aulas para a Unidade de Vitória na semana seguinte. Assim, o dia do teste chegou, fui aprovado e uma paixão havia sido despertada, a sala de aula.

Ingressando cada vez mais dentro deste ramo, continuei durante toda a graduação lecionando para os cursos técnicos de mecânica, edificações e elétrica dos polos de Vitória, Serra e Cariacica em distintas instituições de ensino. No início do ano de 2016, após a conclusão do curso, continuei atuando na área acadêmica trabalhando em tempo integral e dedicando-me ainda mais a essa atividade.

Contudo, em meados de 2017, senti que inquietações começavam a ser despertadas dentro de mim, devido ao trabalho e a forma como os pensamentos eram conduzidos a partir de um olhar mais técnico construído nesses anos e sendo aperfeiçoado a ser cada vez mais direto e pontual.

Com o passar dos meses, esse sentimento foi aumentando cada vez mais e eu decidi me inscrever como aluno especial no Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo, no qual tive como primeiro contato, já dentro do programa, a disciplina de “Produção do Território, Política Urbana e Gestão da Cidade” ministrada pelo Professor Dr. Milton Esteves Júnior.

Recordo exatamente a sensação da primeira aula e os questionamentos trazidos pelo professor para compreensão da cidade a partir do viés do espetáculo, tendo Guy Debord como o primeiro autor a ser estudado mais profundamente, por meio do seu livro “A Sociedade do Espetáculo”. Por diversas vezes, senti-me deslocado, mas também com vontade de aprender ainda mais. Fiquei encantado pela forma como os conceitos e as dinâmicas utilizadas abordando uma visão mais profunda e densa da arquitetura e do urbanismo me movimentavam a querer aprender e conseguir dialogar utilizando aquelas ideias que tanto inspiravam a compreensão da dinâmica do espaço urbano.

Na sequência, em 2018, realizei a seleção para aluno regular do mestrado e fui aprovado, tendo como orientador o Professor Dr. Antônio Carlos Queiroz. E, assim, iniciou-se mais um ciclo, o qual considero muito especial porque — à época, eu ainda não o sabia —, nele, uma paixão pela cidade sensível e poética seria despertada em mim, com a qual eu não imaginava que teria tanta conexão.

Então, mais um desafio se iniciava, e logo fui inserido no grupo de pesquisa Rasuras, no qual novas formas de pensamento, questionamentos, discussões, reflexões e abordagens seriam trabalhados e retrabalhados, a fim de que meu olhar conseguisse permear tanto as minhas inquietações quanto aquelas trazidas pelo grupo e, assim, adensá-las para o projeto de pesquisa que eu desenvolveria juntamente com o professor orientador.

Uma das experiências iniciais que me ajudou muito e que considerei um divisor de águas foram às aulas de Geografia da Mobilidade, ministradas pelo Professor Queiroz nas turmas do sexto período de Geografia, das quais eu participava como estagiário e também como aluno. As aulas se diferenciavam, em certo grau, dos comentários feitos até então e da forma como eu também ministrava; elas aconteciam mais organicamente, sempre em conjunto com as pesquisas que eram feitas pelos alunos e trabalhadas em movimentos, avançando e instigando-os cada vez mais até chegarem a uma reflexão do produto final.

Dessa maneira, tendo tantos dispositivos sendo acionados de variados lados a partir dessa dinâmica de pensamentos e produções, senti a necessidade de uma dedicação ainda mais intensa para com os autores trabalhados pelo grupo e comecei a, diariamente, realizar fichamentos para aguçar essas percepções e maneiras de entendimento das questões que eram abordadas.

Tendo mais contato com autores como Massimo Canevacci (2004), Marc Augé (2001), Guy Debord (1997), Jorge Larrosa (2002), Gianni Vattimo (1992), Rogério Haesbart (2015), Wenceslao Oliveira Jr. (2005), Queiroz Filho (2010; 2012; 2015), Marandola Jr. (2006; 2011; 2014), Janice Caiafa (2003; 2005) e Doreen Massey (2008), comecei a ficar motivado e instigado a estudar mais sobre a cidade, sua pluralidade e múltiplas versões, polifonia e o viver citadino.

Posteriormente, balizado pela disciplina de tópicos especiais “Habitar a Cidade – Narrativas do Corpo na Sobremodernidade”, ministrada pelo Professor Queiroz no programa do mestrado, fui inspirado a utilizar a poesia e a sensibilidade

do olhar como uma ferramenta para potencializar essas sensações e reverberações, adotando, também, sua ideia de movimentos para a produção da dissertação ao pensar no pré-campo, campo e pós-campo, como a geógrafa Doreen Massey, e, juntamente com essas ressonâncias, proferir uma nova maneira de se pensar e compreender aquele espaço urbano a ser trabalhado.

Assim, aproveitando dessa situação para começar os primeiros pensamentos para o desenvolvimento da pesquisa, comecei a me interessar pelos fluxos da vida urbana contemporânea, as relações com os espaços de vida, seus itinerários e construções relacionais e, como diz QUEIROZ FILHO (2016, p. 8), pelos “outros tantos possíveis do dizer e ver a cidade” e como isso afeta o espaço urbano.

Então, influenciado por trechos do artigo “A Cidade e a Fabricação do Sensível na Sobremodernidade”, no qual Queiroz Filho nos questiona sobre a imaginação como sendo o ponto de partida para a ativação da sensibilidade e nossa capacidade de agir e pensar, trazendo reflexões como “[...] o que se poderia dizer de uma Geografia Poética? Ou de uma poética da cidade? De uma imaginação espacial feita da poesia?” (QUEIROZ FILHO, 2016, p. 2).

Permeado por tais questionamentos, comecei a trazer para dentro do meu olhar, da minha escrita e da minha pesquisa essa “imagem” de novos sentidos, sensações, usos, capacidades de agir e pensar, a qual, pouco a pouco, senti ser o viés que estaria preenchendo minhas inquietações e direcionando-me a interpelá-las cada vez mais intensamente.

Dessa maneira, entre as várias reuniões que o grupo promovia semanalmente, uma nova indagação surgiu e começou a me incitar, após uma fala do Professor Queiroz, ao dizer: “E se pensássemos a cidade como se ela fosse um texto, um poema, uma música?”.

Novamente provocado, recorri aos seus escritos e encontrei um trecho, em especial, que serviu como um guia propulsor para os pensamentos e desvelamentos da pesquisa, associado aos princípios trabalhados pelo grupo de pesquisa Rasuras, e que diz:

É na intimidade da linguagem e no enviesamento da sensibilidade que surge uma “cidade como potência menor”, cidade intensiva, que faz proliferar a vida enquanto encontro de palavras, imagens e afetos, enquanto esperança e resistência. Uma cidade-

personagem, feita de encontros: cidade-texto, cidade-poesia, cidade-música, cidade-arte, todas misturadas, dobradas entre si, uma dizendo da outra, sendo todas, a mesma. Cidade inventada para não mais caber no gesto repetido de um modo único de dizer-cidade (QUEIROZ FILHO, 2016, p. 9).

Seguindo tais premissas, elaboramos um projeto piloto com todas essas inquietações e notas que me atravessavam, permeado por dispositivos que suscitavam essa linha de pensamento de uma cidade múltipla, inacabada, poética, sensível e inventiva. Logo depois, eu o apresentei no IX Seminário de Arquitetura e Urbanismo e, ali, todo o trabalho de certa forma se consolidou, surgindo os pensamentos inspirados pelos situacionistas, o adensamento dos movimentos a serem realizados no pré-campo, campo e pós-campo, tendo ao final de todas essas reverberações uma nova versão pensada para se olhar a cidade.

Diante do exposto, e por meio de todos os caminhos percorridos para sua produção, esta dissertação de mestrado se justifica pela importância de investigar a cidade pensada através de sua pluralidade, apontando as relações construcionais que potencializam, sensibilizam e afetam o lugar através das práticas vivenciadas nos espaços de vida urbanos quando mediados pela experiência.

Nesse sentido, a pesquisa possui como objetivo geral investigar quais relações são construídas na cidade de Viana Centro que a permitem ser compreendida como a cidade dos afetos por meio das práticas e fluxos afetivos de sociabilidade e convívios com a indiferença atravessados pela experiência que permeiam seus itinerários e espaços de vida.

Para pensá-la através dessa categoria de afeto, utilizei-me das palavras de QUEIROZ FILHO (2016, p. 13) ao dizer que “o olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar”, com o intuito de inserir essa linguagem juntamente com a poética e o sensível como apoios potencializadores da produção e dos sentidos da escrita.

Um “fazer-cidade-poema” de QUEIROZ FILHO (2016, p. 13) se traduz numa “não captura pela palavra engavetada. Aquela que não pode mudar de lugar” (QUEIROZ FILHO, 2016 *apud* BARROS, 2010, p. 43). Ou seja, é através dos percursos experienciados no viver citadino que pensados como elementos indutores propiciarão que afetos sejam suscitados pela experiência em campo.

Além disso, como objetivos específicos também foram definidos: compreender como a multiplicidade possibilita que diferentes maneiras de construir o espaço urbano seja experienciado; perceber como os espaços de vida citadinos promovem fluxos de sociabilidade e indiferença que agenciam as dinâmicas presentes no habitar urbano e a criação de um caderno de campo como fruto das experiências, sensações e sentidos provocadas pelos estímulos e impressões absorvidas durante o período de imersão.

O entendimento para a forma com que a “experiência” será adotada terá como amparo os pensamentos do filósofo Jorge Larrosa, o qual compreende que “a experiência é o que nos passa, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (LARROSA, 2002, p. 21).

E, inspirado pelo artigo “*Mapeando londrinas: imaginário e experiência urbana*” para reforçar os apontamentos realizados e perceber ainda mais o campo, Marandola Jr. utiliza seu texto para explicar que as diferentes londrinas criadas por cada indivíduo são frutos das infinitas experiências interpeladas pela cidade e, assim, como as londrinas criadas por eles, aqui nesta pesquisa, desenvolvemos as *Minhas Vianas*, motivadas pelas vivências e registros que foram auferidos e revelados pelos rumos experienciados.

A construção metodológica utilizada para realização das experiências em campo foi criada inspirada nas técnicas situacionistas tendo como eixos balizadores a Teoria da Deriva, a Psicogeografia e a Construção de Situações para a produção de um Caderno de Campo, utilizado como método para investigar os espaços de vida urbanos permeados pelos sentidos e sensações proporcionados pelas derivas.

Este será composto por três camadas que compreenderão os Relatos de Campo (camada 01), descrevendo as experiências auferidas pelo pesquisador durante o caminho trilhado, gerando narrativas poéticas dos desvelamentos criados pelo corpo agenciador dessas relações; os Mapas Polifônicos Afetivos (camada 02), que serão fruto das experimentações permeadas pelas sensações dos lançamentos, tendo como resultado um registro afetivo por meio de palavras; e os Epílogos Sensíveis (camada 03), que correspondem às criações artísticas e afetivas das *Minhas Vianas*.

Para cada caderno de campo serão realizados três lançamentos à deriva, sendo eles: a deriva do Contrafluxo, a deriva Parada e a deriva do Outro,

constituindo, cada, as três camadas descritas acima. Assim, cada caderno terá um marco inicial pré-estabelecido como um dispositivo e também sendo permeado pelos protocolos das imersões que cada deriva em particular procurará suscitar.

Dessa maneira, a escolha do recorte espacial utilizado como campo de estudo das experiências e construções mediadas pelos indivíduos em seus espaços de vida urbanos foi à cidade de Viana Centro, sendo esta opção motivada por se tratar de uma localidade na qual eu, como pesquisador e também corpo vetor de atuação que intermediará as proposições metodológicas inspiradas pelos situacionistas, resido.

Marcada pela imprevisibilidade mediante um espaço aberto e público ao qual são constantemente cruzadas por desconhecidos, as cidades tornam-se um grande atrativo para a experiência ao estranhamento e sua alteridade. Por isso, “essas constelações temporárias de trajetórias, essas eventualidades que são lugares, requerem negociação” (MASSEY, 2008, p. 219) e é através desta abertura e como se dá o vínculo à prática do lugar que esse grande campo de negociações e mediações promovem vivências, experiências, encontros, desencontros, afetos e vulnerabilidades, sociabilidades, indiferenças, passagens e diálogos.

A escolha de dois marcos iniciais utilizados como protocolos tornaram-se necessários para melhor delineamento das experiências cidadinas, tendo primeiro a Praça Expedicionário Jerônimo Leite que é perpassada por uma das principais vias de entrada e saída de veículos para as atividades pendulares fora do bairro, podendo ser vista como um espaço de integração, de passagem e também apropriação por aqueles que a permitem o experienciar. E segundo, a Rua Quintino Bocáiuva, também conhecida como Rua Principal, que é transpassada por diversos comércios como: padarias, bares, pontos de ônibus, bancos, ambulantes, sorveterias, restaurantes e outros.

Essa investigação será feita através da pesquisa em campo, também metodologicamente pensada por Queiroz “como um gesto circunstancial que passa, necessariamente, pelos ‘pés’ e pelo ‘pensamento’” (QUEIROZ FILHO, 2015, p. 17). Com isso, pensar, agir e fazer o campo permite que os elementos surgidos ao acaso consequentes das trajetórias urbanas experienciadas, despertem sua vivência e potencializem sua sensibilidade.

Propomos ir a campo, pois pretendíamos um conhecimento amparado pela experiência e vivência que os itinerários e espaços de vida do Centro de Viana poderiam proporcionar a partir de seus deslocamentos, dando-nos pistas para compreensão da maneira como seus espaços de vidas eram permeados através das práticas de sociabilidade e convívio com a indiferença. Amparados por Larrosa (2002, p. 15), quando ele nos baliza ao dizer que “Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ex-põe”.

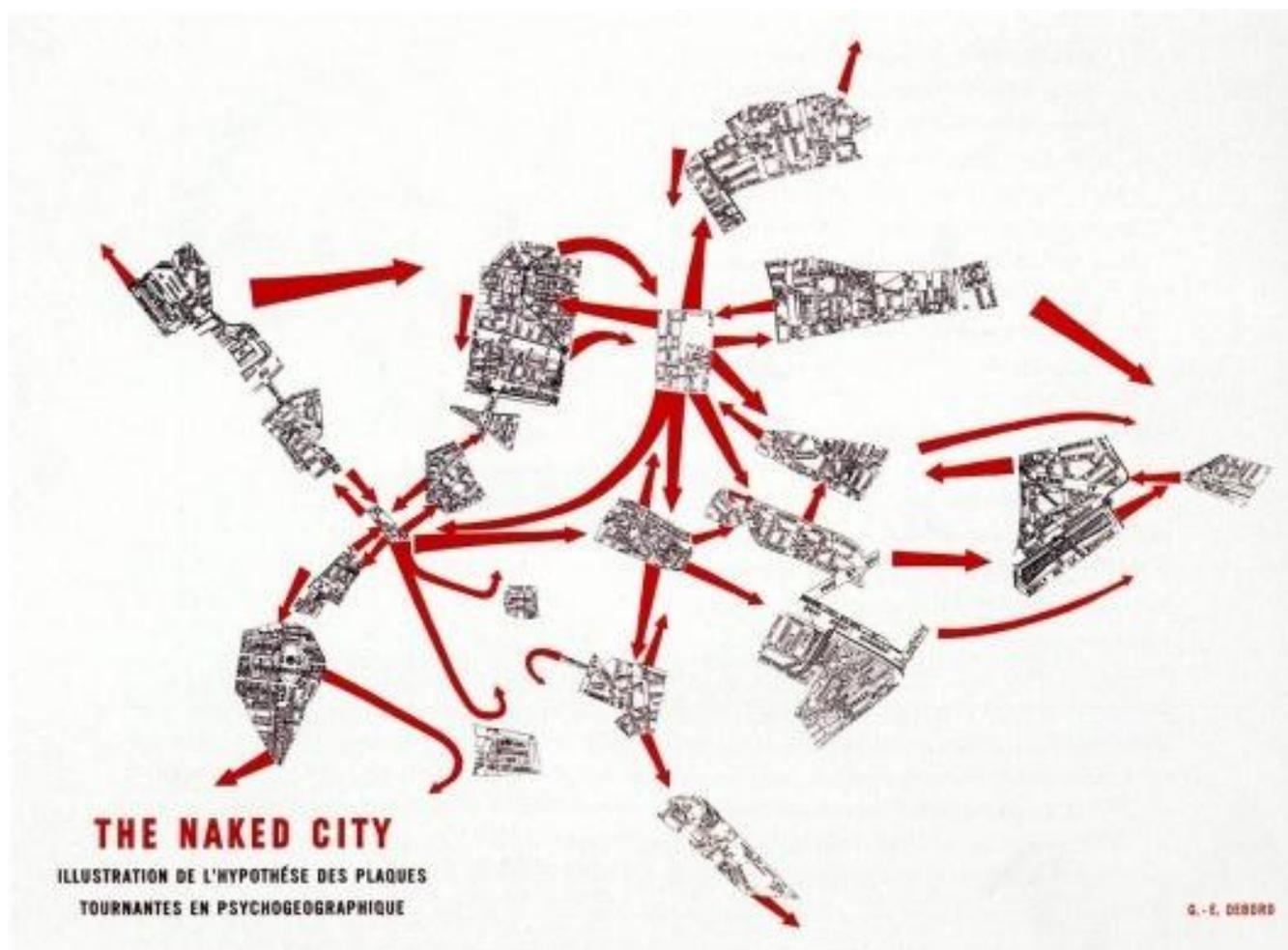
Nesse sentido, essa será a função do campo na pesquisa, vamos nos expor ao centro da cidade de Viana a partir da experiência, buscando dessa ação, suscitar novos desvelamentos para perceber o espaço urbano.

Todos os materiais gerados a partir dessa etapa servirão como suporte para desenvolvimento e construção dos cadernos de campo, que terão o intuito de apresentar, as variadas formas que ele nos proporcionou. Dessa forma, os capítulos deste trabalho ficaram divididos em três grandes movimentos, sendo o primeiro capítulo dedicado às discussões do pré-campo; o segundo capítulo, às vivências do campo e discussões do pós-campo, juntamente com os desdobramentos das camadas para produção dos cadernos; e o terceiro capítulo, à reflexão sobre as reverberações absorvidas durante o processo, relações de convergência, divergência e alguns apontamentos finais.

É importante ressaltar que a capa do trabalho também foi criada com inspiração em uma das obras mais famosas dos situacionistas, chamada *The Naked City* (Figura 01), muito conhecida por ser a ilustração que melhor representa graficamente a psicogeografia e a deriva utilizada a partir do seu pensamento urbano, composto de vários recortes do mapa de Paris, que constituem as unidades de ambiência, e setas em vermelho, que indicam as ligações possíveis entre essas diferentes unidades.

Colocadas de forma aleatória, esse mapa não traduz ou corresponde a sua localização no mapa da cidade real, mas sim, demonstra uma organização afetiva desses espaços ditados pela experiência da deriva, tendo as setas à indicação dessa possibilidade de eixos de passagem ou direções. O título, em letras de vermelho, foi pensado por eles fazendo alusão às placas giratórias e manivelas ferroviárias responsáveis pelas mudanças de direção dos trens, que representavam as diferentes opções de caminhos a serem tomados nas derivas.

Figura 01 – *The Naked City*



Fonte: (DEBORD, 1957)

A partir desta inspiração, a capa desta pesquisa traz os recortes da cidade de Viana Centro separados de forma aleatória, contudo, permeados pelas sensibilidades e afetos que a passagem pelas ambiências pode promover a partir dos lançamentos a deriva mediados pela experiência promovida por cada lugar. E da mesma maneira como realizados pelos situacionistas, o título “Minhas Vianas” foi usado em vermelho, fazendo alusão ao significado adotado por eles para a obra *The Naked City*.

Nesse sentido, o capítulo um, entendido como o movimento realizado para o pré-campo, será dedicado aos referenciais norteadores deste projeto com conceitos ligados a experiência, espaço de vida, trajetórias urbanas e as relações que caracterizam e os integram para o entendimento do viver citadino.

Num primeiro momento, serão abordadas as características e reflexões da cidade a partir do experimentar citadino, pensando seu espaço como uma esfera dinâmica de inúmeras multiplicidades caracterizando-o em aberto e polifônico, sendo mediado por autores como: Caiafa (2003; 2005; 2005a), Massey (2008), Queiroz (2010, 2015), Benjamin (1995), Marandola Jr. (2001; 2008; 2008a; 2011), Canevacci, (2004), Eckert e Rocha (2001).

Num segundo momento, será abordado sobre o espaço de vida das cidades e as características que o permitem permear seus fluxos afetivos de sociabilidade, indiferença e afetividades, buscando compreender o habitar como potência máxima da constituição do espaço de vida, tendo como apoio os autores: Maia (2001), Simmel (1973), Le Breton (2009), Thibaud (2012) e Marandola Jr. (2014).

O terceiro e último momento do capítulo é destinado a debater a metodologia de análise inspirada nas práticas situacionistas conjugados com a vivência, o sensível e experiência no campo, balizados por autores como: Larrosa (2002), Jacques (2003; 2008), Becheler (2014) e Rolnik (2006).

O capítulo II foi reservado para as construções dos Cadernos de Campo, tendo dois momentos trabalhados em conjunto, o campo e o pós-campo. Assim, a primeira parte do caderno, que possui como elemento os relatos de campo (camada 01), servirá para apresentar a descrição dos fluxos atravessados por sentidos, sensações, acontecimentos, polifonias, casualidades e detalhes que aconteceram.

E num segundo momento, serão analisadas as relações decorrentes desta experiência com a produção das outras duas camadas (Mapas Polifônicos Afetivos e Epílogos Sensíveis) que serão adensadas pelas observações e mediações propiciadas pelo lançamento da deriva.

Por fim, no capítulo III, realizaremos as reverberações sentidas durante todo o processo e um paralelo a respeito dos marcos escolhidos juntamente com suas convergências e divergências para produção de cada caderno, mostrando a relação dos cidadãos com a cidade, e a maneira como o corpo vetor se portou durante todos os deslocamentos percorridos.



CAPÍTULO I

HABITAR A CIDADE: CONVERGÊNCIAS E CONEXÕES

1.1 ALGUMAS FORMAS DE OLHAR A CIDADE

[...] que desterritorialização diferente é aberta pelas cidades hoje: que tipos de linhas de fuga de pensamento se desprendem “quando iniciamos a partida por caminhos que havíamos determinado como indo para um rumo diferente, que ainda não estamos certos qual é...” (RAJCHMAN, 2001 *apud* MASSEY, 2008, p. 226).

Ao começar as investigações a respeito das características que estimulam e provocam as experiências cidadinas a partir das relações que são construídas tomando por base a categoria de lugar que será trabalhada, utilizo como apoio os pensamentos da geógrafa inglesa Doreen Massey em seu livro *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade*, buscando entender primeiramente como são constituídas essas diferentes formas de olhar a cidade ao qual vivenciamos.

É ao iniciar os caminhos que nos levam a compreendê-la que se percebem as diferentes entradas das quais ela nos permite a experienciar e criar algum tipo de conexão ou vínculo. Nesse sentido, também é possível entendê-la através de sua “possibilidade de existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea” (MASSEY, 2008, p. 29), que por conseguinte, reflete as distintas variedades de trajetórias urbanas e coexistências que se entrelaçam dentro do mesmo espaço urbano.

Dessa maneira, utilizando o conceito abordado pelos sociólogos Vera Telles e Robert Cabanes em sua obra *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios* para trajetória urbana, é no curso de suas vidas quando o sujeito atravessa diferentes espaços urbanos interpolados entre distintos códigos que seus traçados podem nos informar sobre a tessitura do mundo urbano, seus pontos de tensão e bloqueios gerados pela experiência no cenário, ou seja, é por esse prisma que tentaremos conhecer algo a mais das “tramas sociais” (TELLES; CABANES, 2006, p. 15) e como se configuram os espaços de vida urbanos.

Verifica-se a existência de uma grande densidade de elementos pela autora que vão sendo dispostos em tramas, circuitos e conexões para melhor delineamento do seu conceito e sobretudo, inserção da cidade dentro desta perspectiva. Principalmente ao citar que:

[...] entre os deslocamentos espaciais e expedientes mobilizados para o acesso à moradia, os percursos do trabalho e suas inflexões

recentes, os agenciamentos da vida cotidiana e os circuitos que articulam moradia e a cidade, espaços e serviços, essas trajetórias são pontuadas por situações que podem ser vistas como pontos de condensação de práticas, mediações e mediadores nos quais estão cifrados os processos em curso (TELLES; CABANES, 2006, p. 15).

[...] são esses eventos que nos dão a cifra para apreender os campos de força operantes no mundo urbano, a trama das relações, de práticas, conflitos e tensões, enfim, a pulsação da vida urbana – a redistribuição de possibilidades, bloqueios, aberturas ou impasses que atravessam e individualizam cada história de vida, mas que também a situam em um plano de atualidade (TELLES; CABANES, 2006, p. 70).

Dessa forma, os múltiplos perfis apresentados pelas cidades vão delineando em diferentes contextos a inserção dos atores e o jogo de tensão presente em suas trajetórias. Operando como uma ótica pelo qual o mundo urbano vai ganhando diferentes modulações, trata de “descrever o urbano colocando em foco a trama das mediações e conexões que articulam e, ao mesmo tempo, transbordam campos de práticas nas suas formas estabelecidas, criando passagens onde não se esperava que acontecessem” (TELLES; CABANES, 2006, p. 16).

A cidade pensada pelo limiar da trajetória urbana significa pôr em prática sua relação atravessada por circuitos e conexões presentes em seu espaço através do jogo de atores e suas mediações. Ou seja, consideram os agenciamentos da vida cotidiana como condensação de práticas diversas para permitir o sujeito formas de apropriação e bloqueio nos espaços experienciados.

Introduzir a cidade dentro deste pensamento nos permite refletir que diferentes maneiras de explorar seu habitar urbano podem ser propiciadas a partir de questionamentos realizados por seu viver cidadão. Diante do exposto, é importante ressaltar que ao ingressar no estudo da cidade por meio desta compreensão é possível então, perceber que existem inúmeras formas de entradas potenciais por intermédio do seu espaço aberto, de maneira que a evolução ocorra junto com sua mutação.

É pensando nesse conceito de **trajetória urbana** que servirá de balizamento para as reflexões a serem utilizadas juntamente com o entendimento a partir da experiência que associo ao modo como a geógrafa inglesa cita James Donald para dizer “não como vivemos na cidade, mas como vivemos junto a ela” (MASSEY,

2008, p. 221) e, assim, mostrar como o espaço dentro das relações de multiplicidade viabiliza que o social possa ser construído.

Além disso, quando Massey utiliza as palavras de Rajchman para levantar a indagação de que “estar em casa em um mundo onde nossa identidade não é dada, nosso estar-juntos é questionado” (MASSEY, 2008, p. 221). A autora nos possibilita mediante tal apontamento pensar na importância de olhar para esse mesmo espaço de variadas maneiras, pois se para alguns o lugar é contestado e percebido como uma relação de práticas e trocas diárias, para outros, o mesmo pode figurar-se como um local de negação, indiferença.

Por isso, a forma como o lugar será tratado servirá de abertura para olhar as diferentes configurações que as cidades vão adquirindo com o habitar urbano por meio das experiências e mediações que serão construídas juntamente com seus significados subjetivos, tomando como partida as trajetórias urbanas realizadas pelos sujeitos daquele espaço. Além de observar como as relações se constroem através das ações e intenções de seus indivíduos.

Partindo dessa ideia, o historiador e sociólogo Lewis Mumford, em sua obra *Cidade na História, suas origens, transformações e perspectivas*, chama a atenção para a maneira como interpelá-la inicialmente, ao dizer que:

[...] antes mesmo que a cidade seja um lugar de residência fixa, ela começa com um ponto de encontro aonde periodicamente as pessoas voltam: o imã procede o recipiente, e essa faculdade de atrair os não-residentes para o intercurso e o estímulo espiritual [...] continua sendo um dos critérios essenciais da cidade, testemunho do seu dinamismo inerente (MUMFORD, 1998, p. 16).

Desta forma, buscando entender as características que configuram esse dinamismo inerente presente na cidade, amparo-me dos pensamentos da antropóloga Janice Caiafa em seu artigo *Comunicação e diferença nas cidades*, em que ela diz que “habitar uma cidade é experimentar de alguma forma a vizinhança de estranhos” (CAIAFA, 2003, p. 91), ao citar historiador francês Fernand Braudel, ela mostra que a mesma surge historicamente num grande “*turn-over*” propícia a um meio que se encontra em movimento e grande fluxo. Concebida como um espaço de comunicação e deslocamentos é na antiguidade, após perderem forças para as

capitais imperiais que as cidades se expandem atraindo uma grande diversidade e promovendo a mistura de povos (BRAUDEL, 1979 *apud* CAIAFA, 2003).

Crescendo sempre num espaço de intercomunicações, a cidade existe em função dos circuitos e circulações que cria e são criados, por meio de uma integração, contudo local, apoiada pela tríplice: comunicação, dispersão e circulação. Recebendo constantemente fluxos que alteram seu espaço físico e social, transformando-se e sendo produzida por eles continuamente (CAIAFA, 2003). Para que haja a experiência urbana, é necessário que envolva além da diversidade, uma exposição em algum grau à diferença.

Quando decidimos experimentar esse confronto e nos expor a essas descontinuidades e diferenças mediante as relações que serão construídas, a cidade estende sua ação para além de seus limites e se constitui por esse campo que gera, ou seja, não cessando de ser atravessada por constantes estímulos que são continuamente redistribuídos, assim como seus códigos (CAIAFA, 2003).

Ao pensarmos um pouco nessa escala de análise local se baseando por meio da categoria de lugar utilizada por Doreen Massey, temos que a cidade para a contextura aqui trabalhada poderia se aproximar ao espaço entendido como uma “simultaneidade de estórias-até-então” (MASSEY, 2008, p. 190), e os locais que a integram poderiam ser compreendidos como uma “coleção dessas estórias” (MASSEY, 2008, p. 190), e por conseguinte, cada lugar perfazendo seu próprio conjunto de estórias, permitindo que mediante tais agenciamentos, pontos de conexões; circuitos; trajetórias e encontros sejam produzidos.

O geógrafo Queiroz Filho (2010) nos permite associar essas coleções ao entendermos o lugar sempre como uma versão, quando ele cita Wenceslao Oliveira Júnior (2009) para dizer que pensamos e agimos nele através das imagens e ideias que vão sendo construídas ao longo do tempo, pois ele não existe apenas por si só e também não chega pronto, é somente através dessa “conjuntura¹” (MASSEY, 2008, p. 204) que construímos seu conceito.

Assim, este lugar “deixa de ser estabilidade para ser tarefa inacabada” (QUEIROZ FILHO, 2010, p. 43), ou seja, um produto em constante construção dos “não-encontros, das desconexões, das relações não estabelecidas, das exclusões”

¹ Termo utilizado por Doreen Massey (2008) ao citar Allen *et all*, 1998, p. 59: “Pensar conjunturalmente sugere um ir-e-vir entre diferentes molduras temporais ou escalas, para captar o caráter diferenciador dos processos que parecem habitar o mesmo momento no tempo”.

(MASSEY, 2008, p. 190). Entender essas experiências que acontecem na esfera local é conhecer suas histórias, é poder mover-se entre coleções de trajetórias e inseri-las dentro de nossas construções relacionais.

É a partir dessas negociações, mediadas pela intencionalidade da forma de olhar a cidade, que se observa a possibilidade de entendê-la com este lugar de encontros e produtos de “intersecções” (QUEIROZ FILHO, 2010, p. 43), de histórias em processo; uma constelação particular, aberta, como uma eventualidade espaço-temporal, como mostra uma citação do livro *Pelo Espaço* abaixo:

Isto é a eventualidade do lugar, em parte, no simples sentido de reunir o que previamente não estava relacionado, uma constelação de processos, em vez de uma coisa. Este é o lugar enquanto aberto e enquanto internamente múltiplo não capturável como um recorte através do tempo no sentido de um corte essencial (MASSEY, 2008, p. 203).

Massey nos aponta uma tentativa de investigar este entendimento, o de provocar o lugar como este conjunto de trajetórias, quando leva em consideração ao relatar que até as próprias rochas se movem, quando diz do “lugar como uma sempre-mutante constelação de trajetórias que coloca a questão de nosso permanecer juntos” (MASSEY, 2008, p. 215).

Quando a autora cita que “os lugares colocam, de forma particular, a questão do nosso viver juntos” (MASSEY, 2008, p. 216). Cria-se, então, a possibilidade para compreender que as negociações para tais provocações acontecem no movimento entre identidades em meio ao seu *frenesi*, o que dificulta de certa maneira a criação do caráter elusivo do lugar, visto que, as trajetórias se articulam em diferentes ritmos e pulsam em diferentes compassos.

Essa coetaneidade intrínseca em suas variadas configurações reafirma a diversidade presente no experienciar cidadão, constituído por seu espaço de comunicação singular, e por meio de encontros de desconhecidos a partir da “experiência do estranhamento e o inesperado que a exposição a diferenças impõe” (CAIAFA, 2005, p. 2).

Marcada pela imprevisibilidade mediante um espaço aberto ao qual são frequentadas por desconhecidos, as cidades tornam-se um grande atrativo. Independente das formas como sua configuração urbana seja representada, a

marca pela experiência do estranhamento e o inesperado às diferenças, é o que caracterizam seu universo de comunicação e circulação particular (CAIAFA, 2005).

O antropólogo italiano Massimo Canevacci nos acrescenta sobre os apontamentos realizados a essa forma ao qual a comunicação a constituiu, quando discute em sua obra *Cidade Polifônica*, a forma com que as diversas vozes se cruzam, se encontram, se fundem, sobrepõem-se umas as outras, se contrastam, apresentando harmonias ou dissonâncias que constituem essa pluralidade de possibilidades denominando-a como “polifônica desde a primeira experiência que temos dela” (CANEVACCI, 2004, p. 15).

O geógrafo Rafael Borges quando cita Canevacci em sua dissertação *Geoetnografias do Agir Urbano: Deslocamentos e Fluxos de Experiência na Cidade Contemporânea*, para dizer como o autor discute “experienciar lugares de grande familiaridade, de modo a ter conhecimentos outros, que não os habituais” (CANEVACCI, 2004 *apud* BORGES 2016, p. 39), nos possibilita enxergar, como as variadas maneiras de agir e se permitir conectar com o habitar oportunizam um olhar diferente, principalmente quando direcionados a um novo ângulo que não o habitual.

São permeadas através desses sentidos que Canevacci nos relata as inquietudes presentes ao alegar um habitar quando visto através de um olhar esférico, ao dizer que “todas as experiências podem ser vividas na casa redonda” (CANEVACCI, 2004, p. 174). Diante do exposto, provooco tal argumento ao questionar como seria então pensar a cidade a partir desta nova perspectiva? Ele complementa descrevendo que “todas as regras são desreguláveis. Todos os excessos são admitidos. A forma esférica [...] sugere as infinitas possibilidades de se combinar as fantasias mais secretas, mais obscuras” (CANEVACCI, 2004, p. 174) e é atravessado por tais estímulos que entendo a cidade como este grande território-redes, da qual, múltiplas formas de se experienciar estão sempre entrelaçadas para serem construídas e a cada novo observar, diferentes provocações e sensações são criadas possibilitando novos cenários citadinos.

Janice Caiafa (2003) também nos ajuda a pensar um pouco sobre essas inquietudes, reforçando que por meio das experiências urbanas são possíveis que sejam despertados processos criativos voltados a subjetividade, incluindo que estas por dispersarem recorrências do familiar e focos de identidade, introduzem variações nos seus processos subjetivos, como visto pela citação da autora abaixo:

Entende-se aqui a subjetividade como produção, sendo o sujeito apenas um momento dos fluxos subjetivos em que esses processos se cristalizam numa identidade pessoal. Mas mesmo o sujeito é um episódio dessa subjetividade processual, que não é nunca resultado, mas constante, processo (CAIAFA, 2003, p. 92).

A partir dos pensamentos de Guatarri em *Caosmose: um novo paradigma estético* de 1992 entende-se que a subjetividade apesar de vivida individualmente, é produzida mediante sua relação com os componentes heterogêneos ao qual seu registro social é capturado. Levando em consideração não apenas a história ao qual perfaz a vida do indivíduo, mas também todos os processos que dizem respeito a sua relação com os outros. É através de componentes externos e internos relativizados por constantes processos que se tem a subjetividade não como produto, mas sim produção. Logo, entender os processos que acontecem na cidade, nos permite compreender como os processos subjetivos podem afetar diretamente, produzir desejo e compor esta sintagmática subjetiva.

Dessa maneira, a subjetividade é composta dos mais diversos elementos, como a experiência com o cruzamento de pessoas estranhas nas ruas, por exemplo, e que a partir disso, podem-se gerar estímulos modelizados em afetos, percepções, empatias e muitos outros. E para que haja seu melhor entendimento, faz-se necessário tornar-se mercê de seus componentes heterogêneos, permitindo-se que o imprevisível dos espaços abertos possa despertar provocações (CAIAFA, 2003).

Em meio a todo este processo, Janice Caiafa nos mostra que em detrimentos ao contraste do interior dos ambientes fechados familiares e do pequeno povoado, surgem nas cidades um poderoso “espaço de exterioridade” (CAIAFA, 2007, p. 89), impulsionando para que sua relação com aqueles que a atravessam por circuitos e trajetórias urbanas sejam constantes.

É possível notar essas diferenças de experimentação conforme Janice Caiafa (2005) nos mostra, quando analisados o contraste entre os espaços coletivos e fechados. No primeiro caso, os transportes coletivos, as ruas e as praças, por exemplo, estão constantemente sendo cruzados por desconhecidos e sendo experimentados de algum modo por essa mobilização, por essa exterioridade. Uma característica que se reafirma neste meio, é o fato de ali não sermos facilmente encontrados, diferentemente dos espaços fechados, dos quais o inesperado é algo

que não se é reproduzido; as relações não são mediadas através desse meio de descontinuidades e nossas identidades e inserção social tornam-se mais previsíveis.

Olhando para a cidade, assim como a geógrafa Doreen Massey nos sugere em seu livro, constata-se a possibilidade de entender a compreensão deste espaço mediante uma política antiessencialista, caracterizada como um produto da política de inter-relações, levando-nos a considerar que “o espaço não existe antes de identidades/ entidades e de suas relações” (MASSEY, 2008, p. 30).

Essa política enfatiza a construtividade relacional que “[...] por conseguinte, vai contra um liberalismo individualista, ou de um tipo de política de identidade, que considere essas identidades já [...] constituídas e defenda os direitos ou reivindique a igualdade para essas identidades já constituídas” (MASSEY, 2008, p. 30).

Assim, é percebendo-a como uma esfera dinâmica que ela se torna mutável, com reconhecimento da coexistência simultânea dos outros. Por isso, para que ela seja entendida como um produto da política das inter-relações é preciso que nela exista pluralidade.

Nesse sentido, é necessário que seu olhar não se direcione como um sistema já constituído, mas sim, aberto a experimentações. Deste modo, sempre haverá a possibilidade de se criar novas conexões, pois a todo o momento ela estará em constante construção, possibilitando que as suas relações possam ser estabelecidas ou não, mas sempre permitindo que seu espaço inacabado possa se reconstruir a partir de suas interações (MASSEY, 2008).

Buscando entender melhor essas relações, Caiafa nos leva a um questionamento ao pensá-los quando pergunta qual a natureza destes encontros citadinos? E é utilizando dos pensamentos do filósofo alemão Walter Benjamin que ela se apropria para assimilar o desenvolvimento de alguns modos e relações que são característicos do experienciar a cidade, representados neste caso pelo “choque”, descrito como o resultado de uma nova forma de complexidade que nos encontra por meio da colisão (BENJAMIN, 1995 *apud* CAIAFA, 2003).

O termo surge a partir de estudos realizados pelo médico neurologista e criador da psicanálise Sigmund Freud no ensaio *Além do Princípio do Prazer*, por tematizar tais implicações por meio de um evento traumático ao qual o denomina como percepção-consciência. Esta ideia é adaptada por Benjamin ao passo em que ele atribui valores e percepções particulares para justificar suas postulações a

respeito da criação do que categoriza como choque (BENJAMIN, 1995), como reforça a partir da citação abaixo:

Quanto maior é a participação do fator do choque em cada uma das impressões, tanto mais constante deve ser a presença do consciente no interesse em proteger contra os estímulos; quanto maior for o êxito com que ele operar, tanto menos essas impressões serão incorporadas à experiência, e tanto mais corresponderão ao conceito de vivência (BENJAMIN, 1995, p. 111).

Dessa maneira, é somente a partir da formação da experiência que o sujeito passa a adquirir uma atribuição com significado a respeito de determinado acontecimento, “o mover-se através do tráfego implicava uma série de choques e colisões para cada indivíduo” (BENJAMIN, 1995, p. 124).

Ainda assim, o choque não é atribuído à marca da desorganização ou destruição, mas deve-se pensar em seu papel construtivo ou produtivo também. Desta forma, a fricção pode desafiar o reconhecimento quando traz esse efeito de diferenciação, transformador dos processos subjetivos (CAIAFA, 2003).

Tal relação pode ser vista, em como as grandes cidades possuem como marca a possibilidade de poderem ser afetadas por estranhos, sendo envolvidos pela comunicação que sempre reúne e agencia esses mundos. E quando expostos a heterogeneidade das cidades, a intensificação destas diferenças permite-se criar uma variação muito mais imprevisível (CAIAFA, 2003).

“Deixar-se afetar por estranhos é de certa forma já mudar ou sair um pouco de si” (CAIAFA, 2003, p. 96). A movimentação pelo trânsito e entre as massas urbanas reforça essa dinâmica subjetiva do choque, sendo este ritmo construído na exterioridade das cidades, envolvido por essas experiências subjetivas que se contrastam com os meios fechados.

Para Janice Caiafa, a cidade constitui um espaço de descontinuidades, carregadas de estímulos que constantemente nos provoca. É por sua grande diversidade e trocas de experiências que a convivência com desconhecidos permite criar condições para que o diálogo exista, configurando-se assim uma situação especial de comunicação a partir dessa intensidade urbana.

É devido a essa intensidade que se percebe como a cidade consegue ao mesmo tempo afastar – devido sua heterogeneidade, excesso de estímulos,

oportunidades e ameaças. E também atrair – por seu movimento, sua diversidade que abarca tantos estrangeiros permitindo-a ser de todos ao mesmo tempo (CAIAFA, 2005).

O geógrafo Marandola Jr. e o Demógrafo Ojima, nos apoiam neste pensamento em *Pendularidade e Vulnerabilidades na Região Metropolitana de Campinas*, quando retratam questões do habitar urbano ao dizerem:

Há a necessidade de se investigar como se dão as relações das pessoas com esses lugares, espaços e itinerários, para que possamos melhor compreender como se dá a relação população-ambiente e homem-meio (OJIMA; MARANDOLA JR., 2014, p. 189).

Nesse sentido, é mediante as investigações através da experiência urbana desses lugares, espaços e itinerários, da qual diversas questões podem se tornar mais claras quando pensadas dentro dos aspectos vividos pelas pessoas ao se compreender como estas se articulam e se posicionam dentro do território (OJIMA; MARANDOLA JR., 2014).

Poder entendê-lo, nos ajuda a compreender por que alguns riscos podem ser aceitos, enquanto outros não, e de que forma essa população urbana e suas diferentes formas de habitar, podem se sentir mais ou menos vulneráveis a toda essa dinâmica imposta pela cidade (OJIMA; MARANDOLA JR., 2014).

Marandola Jr., em sua tese *Habitar em risco: Mobilidade e Vulnerabilidade na Experiência Metropolitana*, nos diz que “habitar [...] envolve enfrentar riscos, buscar o lugar, estabelecer relações, constituir o mundo circundante e carregá-lo nos deslocamentos” (MARANDOLA JR., 2008a, p. 197). Deste modo, ele nos possibilita pensá-lo de diferentes formas a partir das intensidades que sucedem esse envolvimento com a cidade, mediante a “construção de significados, identidades e envoltimentos geográficos” (MARANDOLA JR., 2008a, p. 197).

Todas essas construções podem ser associadas pela forma como a distribuição espacial das cidades estão ligadas direta e indiretamente a todos os processos que relacionam a vida social e suas interações espaciais em diferentes escalas, contemplando desde deslocamentos cotidianos até grandes fluxos migratórios, além de envolver a própria mecânica do dinamismo, através das mudanças, deslocamentos, redistribuições, vazios etc. (MARANDOLA JR., 2011). É mediante esta conjuntura que se percebe como as experiências cidadinas que

ocorrem diariamente no habitar possuem reflexos que se estendem as relações com a mobilidade, considerada um fenômeno tão expressivo da sociedade atual.

O antropólogo francês Marc Augé nos mostra como este fenômeno – ao qual o chama em seu livro *Por uma Antropologia da Mobilidade* de sobremoderna – dissocia-se em meios aos movimentos das populações, nas comunicações em geral e nas circulações de imagens, informações etc. Expressando a grande profusão de estímulos que traspassam e perfazem as cidades gerando uma complexidade para com seu entendimento.

É a partir dessas indagações que se percebe como o cotidiano urbano se preenche atravessado de novas coerências, conexões, ambiguidades e contradições (BORGES, 2016). Refletindo assim, em uma vida urbana que se transfigura cada vez mais de forma que a experiência de estranhamento da cidade com seu cidadão nos propicie despertar a sensação de que a estamos perdendo.

As consequências dessa fragilização à infraestrutura, acessibilidade e mobilidade evidenciam as carências urbanas e sociais que compõem sua expansão. Assim, tais processos podem resultar em alterações na distribuição espacial como a atração, expulsão ou retenção, produzindo rebatimentos às pendularidades e segregações urbanas, tais como, na mobilidade e nos transportes, acarretando em diferentes modelos de se experienciar a cidade a através de fatores que ela nos propõe a se relacionar (OJIMA, MARANDOLA JR., 2014).

Portanto são reforçados através dos pensamentos das antropólogas urbanas Cornélia Eckert e Ana Luiza Rocha, através de seu artigo *Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana*, que para entender a cidade é necessário torna-se parte dela, de seus ritmos, é se perder na multidão, fundir-se aos espaços, se localizar em meio as prosas cidadinas locais, é aprender a pertencer ao território como sua própria morada, lugar de intimidade e também acomodação; é inteirar e vivenciar o itinerário, com afetividade, através dos momentos de repouso, é também experienciar a ambiência e sentir as sensações e estímulos que são provocados cujos caminhos, cores, cheiros e ruídos nos fazer sugerir percorrer distintas direções e sentidos que se configuram em seu espaço (ECKERT; ROCHA, 2001).

O simples ato de andar pela cidade é uma estratégia para se permitir interagir com a população com a qual cruzamos na rua; é visível que ela se compreende um lugar de trajetos, ações e seguir seus itinerários é se perguntar

sobre os espaços evitados, evocar do próprio movimento temporal desta paisagem urbana no espaço que se faz fluída e fugaz a alusão (ECKERT; ROCHA, 2001).

Portanto, assumir essas premissas para o entendimento da cidade é poder olhá-la a partir de suas pluralidades e relações construcionais que viabilizam diferentes maneiras do viver citadino quando produzidos a partir da experimentação, observação, comunicação e tantos outros fatores que são proporcionados por seu espaço aberto e produtor de exterioridade. Entender que é por meio da categoria de lugar que versões e coleções de histórias em meio à constelação de trajetórias urbanas podem ser concebidas, nos ajuda a pensá-la em suas vinculações e subjetividades com o estranhamento e imprevisibilidade causados devido à exposição às diferenças pelas quais a cidade é incessantemente atravessada.

1.2 SOBRE O RECORTE ANÁLITICO ESCOLHIDO

O habitar urbano é um passo importante para a melhor compreensão da experiência [...] e da tensão ambiental vivida cotidianamente pelas populações. Ele também poderá revelar por que determinados riscos são aceitáveis, enquanto outros não, e em que aspectos as diversas populações urbanas (em suas variadas formas de habitar) são mais ou menos vulneráveis a toda essa dinâmica [...] posta em tela (OJIMA, MARANDOLA JR., 2014, p. 189).

É por meio dessa citação do geógrafo Eduardo Marandola Jr. e do Demógrafo Ricardo Ojima, presente no artigo *Pendularidade e Vulnerabilidades na Região Metropolitana de Campinas*, que inicio explicitando sobre o recorte analítico aqui tratado como sendo um estudo e aprofundamento para entender um contexto em específico dessa cidade múltipla e aberta. Dessa maneira, o contexto então a ser tratado busca compreender como as relações de sociabilidade e/ou convívios com a indiferença são criados em meio a esses espaços de vida urbanos.

De acordo com o sociólogo francês Jean Paul Thibaud em *A cidade através dos sentidos*, as cidades em meio às variadas transformações que vêm sofrendo estão redesenhando sua aparência e emergindo dela novos contextos de sensibilidade. Dentre essas mudanças, percebe-se o crescente interesse pelo ambiente sensorial dos espaços habitados focados cada vez mais em suas

percepções, corpos, sensações, ambiências e trajetórias estando todas diretamente relacionadas às experiências urbanas dos sujeitos.

A interpelação do corpo e os sentidos passam a ser considerados no campo da investigação permitindo que novas histórias possam ser contadas, medidas do espaço vivido experienciadas e desenhos da arquitetura arranjados pelas sensações emergidas do lugar. Se valer destes preceitos para redefinir um pensamento de mundo que se constrói a nossa volta é questionar o imaginário social e tornar propícia uma nova maneira de perceber a cidade e o poder afetivo dos lugares tomando como partida os espaços de vida e seus sentidos (AUGOYARD, 1979; THIBAUD, 2012).

Assim, percebe-se como algumas questões voltadas as várias formas de habitar os espaços de vida urbanos a partir da consistência da experiência geram distintos meios de vulnerabilidades, exposições, acontecimentos, enfrentamentos aos riscos, encontros, passagens e afetividades que são transpassados e evidenciados por meio de seus fluxos e caminhos.

Partindo destes apontamentos, verificam-se como estas formas podem mostrar indícios e divergências nas maneiras de envolvimento com os lugares e pessoas, diferentemente daquelas atividades que não permitem tal experimentação, como no caso dos ambientes fechados que possuem seu espaço limitado ao cercado e estrategicamente localizado com acessibilidade para dirigir-se aos automóveis (OJIMA, MARANDOLA JR., 2014).

Os espaços públicos são os locais onde é possível promover a socialização e o encontro de pessoas diferentes entre si, trazendo pessoas para a rua, ou seja, para o âmbito público. O arquiteto Thomas Cullen, em seu livro *Paisagem Urbana*, nos ajuda a pensar assim, pois aborda sobre as sensações do ser humano referentes à posição do nosso corpo em relação ao ambiente que estamos. Segundo ele, lidamos com um leque de experiências decorrentes dos impactos de exposição e clausura, sendo instintivo o corpo ter como referência o ambiente em que se encontra.

Em contraposição, os ambientes fechados já possuem sua dinâmica dada e imposta, a alteridade da cidade não consegue fazer com que a imprevisibilidade desperte subjetividades e sensações adversas, pois ele já é experienciado da maneira como deve ser, sem que haja nenhum grau ou exposição à diferença.

De acordo com Eduardo Marandola Jr. em *Mobilidades Contemporâneas: Distribuição Espacial da População, Vulnerabilidades e Espaços de Vida nas Aglomerações Urbanas*, outro fator importante que ajuda a promover circunstâncias que entretêm a vida social e suscitam variadas formas de interação seja de maneira direta ou indireta para poder começar a perceber os diferentes modos que podem ser vivenciados nos espaços de vida urbanos, está ligada a distribuição espacial da população, na escala de análise da cidade, tendo como o intuito, verificar que características podem ser relacionadas a partir deste agir, como complementa o trecho abaixo citado pelo autor:

A distribuição espacial perpassa, desde deslocamentos cotidianos no bairro até os grandes fluxos migratórios e quando [...] associada à ideia de interações espaciais e de mobilidade social, envolve a própria mecânica do dinamismo da sociedade: deslocamentos, mudanças, redistribuições, relações, composições, densidades, vazios, espaços de conexão, intervalos, fronteiras (MARANDOLA JR., 2011, p. 96).

Nesse sentido, refletindo como será tratada a noção de espaço de vida, é associando ao significado de viver citadino que diferentes formas de experiência podem ser auferidas pela forma como o indivíduo permite que a cidade lhe promova experimentações. Diante do exposto, ratifica-se seu entendimento como sendo constituído por todos os itinerários e lugares que as pessoas trafegam e percorrem durante todo o seu dia, ou seja, por onde elas desenvolvem o seu cotidiano.

A necessidade de entender a relação das pessoas com esses itinerários, lugares e espaços torna-se significativa para compreensão de como se constitui seus vínculos e conexões em meio aos múltiplos locais presentes na cidade. Por meio desta investigação, mediações de práticas afetivas de sociabilidade e de convívio com a indiferença podem ser observadas partindo das ações constituídas em seu campo heterogêneo, assim como, da tensão vivida por esses agentes.

Dessa forma, entendendo também o espaço através do binômio “aqui” e “agora” tratado pela geógrafa Doreen Massey que noto a possibilidade de o associar aos apontamentos já realizados a respeito desses múltiplos locais. Para a autora, o “aqui” é visto “onde as narrativas espaciais se encontram ou formam configurações,

conjunturas de trajetórias que têm suas próprias temporalidades” (MASSEY, 2008, p. 201), ou seja, ele corresponde ao nosso encontro e o que dele fazemos.

Referir-se ao “agora” é tão problemático quanto “aqui”, pois o “aqui” não será o mesmo, quando não for mais “agora”. “Mas onde as sucessões de encontros, as acumulações das tramas e encontros formam uma história” (MASSEY, 2008, p. 201). Conseqüentemente geram-se assim os retornos, sendo determinado como o lugar que se transformou, a forma como afetamos e somos afetados pelo outro, ou seja, um processo criado dentro do espaço-tempo por meio da diferenciação de temporalidades que permite surgir essa continuidade, essa camada com acréscimo de novos encontros e passagens.

Ao dizer que parte da criação da identidade e sua relação com o local emergem através de profusas interconexões, a escritora cita Gupta e Ferguson, por meio do artigo *Mais Além da Cultura: Espaço, Identidade e Política Da Diferença*², para descrevê-la como “um processo histórico compartilhado que diferencia o mundo ao conectá-lo” (GUPTA; FERGUSON, 1992 *apud* MASSEY, 2008). Assim, verifica-se que as formas de experiência que são afloradas pelas construções relacionais e suas transformações para com o local, concebem um olhar particular pela forma com que cada agente se conecta e se permite vincular a este mundo.

Buscando entender como diferentes experiências afetivas e vínculos podem surgir em meio a esses múltiplos locais quando correlacionados as inúmeras práticas de sociabilidade e indiferença que podem ser constatadas, a doutora em ciência política Maia Rousiley, em seu artigo *Sociabilidade: apenas um conceito?*, traz-nos baseada pelos preceitos dos sociólogos alemão e francês, respectivamente, George Simmel e Michel Maffesoli, que não há na prática sociabilidade pura. Trabalhando com o pensamento de que seu entendimento pode ou não possuir um fim definitivo em sua construção, assim como seu conteúdo pode ou não emergir das próprias relações.

O sociólogo e antropólogo David Le Breton, em seu livro *Paixões ordinárias: antropologia das emoções*, nos baliza ao entender o homem estando ligado ao mundo por um permanente tecido de emoções e sentidos. A afetividade mobiliza, e encarna para o senso comum um refúgio da individualidade, um jardim secreto onde se firmaria uma interioridade nascida da espontaneidade sem defeito. Portanto, esta

² Tradução livre do original: *Beyond Culture: Space, Identity and the Politics of Difference*.

torna-se a diferença entre a sociabilidade e outras formas de intenção para com os pensamentos de Simmel, ou seja, é lúdico ou informal, por que sua relação não está subordinada a um conteúdo prévio.

Assim, o autor vê a afetividade como a menção de um meio humano e de um universo social de sentidos, é a incidência de um valor pessoal confrontado com a realidade do mundo. Por que para Simmel, a “realidade” é exatamente isto que não se define senão enquanto processo e produto de relações recíprocas. Nada existe para além delas, por mais que seus conteúdos possam se autonomizar.

Cada gesto só adquire sentido quando compreendido na sequência de outros gestos, e esses, por sua vez, devem ser compreendidos à luz de um contexto maior de gestualidade entranhado no contexto da cultura local. O corpo não é passivo da cultura, é uma forma ativa de interpretação e expressão, de acordo com o meio, mas de forma singular conforme cada apropriação (LE BRETON, 2009).

O sociólogo brasileiro Gabriel Cohn, por meio do seu artigo *As diferenças finas: de Simmel a Luhmann*, afirma que “determinados padrões de interação destacam-se dos conteúdos (sentimentos, impulsos) que de certo modo lhes davam vida e passam a operar por sua própria conta, como receptáculos para relações que se ajustam a eles” (COHN, 1998, p. 5), assim a partir do exposto, é possível perceber como a dinâmica da experiência vivida torna-se importante para a forma que alguns comportamentos e modos sociais se configuram em meio às ressonâncias rebatidas por cada indivíduo.

A compreensão da experiência da vida de modo não totalizado é a maneira como George Simmel retrata sua investigação pela sociedade quando reforça suas fragmentações, dispersões e migrações que comumente ocorrem nos âmbitos microcósmicos do ambiente social (MAIA, 2001). O jeito de examinar essa realidade social, dentro de seus preceitos, enquadra a sociedade como um conjunto de formas padronizadas e as relações que estas possuem entre si.

E para melhor entendimento dessas categorias organizadoras da vida social, Rousiley Maia, em seu artigo, cita o modo como Simmel correlaciona às formas e procura localizar “congruências sistemáticas entre elas, no intuito de inferir desse exercício algo que não é diretamente observável na realidade empírica” (MAIA, 2001, p. 7). Olhando através deste sentido para a organização e trazendo-a para sua relação com o espaço de vida, é perceptível como cada fenômeno social possui

uma gama de multiplicidades de processos formais que o constituem, levando ainda em consideração que sua contribuição particular não é possível de ser conhecida visto que nenhuma se encerra exclusivamente nela.

A autora chama atenção pelo fato de que as formas se desenvolvem na interação, contudo ressalta que esse processo de criação não restringe o comportamento dos atores presentes, mas sim que ambos se modificam e recriam os elementos presentes. Ao citar Friedrich Tenbruck através do artigo “*Formal Sociology*”, ela completa dizendo que mesmo os indivíduos seguindo “práticas rotinizadas e padrões institucionalizados de comportamento” (MAIA, 2001, p. 8) estes introduzem conteúdos particulares que redesenham a situação proposta. Entendendo assim que, “as formas operam sobre os atores e os atores sobre elas” (MAIA, 2001, p. 8).

Quando estas formas são levadas dentro da noção de padrões de interação, entende-se que estas “não podem ser reduzidas a processos que ocorrem no interior do indivíduo envolvido, uma vez que transcendem as motivações subjetivas, os interesses, as intenções e os impulsos puramente internos dos agentes” (MAIA, 2001). Ou seja, a relação que é desenvolvida com os espaços das cidades, aqui pode ser entendida como o conjunto de decoro ao qual é preenchido ao longo das histórias e envolvimentos que são criados por cada um dos indivíduos.

Da mesma forma, Gabriel Cohn fala de George Simmel para evidenciar as dificuldades que são encontradas para assegurar a reciprocidade das ações em meio à sociedade moderna, visto que o desenvolvimento das variadas formas de cultura sempre é associado e acompanhado de diversos níveis de diferenciação, dominação, abstração e funcionalização (COHN, 1998).

George Simmel, em seu artigo “*A metrópole e a vida mental*”, de 1973, reitera essa ideia de que a vida moderna agravou alguns problemas como a autonomia e individualidade das pessoas. E retrata um efeito que acontece principalmente nas grandes cidades chamado de *blasé*. Essa atitude se caracteriza por estimular o sistema nervoso do indivíduo até seu ponto mais alto de realização, chegando ao ápice. “Nesse fenômeno, os nervos encontram na recusa a reagir a seus estímulos a última possibilidade de acomodar-se ao conteúdo e à forma da vida metropolitana” (SIMMEL, 1973, p. 6).

Esse efeito se resulta de rápidas mudanças e concentração que são impostos aos nervos gerados por meio dos estímulos adversos do lugar. Um exemplo a ser utilizado é quando visto para a reação das crianças dos meios rurais para com os urbanos, a diferença de sinergia que é absorvida por ambas e a quantidade de novas sensações com essa energia apropriada é que constituem essa atitude *blasé* (SIMMEL, 1973).

Desse modo, aqueles que são submetidos a ela acabam criando uma autopreservação e um comportamento social não menos que negativo. Por conseguinte, “O caráter inconsciente, fluido e mutável dessa impressão parece resultar em um estado de indiferença. Na verdade, tal indiferença seria exatamente tão antinatural quanto à difusão de uma sugestão mútua indiscriminada seria insuportável” (SIMMEL, 1973, p. 7). A partir dos relatos do autor, é possível assimilar que mesmo a população da cidade estando carregados de grandes estímulos, esses podem ser incapazes de possibilidades de experiências, ou seja, seu modo de socialização, como mostra abaixo a citação do autor:

A extensão e composição desse estilo de vida, o ritmo de sua aparição e desaparecimento, as formas em que é satisfeito tudo isso, com os motivos unificadores no sentido mais estreito, formam o todo inseparável do estilo metropolitano de vida. O que aparece no estilo metropolitano de vida diretamente como dissociação na realidade é apenas uma de suas formas elementares e socialização (SIMMEL, 1973, p. 7).

George Simmel, em *As grandes cidades e a vida do espírito*, de 1903, também traz diversos argumentos sobre os vínculos sociais nas cidades em meio à influência que a grande cidade moderna nos causa, fazendo a correlação entre a metrópole e o indivíduo, e como isto é refletido na vida mental de seus habitantes. Para estas situações, o autor destaca a compreensão da cidade a partir da interação psíquica entre os sujeitos tendo no social apenas as reflexões das relações já consolidadas, ou seja, ele mostra experiências que são conduzidas no espaço urbano para novas memórias e afetividades serem transformadas.

Para esse contexto de análise, Simmel aponta que toda expansão dinâmica realizada se torna base para um novo patamar e isso acarreta no aumento dos espaços de vida a partir do crescimento e desenvolvimento individual. Assim, a

cidade pequena cria uma esfera pequena e fechada em si mesma, enquanto as grandes cidades permitem que a vida interior do indivíduo se espraie, tornando o território mais amplo, ultrapassando seu imediatismo (SIMMEL, 2005).

Contudo, em meio a todas essas dinâmicas que acontecem nas cidades e conseqüentemente alteram seus espaços de vidas urbanas, percebe-se que a qualidade de vida das pessoas também vem sofrendo alterações significativas que resultam em novos padrões sócios demográficos e espaciais, que incidem diretamente nesta perspectiva. Para melhor compreensão das formas como essa nova distribuição espacial da população pode gerar diferentes implicações nos contextos locais, torna-se essencial assimilar o espaço a partir de suas mobilidades e vulnerabilidades (MARANDOLA JR., 2011).

A vulnerabilidade pode ser encontrada tanto nos lugares quanto nos deslocamentos, da mesma forma que os ricos se fazem presente tanto na pausa quanto no movimento, sendo que a relação entre mobilidade e vulnerabilidade fica evidente seja em termos espaciais ou sociais (MARANDOLA JR., 2011).

Uma grande parcela da população estrutura sua vida diária nesta correlação dos ambientes que são controlados, ou seja, intramuros, evitando assim a possibilidade de encontro com o outro (OJIMA, MARANDOLA JR., 2014). A fragmentação do tecido, por sua vez, potencializa os diferentes riscos presentes no espaço de vida urbano e as relações que ocorrem em seu interior, que são desenhados diariamente pela familiaridade que é tratado cada um de seus casos.

Esses espaços vêm aumentando consideravelmente, gerando assim seu esgarçamento, que é entendido aqui como o distanciamento das atividades diárias para com seu espaço de vida. Se antes as atividades aconteciam numa circunscrição de território menor, onde as ideias de comunidades poderiam ser mais bem trabalhadas e tratadas dentro de um contexto local, agora, as atividades se amplificam para além deste espaço, dificultando nosso posicionamento, trazendo uma grande gama de informações mediadas por várias mãos, fugindo assim da cognição humana (MARANDOLA JR., 2011).

O arquiteto e urbanista Nestor Reis complementa sobre essa questão em seu livro *Notas sobre urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano*, ao dizer como os processos de dispersão urbana que acontecem devido ao esgarçamento do tecido da cidade, alteram as dinâmicas e relações com o território,

fazendo com que as atividades se tornem mais distantes devido as novas configurações que o espaço passa a tomar. Dessa maneira, observam-se as transformações nos modos de articulação espacial e temporal que são revelados pela forma como essas reestruturações são consolidadas no meio urbano, além dos novos modos de vida que passam a propiciar diferentes ritmos e dinâmicas com os ambientes locais.

Nesse sentido, outro movimento importante que influencia tais agenciamentos, devem-se as escolhas individuais e seu estilo de vida que desempenham essa estruturação da vida diária, também conhecida como “rítmico cotidiano” ou o termo pendularidade.

Assim, os deslocamentos pendulares tornam-se um fator essencial para entender essas novas aglomerações urbanas acompanhadas da dispersão das atividades, permitindo novas relações com outros municípios. Todavia, resultando em relações frágeis e deixando as pessoas mais vulneráveis, desprendidas de alguma relação que as identifiquem o local (OJIMA, MARANDOLA JR., 2014).

Os ritos sociais contribuem para criar delimitadores de permanência no território, o reforço de relações solidárias, como família e amizade, estabelece-se em redes, ficando dispersos, não possuindo a figura da comunidade. Esta se torna dificilmente reestabelecida, a figura que reproduz segurança, identidade e sentimento de pertencimento. Contudo, o individuo ainda mantém alguns lugares de referência, pois esta é uma condição da humanidade vulnerável, “o conhecimento territorial e o envolvimento com o lugar são essenciais no enfrentamento e na constituição de estratégias coletivas de resposta e sensação de segurança (MARANDOLA JR., 2011, p. 100-101)”.

Nos trajetos entre os lugares, o efeito “túnel” cresce em meio às viagens diárias, pois as pessoas trafegam grandes distâncias e não estabelecem contato algum com o espaço em que percorrem. Muitas vezes devido o cansaço, sequer fazem o contato visual, realizando seus caminhos cochilando ou de cabeça baixa até o ponto de parada. Este espaço que o homem não faz parte é perigoso e não possui mecanismos de proteção ligando a comunidade ao lugar, ali o homem encontra-se mais vulnerável e está “solto no mundo” (MARANDOLA JR., 2011).

A mobilidade, portanto, é um dos fenômenos que operacionaliza a fragmentação do eu (dimensão existencial) entre a comunidade, desagregando

recursos (sociais, culturais, financeiros e espaciais) e contribuindo significativamente para o aumento da vulnerabilidade não apenas diante de riscos ambientais, mas também dos demais perigos que atingem as populações metropolitanas (MARANDOLA JR., 2011, p. 101).

É identificando a mobilidade que será possível compreender os enfrentamentos que surgem das relações para resultarem em diferentes riscos. Mobilidade não é sinônimo de vulnerabilidade, e isso era depender não apenas do contexto socioespacial e demográfico, mas a escala de relação com as situações específicas e seus riscos e perigos (MARANDOLA JR., 2011).

Como forma de caracterizar e ajudar a tecer quadros gerais a respeito dos padrões de mobilidade é necessário aproximar a escala, e para isso, utilizo a noção de espaço de vida como forma de objetivar movimentos pessoais e conectar os fenômenos da escala vivida à escala demográfica (MARANDOLA JR., 2011).

1.3 DELINEAMENTOS METODOLÓGICOS

Para a construção da metodologia de análise, procurou-se utilizar uma forma clara de apresentação de todas as possíveis impressões e dados que fossem coletados através das ocorrências observadas durante o período em campo. Dessa maneira, a Teoria da Deriva, a Psicogeografia e a Construção de Situações foram empregadas como eixos balizadores e inspiradores para produção de **Cadernos de Campo** que serão utilizados como método para investigar os espaços de vida urbanos quando vinculados com as experiências proporcionadas por estes devires.

Os cadernos serão constituídos por três camadas que compreendem: os *relatos de campo (camada 01)* baseados pelas experiências dos percursos propostos; os *mapas polifônicos afetivos (camada 02)* como uma das formas de reprodução dos elementos emergidos pelos lançamentos a deriva e os *epílogos sensíveis (camada 03)* das *Vianas* a serem criadas. Tais protocolos servem para complementar e entrelaçar as correlações e práticas de sociabilidade e indiferença que poderão ser percebidas entre os espaços de vida urbanos através do meu corpo vetor que agenciará e mediarão tais relações.

Os apoios centrais destes delineamentos são embasados pela Arquiteta e Urbanista Paola Jacques em seu livro *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*, no qual traz que o movimento da Internacional Situacionista (IS) já

adotava pensamentos de ir além da arte, passando então, a abordar questões relacionadas sobre a vida cotidiana em geral ligada à arte, e em particular, da arquitetura e urbanismo com ênfase na crítica ao funcionalismo moderno, através da relação direta com a cidade e a vida urbana em geral.

O movimento da IS criado pelo fundador Guy Ernest Debord e influenciado pelo movimento Dadá e também pelo Surrealismo, já anunciavam pensamentos voltados para a psicogeografia, à deriva e também a construção de situações. “Sabe-se que no princípio os situacionistas pretendiam, no mínimo, construir cidades, o ambiente apropriado para o despertar ilimitado de novas paixões. Porém, como isso evidentemente não era tão fácil, vimo-nos forçados a fazer muito mais” (JACQUES, 2003, p. 18).

Dessa maneira, o conceito utilizado para compreender a deriva, baseia-se por se tratar de uma postura de passagem rápida por variados lugares que se mistura com a influência do cenário, entendendo o espaço como um campo a se decifrar a partir da experiência direta, pois aqueles que se permitem percorrer por seu trajeto possuem como finalidade emergir deles elementos ao caso. Assim, o andar da deriva demanda que seus indivíduos estejam abertos “ao reconhecimento dos efeitos da natureza psicogeográfica e à afirmação de um comportamento lúdico-constructivo” (JACQUES, 2003, p. 87).

Para chegar a esta situação, os situacionistas verificaram que a psicogeografia estava diretamente ligada à deriva, sendo aqui definida como um “estudo dos efeitos exatos do meio geográfico conscientemente planejado ou não, que age diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos” (JACQUES, 2003, p. 22). Podendo assim, ser entendida como uma geografia afetiva, subjetiva, que tem como fim a busca por uma cartografia dessas ambiências psíquicas emanadas através dos lançares a deriva que são apropriados no espaço urbano por meio da ação de um andar sem direção determinada.

A autora faz uma relação de ambos em seu livro, ao dizer que “a psicogeografia estuda o ambiente urbano, sobretudo os espaços públicos, através das derivas e tentava mapear os diversos comportamentos afetivos diante dessa ação básica do caminhar pela cidade” (JACQUES, 2003, p. 22). Dessa maneira, percebe-se como a ação do caminhar pela deriva também assume essa característica psicogeográfica no corpo vetor atuante.

No que diz respeito à ideia de construção de situações, o texto apresenta que o mesmo é uma realização contínua, que emerge através das passagens de um ambiente para o outro, bem como os conflitos que podem aparecer por meio da relação que o cenário material da vida e os comportamentos por eles provocados e alterados podem criar. O pensamento situacionista estaria então embasado na ideia de construção de situações entendendo-a como “um momento da vida, concreta e deliberadamente construída pela organização coletiva de uma ambiência unitária e de um jogo de acontecimentos” (JACQUES, 2003, p. 21).

O entendimento para a forma com que a “experiência” será adotada para a realização de tais práticas, será balizada por meio dos pensamentos do filósofo Jorge Larrosa em *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, ao qual compreende que “a experiência é o que nos passa, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (LARROSA, 2002, p. 21). Acrescentando ainda, como mostra o trecho abaixo:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 24).

Debruço também pelos pensamentos do geógrafo Eduardo Marandola Jr. por meio de seu artigo *Mapeando “londrinas”: imaginário e experiência urbana*, para reforçar os apontamentos realizados e poder perceber ainda mais o campo, quando ele diz: “optei por caminhar e ouvir a cidade, deixando-me, tanto quanto possível aberto a ouvir sua revelação” (MARANDOLA JR., 2008, p. 1), sendo esta forma de pensamento uma premissa a se permitir adentrar por esses caminhos a serem trilhados. O autor ainda complementa seu pensamento da seguinte maneira:

Busquei nos encontros e na prática de um andarilho, andando e contemplando, inquirindo dos ambientes e das paisagens, as diversas “londrinas”, ou seja, as diversas experiências e existências da e na cidade (MARANDOLA JR., 2008, p. 2).

Dessa maneira, seja como território de passagem, chegada ou algo ainda para acontecer, o sujeito da experiência se define por sua passividade, receptividade e disponibilidade, por sua abertura (LARROSA, 2002). Com isso, os efeitos psicogeográficos encontram maiores ascendências para serem exteriorizados pelos espaços da cidade, tornando este sujeito “ex-posto”, e também mais propício aos riscos e vulnerabilidades presentes, complementando ao citar que:

Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ex-põe. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe aconteça, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre (LARROSA, 2002, p. 25).

Eduardo Marandola utiliza em seu texto para explicar que as diferentes londrinas são criadas pela forma com que cada indivíduo permite que as infinitas experiências da cidade o interpelem. Assim, correlacionando com o saber da experiência tratada por Larrosa, temos que este “é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna” (LARROSA, 2002, p. 27), ou seja, as diferentes Londrinas que existem são frutos das várias experiências criadas por cada indivíduo em seu espaço.

Por isso, os caminhos a serem percorridos terão a experiência como carga adquirida através dos trajetos que serão realizados, inspirados pelos eixos de pensamentos trabalhados pelos situacionistas, tendo as experimentações como frutos dessas vivências e os registros que foram auferidos e revelados pelos rumos que a deriva tomou para o descobrimento das minhas diversas *Vianas*.

Dessa forma, os **Cadernos de Campo** serão constituídos por três camadas que irão compor todo o seu corpo de análise baseado por cada lançamento à deriva proposta na pesquisa, sendo estes entendidos como:

Camada 01 – Relatos de campo:

Descreverão inicialmente as experiências e observações auferidas pelo pesquisador durante os caminhos trilhados na deriva afetados pela sensibilidade psicogeográfica que as situações ao acaso propiciarão a aflorar. As narrativas que serão geradas configurarão os frutos poéticos dos desvelamentos criados através

dessas novas formas de percepção do espaço urbano polifônico que terão o corpo como agenciador dessas relações.

A ideia de engajamento desse corpo por meio do percurso aqui tratado pretende colocá-lo em um jogo onde sua presença é quem o legitima na busca por essas geografias intersticiais que são reconhecidas por um território que não se encerra em medidas métricas, mas sim permite que a corporeidade no devir de seu movimento a reinvente.

As técnicas utilizadas durante os processos de imersão terão pontos de partida já pré-estabelecidos que servirão de marcos iniciais para a aplicação dos dispositivos propostos. Por conseguinte, as formas de análise para os cadernos terão como base as seguintes premissas:

I. Três lançamentos à deriva realizados em períodos e dias distintos, todos partindo do mesmo marco inicial, tendo duração mínima de duas horas com seu trajeto mapeado pelo aplicativo *Runtastic*;

O uso do aplicativo tem o intuito de servir como um marcador do espaço-tempo durante os caminhos que serão trilhados, dessa forma, enquanto as rotas acontecerão mediante protocolos já pré-determinados, todo o percurso do trajeto, assim como o tempo de duração, ficarão registrados como dados para posteriormente serem transpassados para um mapa escalonado em tamanho adequado. Seu uso é importante para análise e será realizado assim que se pretender começar a deriva, pois permite que o pesquisador que se propor a tal construção de situação não se prenda a quais caminhos estarão sendo percorridos para posterior registro, mas sim, possibilite que sua postura a essa experiência da cidade seja ainda mais intensa e demasiada.

II. O primeiro lançamento será sempre realizado através do andar a partir do contrafluxo da grande massa que estiver se locomovendo, categorizado aqui como “deriva do contrafluxo”;

O fundamento para a escolha desta primeira proposição se da pela procura no olhar de um trajeto que vai de confronto ao que a maioria das pessoas estarão realizando. Assim, em meio ao vai e vem diário, perpassado pelos movimentos efêmeros que caracterizam o espaço urbano, é utilizando o corpo como um vetor de

ativação que modifica e ressignifica o espaço, que vejo no contrafluxo uma oportunidade de ver outros movimentos presentes nele que caracterizam suas relações diárias de uso e ocupação dos espaços de vida, pois “são as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são essas experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes que reinventam esses espaços em seu cotidiano” (JACQUES, 2008, p. 2).

III. O segundo lançamento sempre será realizado estaticamente, tendo como base o marco inicial, e categorizado como “deriva parada”;

O argumento usado para embasar essa forma de deriva se inspira pela maneira como a doutora em Psicologia Janaína Bechler em sua tese *Deriva Parada: Experiência e Errâncias Urbanas* trabalhou tal questionamento ao entendê-la como uma forma de quebrar a lógica hegemônica do andar pela cidade. Assim, a proposição se dá em um trajeto por meio de um olhar lançado na concavidade a partir das relações que se interpelam através deste corpo estático, marcado pelo caminhar no olhar do outro anônimo e ordinário, uma experiência passageira do outro, onde apenas a exposição inerte do pesquisador sirva como presença para entender aquele espaço de vida urbano que surge e acontece ao seu redor. Dessa maneira, os fluxos de convívios coletivos e individuais passam a ser percebidos apenas pelo modo como os outros o relacionam;

IV. O terceiro e último lançamento será realizado a partir da construção de um mapa afetivo feito pelo Outro, inspirado pelas técnicas situacionistas ao experienciar uma cidade utilizando o mapa de outra. Dessa maneira, o caminho será construído a partir dos pontos referências afetivos de alguém escolhido, categorizando tal ação como “deriva do Outro”;

Essa premissa de trajeto se sustenta como outra maneira de possibilitar redescobrir a cidade através da experiência baseada no mapa afetivo do Outro, e assim, conseguir poder emergir desse caminho, ainda mais elementos que oportunizem a criação de uma nova mediação com o espaço urbano da cidade. Aqui, o intuito é usar um itinerário de vivência diário do Outro como protocolo para assumir a postura proposta neste dispositivo utilizando meu corpo vetor como mediador desta experiência.

V. A captura das fotos será realizada por meio de um aparelho chamado *Remote Shutter* que é conectado ao celular através do *bluetooth*, funcionando por meio de cliques que direcionam as imagens para seu rolo de câmera. Seu uso servirá para que a ação de recolhimento das imagens nos lançamentos seja feita da forma mais imperceptível possível, permitindo apenas que o próprio corpo sirva como instrumento para tais arbitragens e que o processo de registro não incite diferentes formas de se usar ou perceber o espaço por seus usuários;

Os materiais aqui gerados servirão para expandir os entendimentos das observações qualitativas que serão construídas com os lançamentos para cada uma das situações propostas, além de ajudar a compreender quais as dinâmicas e subjetividades que poderão criar afetos em meios aos diferentes trajetos e horários estipulados. Assim, a imersão aos acasos como cita Paola Jacques (2003, p. 88) “são fundamentalmente diferente dos do passeio [...] tendo a reduzir tudo à alternância de um número limitado de variantes e ao hábito”.

Camada 02 – Mapas Polifônicos Afetivos

Terão como base a forma de entendimento da psicanalista Suely Ronilk por meio de seu livro Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo, que terão o intuito de representar as marcas deixadas por esses percursos em meio à exposição do observador, ou seja, a corpografia subjetiva alcançada.

A metodologia de desenvolvimento para sua aplicação neste trabalho entende-os como um conjunto de caminhos a serem percorridos, pois dessa maneira, sua construção será realizada mediante os agenciamentos que a “exposição” a deriva propuser a incitar, permitindo que os elementos pelo campo aflorem e possibilitem representá-lo conforme o impacto gerado no sujeito vetor.

Assim, o mapa será fruto da decorrência das experiências ocorridas na cidade sendo permeadas pelas sensações dos lançamentos, tendo como resultado um registro afetivo por meio das palavras que mais forem percebidas tanto pelas pessoas que trafegam os espaços de vida estudados, quanto para o próprio pesquisador e suas percepções a respeito dessa imersão a deriva urbana.

Este mapa terá como forma a representação do trajeto realizado e mapeado pelo aplicativo *Runtastic* e sua elaboração será através de uma linha tracejada que corresponde ao início do lançamento à deriva proposto e seu respectivo horário, assim como para o término. O tamanho das palavras descritas ao longo desse percurso indicarão a intensidade das quais elas serão sentidas e emergidas em meio aos diferentes fluxos urbanos perpassados. Dessa forma, Rolnik (2006, p. 23) compreende que esta maneira de direcionamento metodológico exige que o indivíduo “esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias”.

A maneira como a autora descreve as características do desejo e da subjetividade serão utilizados como instrumentos de estímulo para a produção destes mapas fundamentados em três grandes importantes movimentos, sendo eles:

I. Movimento I: no *encontro*, os corpos afetam e são afetados, da mesma forma como atraem e se repelem, esses efeitos terão como resultante uma mistura de afetos;

II. Movimento II: *corpo vibrátil*, caracterizados pelas intensidades da qual aquele corpo busca formar uma máscara para se apresentar ou exteriorizar;

III. Movimento III: no *desejo*, processos de simulação que são correlacionados a territorialização e desterritorialização, vistos aqui como respectivamente, o nascimento de mundos e mundos que se acabam.

Por isso, a produção dos mapeamentos afetivos será construída mediante o encontro desses três movimentos que suscitarão em seus caminhos as subjetividades manifestadas pelo caminhar a ex-posição proporcionado pela deriva, como mostra a Figura 02 abaixo:

Figura 02 – Modelo para criação dos mapas polifônicos afetivos



Fonte: Elaborado pelo autor

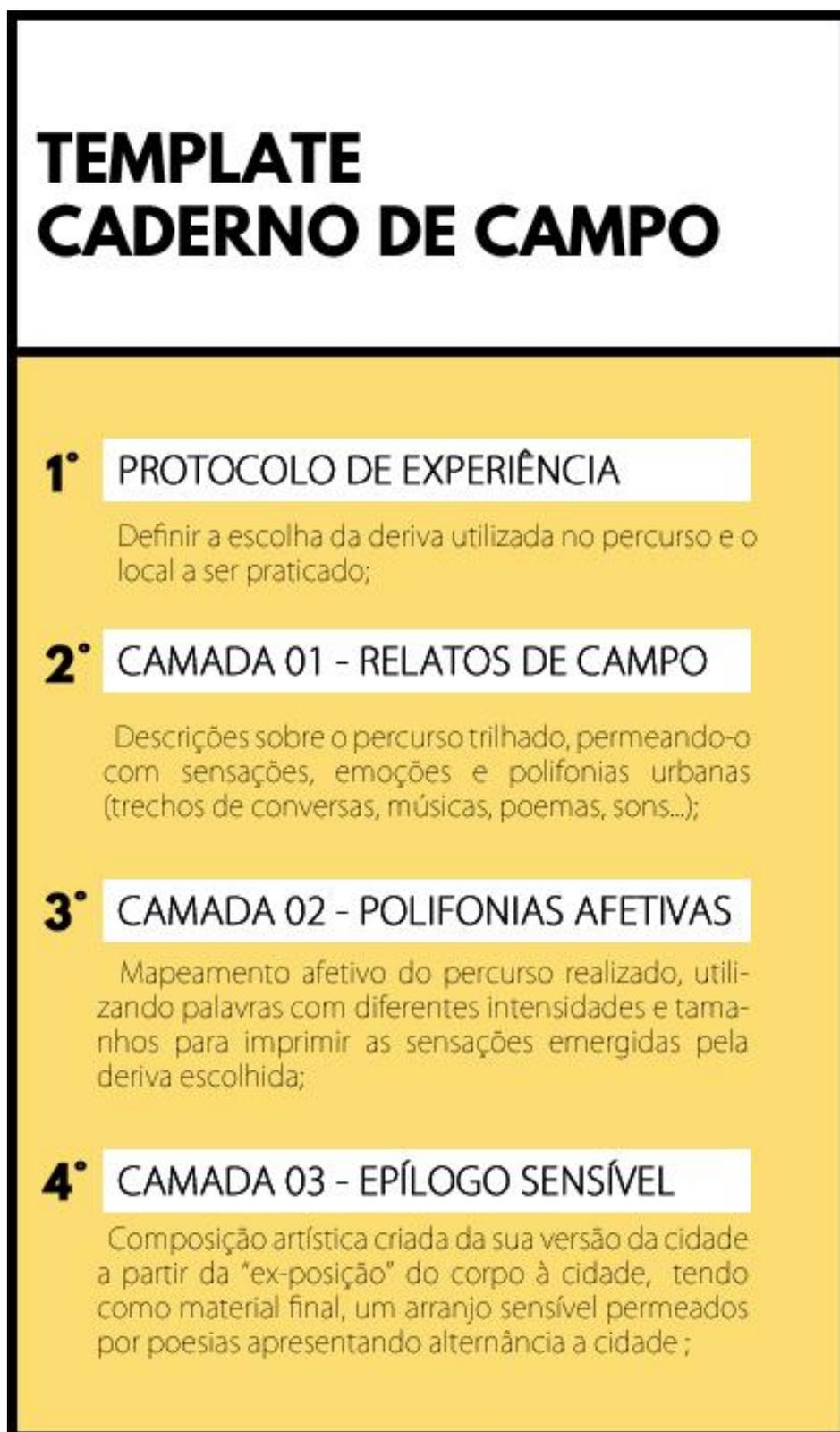
Camada 03 – Epílogos Sensíveis

As criações das minhas Vianas serão realizadas ao final de cada deriva proposta nos cadernos de campo juntamente com um poema. O intento deste processo é que ao final dele, surja uma imagem que se apresente como epílogo do protocolo de experiência construído durante o percurso.

Suas composições serão livres, utilizando apenas inspirações com estéticas croquizadas em suas elaborações. As escolhas dos poemas terão inspirações no poeta Manoel de Barros, por sua sensibilidade, leveza e simplicidade na maneira de olhar e permitir que novos mundos pudessem ser recriados a partir da maneira como os desejava vê-los.

Por fim, foi criado um *template* (Figura 03) que servirá como guia síntese de direcionamento para melhor compreensão da metodologia de análise proposta a partir das práticas a serem experienciadas nos lançamentos a deriva da cidade de Viana Centro.

Figura 03 – *Template* síntese da metodologia de análise



Fonte: Elaborado pelo autor



CAPÍTULO II

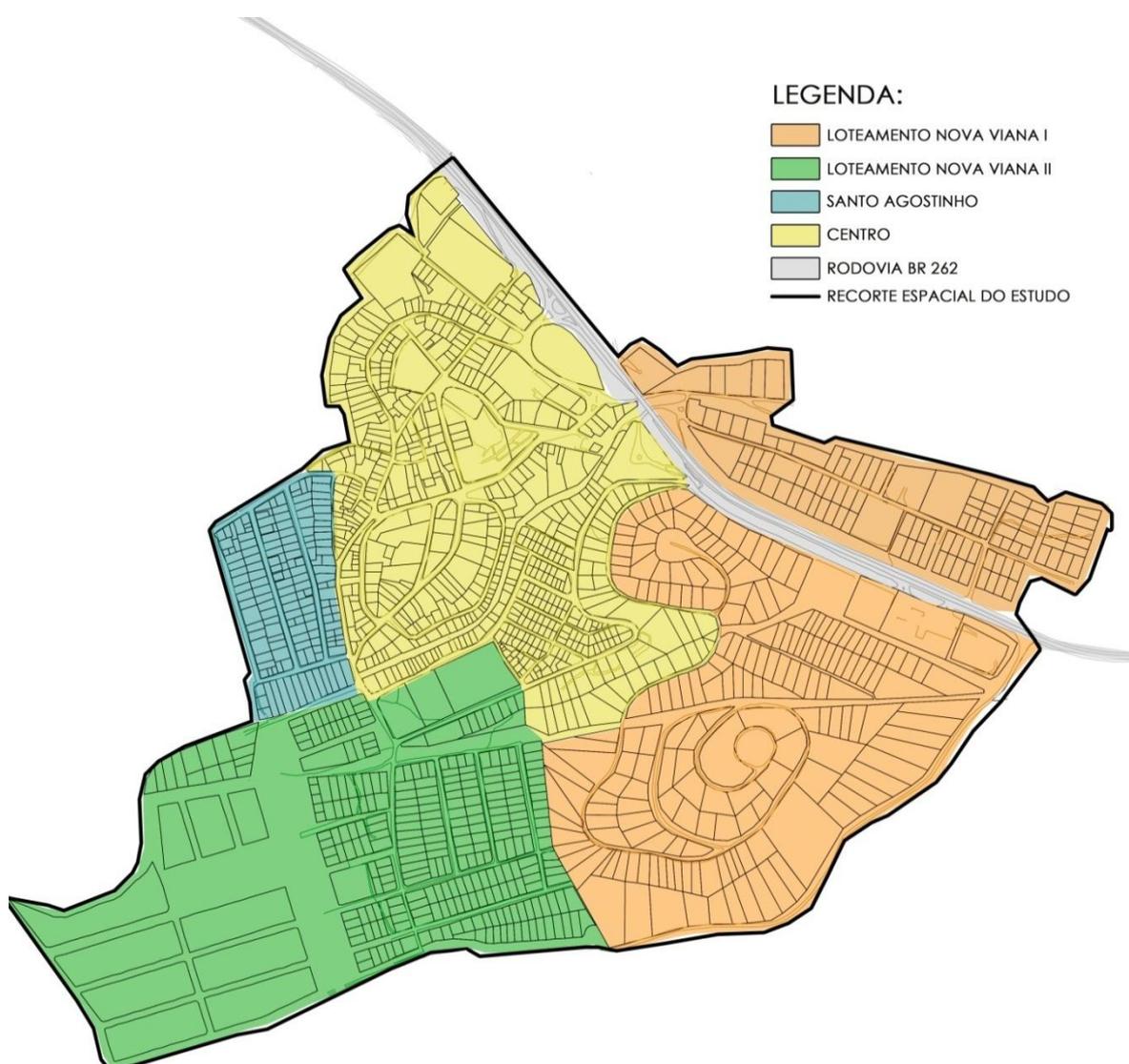
ECOS, REPETIÇÕES E REFLEXÕES



2.1 EXPLORAÇÕES INICIAIS PARA RECONHECIMENTO DO CAMPO

A escolha inicial do local utilizado como campo de estudo das experiências e construções mediadas pelos indivíduos em seus espaços de vida urbanos foi à cidade de Viana Centro (Figura 04), sendo esta opção motivada por se tratar de uma localidade na qual eu, como pesquisador e também corpo vetor³ de atuação que intermediará às proposições metodológicas inspiradas pelos situacionistas, resido.

Figura 04 – Circunscrição do Centro de Viana



Fonte: (PMV, 2018) – Adaptado pelo autor

³ Conceito usado por David Breton em *A sociologia do Corpo*, de 2007, para entender a percepção do mundo quando atravessado pelo corpo, entendendo-o como “o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída” (LE BRETON, 2007, p. 7), ressignificando, assim, seu espaço.

Assim, dentre os elementos presentes no cenário, a geógrafa Doreen Massey (2008, p. 219) nos baliza ao dizer que “essas constelações temporárias de trajetórias, essas eventualidades que são lugares, requerem negociação”. E é por meio da relação advinda destes espaços que novas aberturas são propiciadas para a experiência com seu espaço de vida, modificando-nos pela forma como se dá o vínculo à prática do lugar, às suas trajetórias que se intersectam e configuram um grande campo de negociação que nos é imposto, promovendo embates de contradições e opiniões, lugares de vivência, ou seja, sendo constituída através da existência de uma esfera pública que será complementada pelos caminhos das ruas.

O bairro Centro apresenta características gerais que são comuns a todos, contemplando a sede da Prefeitura Municipal, a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição e a Estação de Trem como grandes símbolos que o retratam. Com relação às atividades institucionais e econômicas, possui escolas de ensino infantil, médio e fundamental, assim como, supermercados, atividades bancárias, comércios fixos e temporários, lanchonetes, prestação de serviço dos correios, policiamento com sede fixa, além de muitas outras atividades. Já para recreação pública, existem atualmente três praças, todavia apenas duas são usadas para estes fins e ações pontuais como futebol de campo e o próprio uso da rua como extensão dos comércios, atividades culturais e lazer.

Dessa maneira, para determinação dos marcos iniciais, serão utilizados dois pontos de partida (Figura 05), sendo o primeiro caracterizado pela *Praça Expedicionário Jerônimo Leite*, como mostra a Figura 06, localizada próxima à entrada principal do Centro que se dá pela Rodovia BR 262, perpassada por uma das principais vias de entrada e saída de veículos para as atividades pendulares fora do bairro. Ademais, pode ser vista como um espaço de integração, de passagem e também apropriação por aqueles que a permitem o experienciar.

Para o segundo marco de análise, foi escolhida a *Rua Quintino Bocáiuva* que é igualmente vista como a Rua Principal da cidade (Figura 07). É transpassada por diversos comércios como: padarias, bares, supermercados, pontos de ônibus, bancos, lanchonetes, ambulantes, sorveterias, farmácias, restaurantes e muitos outros. Utilizando-a como este ponto de partida, verifica-se que é somente através desta alteridade presente nos caminhos da rua que o corpo vetor se permite ressignificar para, então, adquirir novas interpretações.

Figura 05 – Marcos de análise pré-estabelecidos: a rua e a praça



Fonte: (PMV, 2018) – Adaptado pelo autor

Figura 06 – Foto da Praça Expedicionário Jerônimo Leite



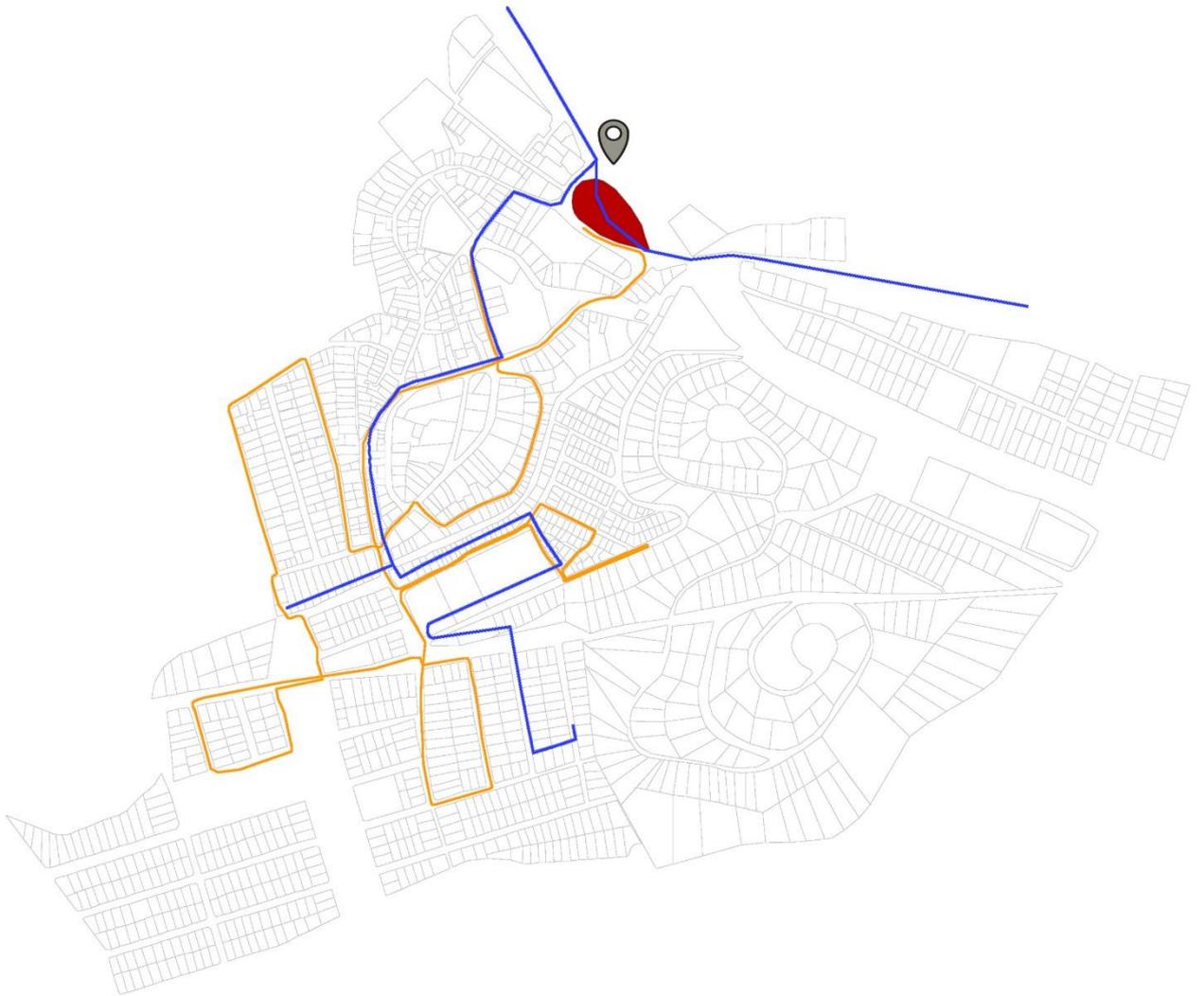
Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 07 – Foto da Rua Quintino Bocáiuva (Rua Principal)



Fonte: Elaborado pelo autor

2.2 CADERNO DE CAMPO I



LEGENDA:



MARCO INICIAL: A PRAÇA



1° DERIVA: CONTRA FLUXO



2° DERIVA: PARADA



3° DERIVA: OUTRO

A composição do **Caderno de Campo I** será formada por três lançamentos a deriva, sendo eles: 1º Contrafluxo; 2º Parada e 3º do Outro. Cada uma buscará permitir de maneira particular que alternâncias para interpretação da cidade de Viana sejam realizadas, e junto dela, investigar o modo como seus espaços de vidas são permeados e polifonicamente envolvidos.

Nesse sentido, dos marcos escolhidos para começar as experiências em campo, optei inicialmente por realizar as explorações pela Praça Expedicionário Jerônimo Leite, principalmente por se tratar de um local que rememora as minhas vivências na infância e ser um ponto de partida ao qual particularmente, senti-me mais curioso em me aventurar.

Inspirado por Manoel de Barros deixo minhas palavras para a criação deste caderno e que delas surjam novas constelações e interpretações, para que quem as experienciar, também possa compor uma nova versão daquilo que entendo como Minha Viana.

*Uso a palavras para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras fatigadas de informar.
Dou mais respeito às que vivem de barriga
no chão tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas.*

[...]

*Queria que a minha voz tivesse formato de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra
para compor meus silêncios.*

(Manoel de Barros)⁴

⁴ In: BARROS (2005, p. 9).

CAMADA 01 – *Relatos de Campo*

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há de ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade (BARROS, 2015, pag. 124).

Inspirado por esse trecho do poema do escritor Manoel de Barros, retirado de seu livro *Memórias Inventadas – As Infâncias*, introduzo esse primeiro movimento com um olhar singelo, estando aberto para ver e sentir essa alteridade urbana ao qual me propus a conhecer, encontrar nesse *grande quintal* pedaços de intimidade que ainda não me foram apresentados e que agora, somente depois de *grande* pude me permitir começar a brincar.

Assim, o primeiro lançamento categorizado como *Deriva do contrafluxo* aconteceu numa terça-feira de fevereiro, mais especificamente no dia dezenove, por volta das dezoito horas e trinta minutos, com uma duração total de aproximadamente duas horas. Chegando ao marco inicial pré-estabelecido comumente também chamado de “pracinha”, liguei o marcador do aplicativo *Runtastic* para registro do tempo e esperei alguns segundos para inicia-lo. Nesse intervalo, reparei que um refrão de sertanejo soava da radio fixada no poste, era intenso e contagiante, e quando menos esperei, eu também já estava cantando-o, timidamente, mas estava.

“polifonias urbanas um”

*Quando for beijar alguém
Testa esse beijo em mim
Antes de amar meu bem
Testa esse amor em mim*

Lauana Prado – Cobaia

Nesse momento, o local ao qual eu me encontrava situava-se próximo a um ponto ônibus que estava um pouco cheio, nele duas mulheres sentadas conversavam e riam muito descontraídas, gesticulavam durante as falas e em alguns momentos, eu mesmo sem saber sobre qual assunto estava sendo tratado, acabava dando algumas pequenas risadas, pois o assunto parecia estar muito divertido. Eram as únicas que estavam alegres quando comparados com às outras próximas que transpareciam seriedade, indiferença, toda hora alternavam o olhar entre o celular e o relógio e estavam sós.

Começando o trajeto, sigo reto contra o fluxo de uma quantidade considerável de pessoas que se deslocam em direção ao ponto de ônibus. Ainda na pracinha, vejo um ambulante que começará a finalizar a montagem de seu carro de churrasquinho e dispor suas mesas para melhor acomodação daqueles que gostariam de se resguardar um tempo ali.

Assim, nesse curto intervalo de tempo, uma pequena aglomeração de pessoas já começava a se acomodar; mesmo os estabelecimentos fixos da pracinha estando abertos, o carro de churrasquinho havia sido o único a criar alguma forma de ajuntamento entre as pessoas. Elas chegavam curiosas, apenas observando, falavam inicialmente baixinho e depois sentiam-se mais à vontade para se sentarem à mesa.

“polifonias urbanas dois”

— *Cliente I: “Gato” o churrasquinho já está pronto? Aproveita e traz aquela gelada, por que hoje já vai começar o aquecimento;*

— *Comerciante: Tá quase, daqui 5 minutinhos eu levo aê, pode ser a barrigudinha?*

— *Cliente I: Tá ótimo, valeu!*

— *Cliente II: “Gato” tem churrasquinho de frango?*

— *Comerciante: Tem sim, minha flor;*

— *Cliente II: Quanto custa?*

— *Comerciante: Esse é só três reais;*

— *Cliente II: Me vê um então, por favor! Pra levar tá!*

Diante disso e seguindo caminho, o dia começou a anoitecer e as atividades pendulares já não se formavam mais com tanta frequência, reparei que uma mulher sozinha do outro lado da rua falava alto ao celular, era uma voz séria, seus passos eram rápidos, e ela não olhava para nada a sua volta, aparentemente estava irritada.

O movimento da rua após sair da pracinha já não se apresentava tão denso, estava solitário, as casas com seus logradouros grudados na rua mantinham suas janelas fechadas e apenas os barulhos das rajadas de vento predominavam este curto percurso. Logo em seguida, virei à direita para subida de um morro praticamente acompanhado pelos pontos de luzes dos postes que davam a impressão de estarem me guiando a algum lugar.

Assistido somente pelo meu silêncio e meu corpo em meio à cidade, senti isso sendo amenizado aos poucos ao ouvir de longe alguns ruídos que a cada passo que dava tornavam-se mais familiarizados. Devagarzinho, mas aumentando continuamente, logo fui interpelado por barulhos de buzina, e com ele: gritos de crianças, cadeiras sendo arrastadas, pessoas rindo alto e conversando, vários sons de celulares que me deixavam perdido, motocicletas acelerando e assim por diante... Então, de repente, deparei-me com o fato de que estava passando pela rua principal, que, apesar de ser muito mais movimentada em outros horários, estava bem distribuída ao longo de todo o seu percurso, praticamente sendo utilizada naquele horário somente por seus próprios moradores.

“polifonias urbanas três”

— *Onomatopeia I: FUM! FUM!*

— *Onomatopeia II: BLAH! BLAH! BLAH!*

— *Onomatopeia III: TRIM! TRIM! (...) TRIM! TRIM!*

— *Onomatopeia IV: HAHHAHAHA*

Nesse momento as possibilidades para seguir um novo percurso eram muito variadas, senti vontade de virar à esquerda e descer a rua seguinte. Ao iniciar este trajeto, já era perceptível em como as configurações se tornavam mais difusas, uma rua na qual eu acredito só ter passado umas duas vezes em toda minha vida.

As sequências das luzes dos postes estavam distantes, as casas pareciam comprimi-la ainda mais, o silêncio era alto e praticamente sem quase ninguém. De início, vi uma moça que brigava bem carrancuda com sua filha, e sentada num banco de madeira, uma senhora balançava a cabeça reprovando a atitude da menina que parecia não estar muito entendendo toda aquela situação.

Depois de passá-las, as ruas estavam um pouco mais escuras e desertas se comparadas com as anteriores, apenas os meus passos eram possíveis de serem

ouvidos. Contudo, de repente, ouço um som de longe, paro e espero um instante. Apesar de não ter entendido nada do que estava sendo ressoado, aquele som de conversa me trouxe alívio, era bem calma e serena, o suficiente para fazer com que eu me sentisse aliviado em meio aquela escuridão.

Finalizando esta parte, desci um declive seguindo o contra o fluxo dos carros e pessoas que movimentavam tal parte, senti uma grande mudança nos ambientes. Enquanto a última me fazia sentir-me enclausurado, a de agora já me deixava mais tranquilo; tinham muitos barulhos, pessoas descendo e subindo, os caminhos não se encontram tão limitados e delineados.

Desci-o todo e cheguei a uma das entradas do Santo Agostinho, assim, percorrendo o trajeto, surpreendi-me ao ver a quantidade de crianças e pessoas que trafegavam e brincavam naquela primeira rua. Elas corriam por todos os lados, eram ligeiras, estavam brincando de pique-pega. Olhavam-me com curiosidade, mas não deixavam de se concentrar na partida, as mães conversavam umas com as outras sentadas nos banquinhos de madeira, algumas de longe ficavam no celular, um pagode alto saía de uma das casas, a rua estava cheia, eles pareciam estar feliz.

“polifonias urbanas quatro”

Não era amor, ôh, ôh

Não era

Não era amor, era

Cilada

Não era amor, ôh, ôh

Não era

Não era amor, era

Cilada cilada cilada cilada

Cilada cilada cilada cilada

Canção de Molejo - Cilada

“polifonias urbanas cinco”

— *Criança I: Eu tô aqui, corre pra cá!*

— *Criança II: Não vai aí não, ele vai te pegar;*

— *Criança I: Correeeeee!*

Dessa forma, andando agora pela última rua mais próxima do rio, senti drasticamente a distinção entre ambas. Pois, além do clima que já parecia estar mais frio devido à proximidade com a água corrente, o caminho era quieto, apenas os sons dos grilos e da água inundavam todo o percurso.

Ao final desta parte, um caso muito interessante aconteceu, por que eu tinha a opção de voltar ou dar a volta pelo lado mais escuro do rio que passava por debaixo da ponte usada pelo trem. Nesse exato momento, duas pessoas saíram deste caminho, ele era totalmente deserto, escuro e assustador. Pensei em relutar, mas decidi seguir a trajetória à qual a deriva me fazia lançar.

“polifonias urbanas seis”

“Quem anda nos trilhos é trem de ferro, sou água que corre entre as pedras: liberdade caça jeito” (BARROS, 2005, p. 28).

Ao terminar esse percurso, continuei seguindo os contrafluxos aos quais surgiam e fui percebendo durante o trajeto que esta parte do bairro Santo Agostinho possuía focos de espaços sociáveis bem pontuais, mas que em sua maioria, encontravam-se encobertos e tímidos a se apresentar.

Assim, sendo direcionado até o local das quadras poliesportivas, era muito visível o contraste do caminho conduzido quando comparado ao anterior. A aglomeração de pessoas aqui estava tão grande que não era possível entender exatamente quais os diálogos que se formavam, os ecos emitidos das quadras tomavam conta de todo o lugar.

“polifonias urbanas sete”

— Criança: Joga a bola lá no meio pro Caio fazer o gol
— Mãe: Marquinhos cadê a sua bola? Vai procurar agora!
(Barulhos de crianças correndo e gritando pela quadra)
— Mãe: Marcos você achou?
— Pai: Não da pra perder pra esse time não!

Logo, saindo daquele espaço de vivência repleto de ações e atividades, a deriva me levava em direção ao loteamento Nova Viana II, por meio de uma ponte sem iluminação que era atravessada tanto por carros quanto por pessoas. Estava escuro, as ruas possuíam um fluxo rápido, as pessoas passavam e desapareciam, e

em seguida tudo se esvaziava novamente, poucos veículos me cruzavam, alguns buzonavam fazendo um sinal amigável, mas tudo muito ligeiro.

Ao sair dali, depois de ter andado uns quinze minutos por dentro de suas ruas, deparei-me com uma praça conjugada ao ponto final, cheia de gente usando-a das mais variadas formas. Havia cochichos no ponto de ônibus, revezamento dos jogadores na quadra para a partida de futsal, vendedores ambulantes gritando seus produtos, barulhos de crianças correndo, ou seja, eram tantas informações com as quais eu me confrontava que me senti confuso.

“polifonias urbanas oito”

- *Vendedor: Refrigerante quatro reais!*
- *Pai: Para de enrolar e acaba logo esse jogo, vocês conversam demais;*
- *Mãe: Bruna e Milena, vocês estão ficando muito sujas.*
- *Vendedor: Refrigerante quatro reais!*
- *Vendedor: Refrigerante quatro reais!*

Indo agora por dentro de outra parte do loteamento, percebi que de todos os trajetos percorridos estavam sendo bem explorados. Mesmo o céu já escuro, a quantidade de gente que trafegava e conversava foi surpreendente. Senti-me como se estivesse andando em um dia claro, a sensação de segurança e coletividade emergia por todos os cantos.

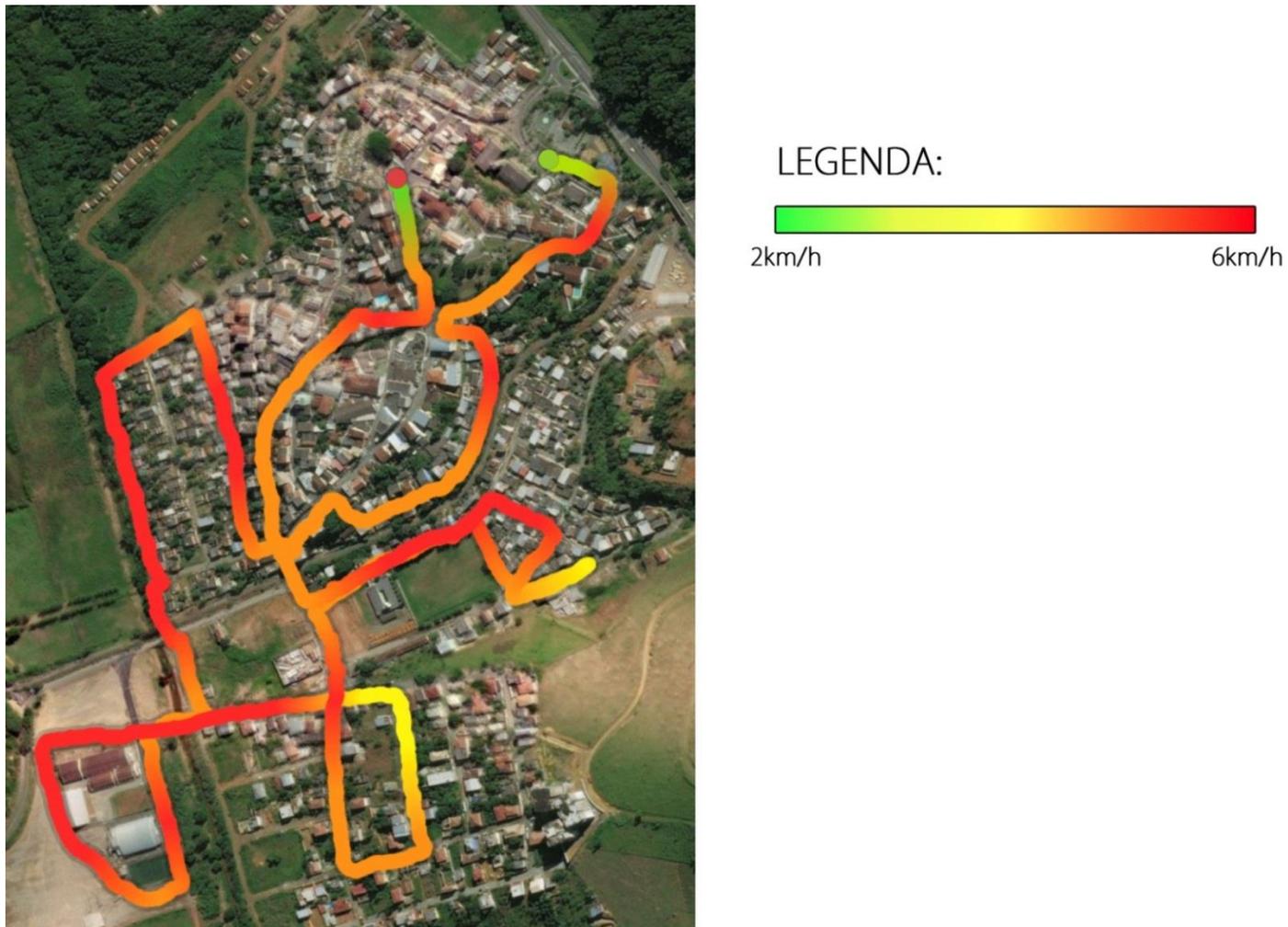
Durante aquele trajeto, uma rua em especial me chamou a atenção, apesar de estreita e apertada, ela configurava vários pontos afetivos do seu início ao fim. Nela duas mulheres conversavam sobre o dia, varriam a calçada e interagiam com os comentários, uma menina uniformizada sentada em uma cadeira de madeira estudava a matéria aprendida na escola, e mais a frente outra senhora lavava sua varanda e cantava seu forró eletrônico.

“polifonias urbanas nove”

Amor de mais
Lembra dos momentos que te amei de mais [...]
Louca por ti
Foi amor de mais louca por ti
Calcinha Preta – Louca Por Ti

Após determinado tempo perpassando diversas passagens, a deriva me retomou a rua principal ao qual eu havia passado logo no início. Chegando ao fim da proposta pretendida por volta das vinte horas e trinta e três minutos, desliguei o marcador de tempo do aplicativo, como mostra a Figura 08, em que é possível ver o mapeamento referente a construção de situações propostas pelo contrafluxo.

Figura 08 – Percurso *Runtastic* da Deriva do contrafluxo



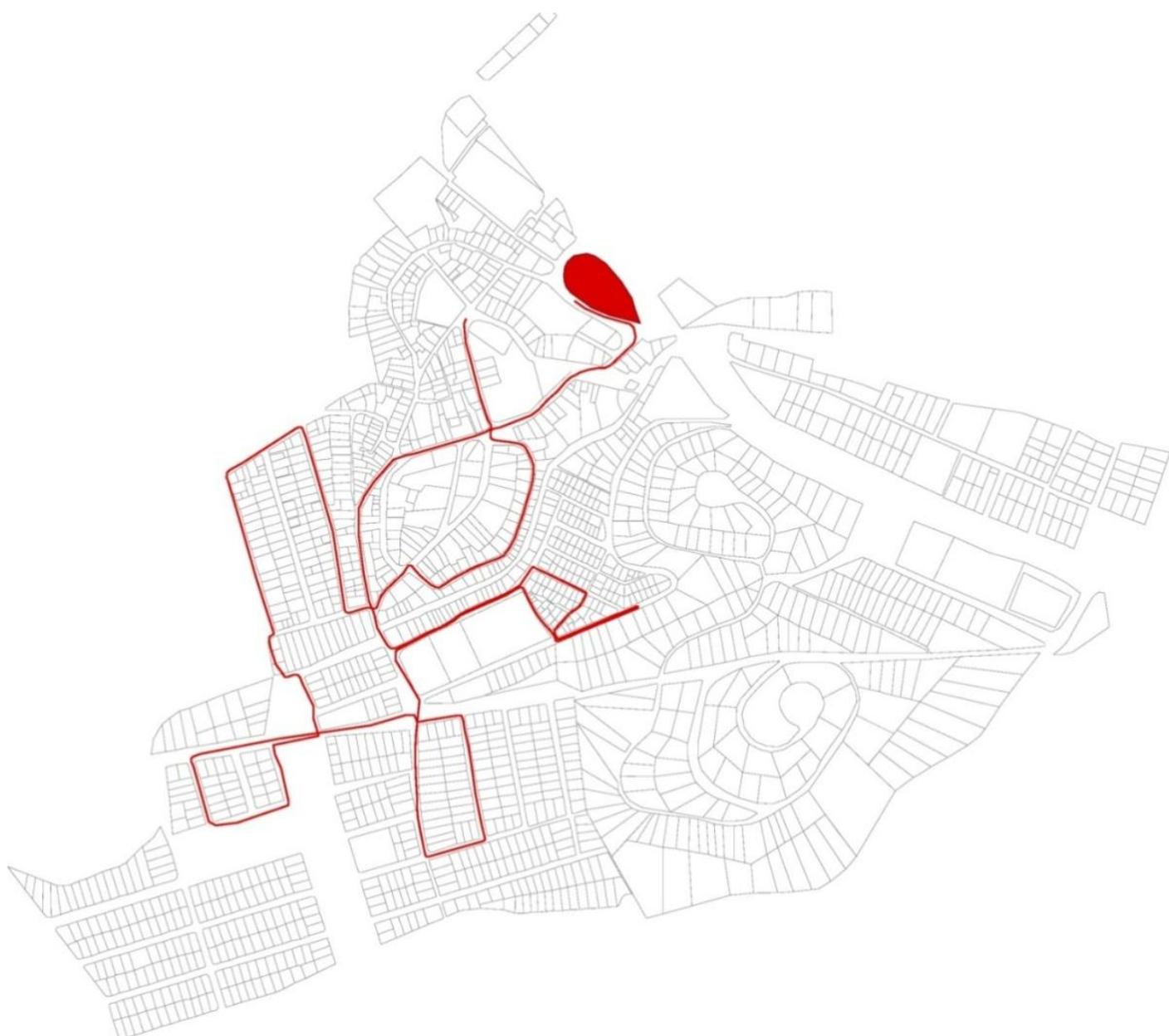
Fonte: (RUNTASTIC, 2019)

Durante o trajeto e conforme o mapa registrado pelo aplicativo, verificamos que o corpo vetor se movimentou numa velocidade mediana com picos de aceleração. Percebemos que a maioria dos caminhos em vermelhos eram acompanhados pelas sensações de medo, escuridão e silêncio, diferentemente das outras que mostravam ambiências mais sociáveis, aonde o caminhar dava-se com

mais calma e tranquilidade, devido a presença de uma aglomeração considerável de pessoas, conversas e deslocamentos.

Dessa maneira, criamos um mapeamento dessas trajetórias baseados na cartografia do Centro de Viana (Figura 09), com intuito de permitir que o caminho traçado seja melhor delineado e analisado.

Figura 09 – Mapeamento das trajetórias com base na cartografia do Centro



Fonte: Elaborado pelo autor

Após realizadas as relações do percurso da deriva do contrafluxo com as informações fornecidas pelo aplicativo, foi criado o mapa de polifonias afetivas (Figura 10), a partir das variâncias entre os ambientes e a maneira como se apresentavam por meio da minha experiência como corpo de mediação, assumindo uma essa nova postura como pesquisador.

Assim, mergulhado nesta malha afetiva, identifiquei sensações que caracterizavam as relações construídas advindas dos vínculos formados pelas práticas de sociabilidade e por vezes, momentos de impessoalidade e inquietude como alguma das impressões captadas pelas práticas voltadas para o convívio com a indiferença.

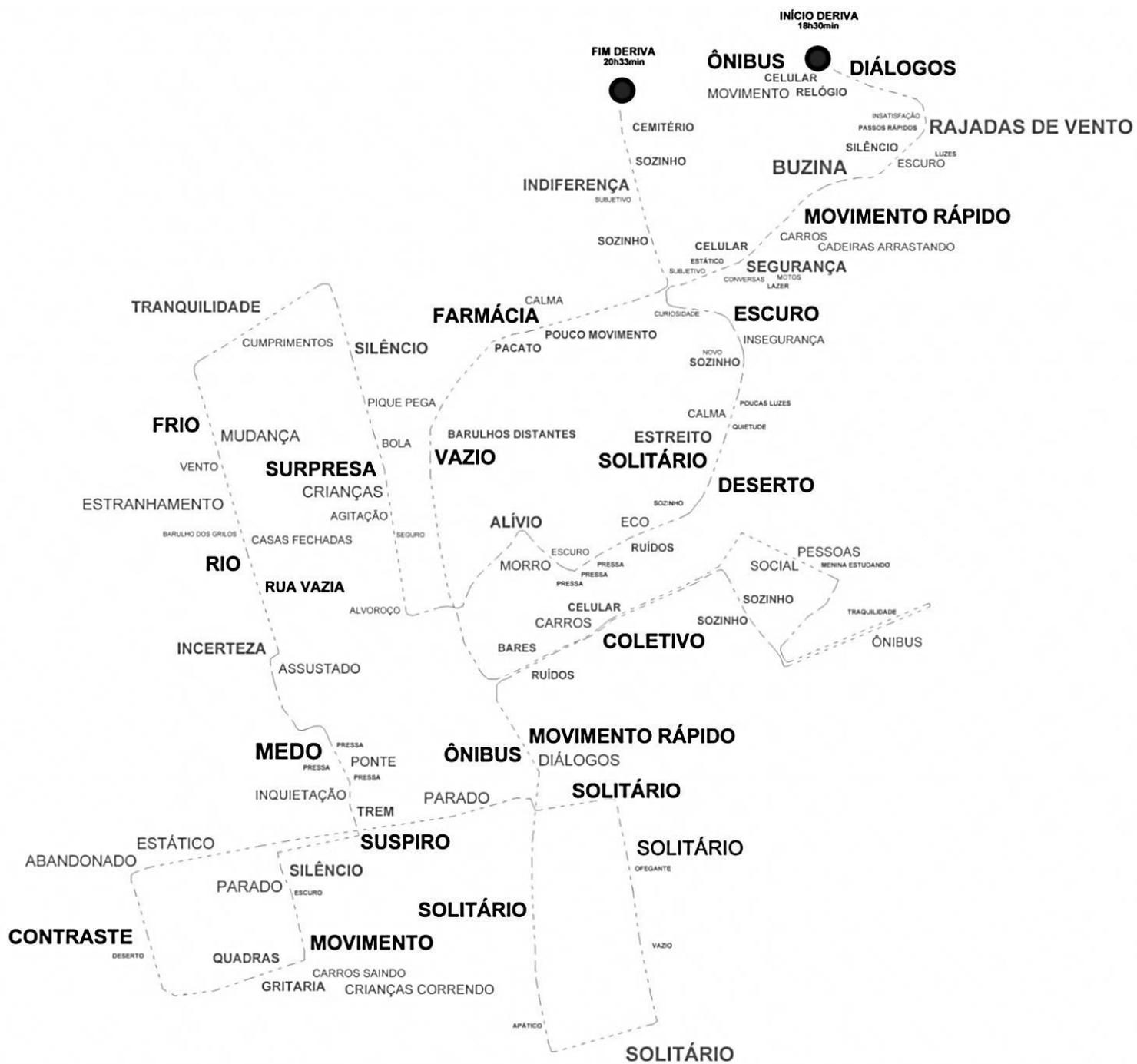
Dessa forma, lugares como, por exemplo: a barraca de churrasquinho da praça, o grande movimento de pessoas e os variados sons da Rua Principal, as atividades de recreações e conversas no Santo Agostinho e Nova Viana configuravam espaços com ambiências dotadas de diálogos, segurança e calma. Essa multiplicidade de vozes urbanas pelo qual a cidade se comunicava, permitiam que a configuração dos seus espaços de vidas fosse investigada em meio às trajetórias urbanas realizadas naqueles instantes.

Contudo, a sensação de vagar pela deriva tendo como aporte a ex-posição, também suscitou em ambiências das quais sentimentos carregados de medo, insegurança, silêncio e solidão fossem fortemente manifestadas nos percursos aonde o número de pessoas na rua era reduzido, ou com pouca iluminação, ou desconhecidos e distantes do habitual.

Nesse sentido, ao final deste primeiro processo, criamos uma composição artística ao qual a chamamos de epílogo sensível do contrafluxo (Figura 11), como essa versão da *Minha Viana* surgida em meio as minhas experiências na cidade, conjuntamente com as impressões obtidas pelos cenários.

A ilustração traduz os movimentos de convergência e divergência entre as descidas e subidas das ruas, o *frenesi* presente nos encontros e desencontros suscitados pelos diferentes choques e alteridades urbanas. Além disso, também busca refletir na experiência de um sujeito imerso em camadas de escritas e sonoridades sobrepostas.

Figura 10 – CAMADA 02: Mapa Polifônico Afetivo do contrafluxo



Fonte: Elaborado pelo autor

2.2.2 Deriva Parada



CAMADA 01 – Relatos de Campo

CAMADA 02 – Mapa Polifônico Afetivo

CAMADA 03 – Epílogo Sensível

CAMADA 01 – Relatos de Campo

O segundo lançamento, categorizado como *deriva parada* foi realizada no dia treze de abril, num sábado, por volta das oito horas da manhã, tendo uma duração total de quatro horas. Decidi realizar este movimento pelo turno da manhã, a fim de investigar o movimento de despertar da cidade. Assim, ao chegar à praça, liguei o aplicativo para iniciar os registros e mergulhar nesta nova imersão.

Escolhi inicialmente sentar num banco bem ao centro da praça para começar a observar nos movimentos iniciais, com intuito de perceber o modo como às relações com a cidade eram possíveis de serem construídas e difundidas naquele horário. Primeiramente, tive a sensação de que a cidade ainda estava adormecida, apesar de alguns carros e ônibus estarem passando ao meu redor para seguir caminho pela rodovia, a quantidade de veículos não era tão significativa ao ponto de aguçar minhas sensações naquele momento.

Todavia, em apenas um ponto em específico ao final da praça, era possível de se ouvir alguns ruídos que começavam a ecoar, mas a priori, apresentavam-se ainda bem singelos se comparados aos ruídos e movimentações que acontecem normalmente durante a semana. A quadra de esportes encontrava-se vazia assim como a academia popular, no ponto de ônibus tinha poucas pessoas e elas aparentavam estar distantes umas das outras, até o barulho dos carros parecia não fazer nenhum tipo de ressonância, a quadra de areia e o parquinho também estavam vazios, e assim discorreram-se os primeiros registros.

“polifonias urbanas um”

Barulhos de caixas (ruídos distantes)

Encaixes de metal (ruídos distantes)

Pessoa I: concentrada no celular

Pessoa II: concentrada no celular

Pessoa III: concentrada no celular

Barulhos de caixas (ruídos distantes)

Encaixes de metal (ruídos distantes)

Ainda sentado, avistei de longe duas senhoras que se aproximavam, seus passos eram sincronizados, assim como a jogada dos braços, estavam vindo usar a

praça para fazer suas caminhadas. Nessa hora, verifiquei que a dinâmica lentamente começava a se modificar, era como se o despertador estivesse tocando e os primeiros movimentos estivessem sendo realizados.

Concomitantemente, os arredores começavam a ganhar novas vibrações e com o aumento dos ecos que vinham daquele pequeno ponto ao final da praça, senti-me atraído em ir para lá. Apesar de todo o barulho estar concentrado somente naquela parte, as imediações da praça aos poucos ganhavam novos movimentos.

“polifonias urbanas dois”

*O vento estava forte;
E o sol estava saindo aos poucos;*

*O ar estava com cheiro de pastel;
O barulho do pastel fritando soava alto;
Senti vontade de comer um!*

Surpreendentemente, chegando mais próximo da feira, vi que toda a sua estrutura era composta por oito barracas e uma outra de caldo e pastel, e assim que me aproximei ainda mais, senti-me estar numa praça diferente da anterior. Sua estrutura era simples, fabricada de madeira com coberturas improvisadas de lona preta e verde para se proteger do sol.

Nessa área a quantidade de árvores era densa, principalmente por serem mais altas e frondosas, o que deixava o ambiente mais fresco, mesmo quando o sol está forte. Identifiquei que o comércio era instalado próximo das vagas de estacionamento, facilitando assim, aqueles que chegam com carro, moto, carroça ou qualquer outro meio de transporte para comprar alguma coisa ali.

Nessa feira em especial, eu não ouvia os gritos dos comerciantes anunciando seus preços, tive a impressão como se todos já se conhecessem, tanto os vendedores quanto os fregueses. Os assuntos exalados eram diversos e em sua grande maioria sobre histórias ou situações familiares em que ambos já vivenciavam de longa data, ou seja, aquele ambiente estava permeado de relatos de experiências e afetividades, o que particularmente me deixou muito curioso e surpreso, por nunca ter percebido que essa atmosfera se construía de tal maneira entre todos aqueles feirantes e fregueses.

“polifonias urbanas três”

- *Freguês I: Hércules! Esse queijo ta melhor do que o da semana passada;*
- *Hércules: Pode separar um pra mi, por favor! E o senhor como esta?*
- *Freguês I: Ta tudo certo! Um pouco frio esses dias né! E seus pais?*
- *Hércules: Estão todos em casa*

- *Freguês II: Hércules seu filho ta estudando com o meu sabia?*

“polifonias urbanas quatro”

Som dos pássaros ao fundo

As barracas eram em sua grande parte constituída por grupos familiares, seja de pais e filhos, ou de maridos e esposas, ou também por um pouco de cada. Senti-me como se estivesse em uma grande reunião onde todos se conheciam.

Aproximadamente por volta das nove e vinte, o lugar já se encontrava muito agitado, e com o passar do tempo, observando as pessoas comprando nas barracas, verifiquei que existia uma organização não instituída para se comprar ali. Primeiramente, começava-se pela barraca das bananas e maçãs, seguindo adiante até chegar à barraca com caldo e pastéis, onde seria o grande momento de sentar e conversar sobre as infinitas histórias que eram possíveis de serem ouvidas.

As vagas de estacionamento nunca ficavam mais vazias; sempre que um carro saía, outro logo chegava. Eram carros de tantas cores diferentes – vermelhos, pretos, azuis, verdes etc. – que a praça ficava até mais colorida.

“polifonias urbanas cinco”

*Eu precisava de ficar pregado nas coisas vegetalmente e achar o que não procurava
(BARROS, 2005, p. 12).*

Aquele local parecia funcionar como um ponto de encontro: eram feirantes, fregueses, crianças, pais, mães, tios, tias, vizinhos, amigos, irmãs e irmãos, todos juntos e atraídos por aquele pequeno pedaço de praça.

Olhando ao redor, percebi que a rotatória mais cedo estava vazia, e agora encontrava-se cheia, o barulho dos carros agora me aguçavam os sentidos, e não apenas eles, mas também os ciclistas que vinham em grupos e paravam ali para

comerem um pastel. A polifonia era abundante, o *frenesi* intenso, eu ali parado me sentia um como um para-raio, recebendo descargas de todas aquelas sensações.

“polifonias urbanas seis”

- *Ciclista I: Ei Manoel, vamos pedalar também!*
- *Ciclista II: Fala maratonista!*
- *Ciclista III: Todo mundo pro pastel, descansar 15min.*

“polifonias urbanas sete”

- *Criança: Tia César, quanto esta o queijo?*
- *Vendedor: Está 15 reais a peça querido;*

Apesar de todos os fluxos que permeavam o local, a feira aparentava-se arrumada, e até mesmo os pássaros tinham seu espaço para cantar. Eles cantavam tão alto que era mais fácil percebê-los do que as próprias pessoas que ali na feira estavam. Esse foi um momento encantador, a feira já havia me conquistado sem eu mesmo saber.

“polifonias urbanas oito”

*As coisas que não têm dimensões são muito importantes.
Assim, o pássaro tu-you-you é mais importante por seus
pronomes do que por seu tamanho de crescer.*

*É no ínfimo que eu vejo a exuberância.
(BARROS, 2002, p. 44).*

Mais ao fim, aproximadamente por volta das onze horas, as barracas começavam a organizar os produtos que haviam sobrado dentro das sacolas, mas sempre rodeados por alguma conversa em que todos participavam.

Os ruídos voltavam a reduzir lentamente, apenas as batidas dos metais eram ecoadas, enquanto as barracas eram desmontadas. Pais e filhos varrendo e catando os lixos, mostravam como todos cooperavam em todas as tarefas juntos. Desde o início da venda até a finalização e desmonte para recolhida.

Senti como se a feira, que estava totalmente agitada e movimentada, fosse dando uma pausa para descansar. Os donos das barracas agora caminhavam em

direção ao pastel para ter o seu momento de prosa, seus diálogos eram interessantes, pois em nenhum momento alguém ficava deslocado.

“polifonias urbanas nove”

— *Pai: João Pedro, já terminou?*

— *Filho: Praticamente sim pai.*

— *Pai: O que acha de comermos um pastel?*

— *Filho: Vou chamar a mamãe e vamos.*

“polifonias urbanas dez”

— *Tio do Caldo: Agora é a hora de vocês sentarem um pouco;*

— *Tia do Caldo: Maria foi boa a venda hoje?*

— *Maria: Conseguimos vender todos os pães e queijos, graças a Deus!*

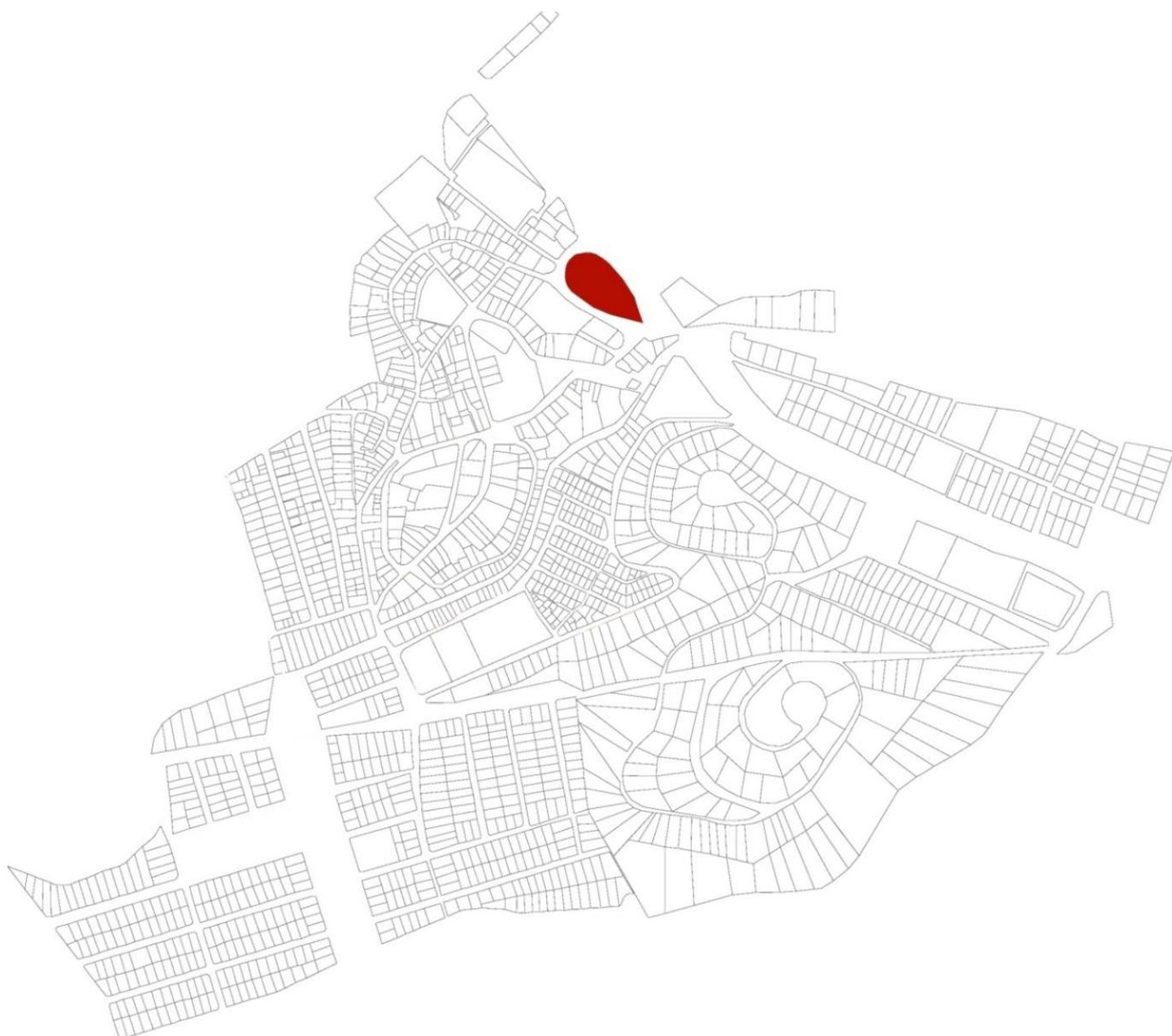
— *Tia do Caldo: Ah que ótimo! Feira boa é quando a gente vende tudo;*

Em meio a tantas risadas, eu acabava rindo junto, mesmo não sabendo o motivo, e como todos estavam comendo, permiti-me fazer parte do mesmo, permear-me no meio deles e observar mais de perto como essas mediações se construía dentro dos fluxos de sociabilidade que estavam presentes.

Praticamente quase no horário de almoço, retirei-me daquele local e logo retornei a sentar onde inicialmente havia me proposto a começar o lançamento da deriva, no banco central da praça, e, curiosamente, senti-me com a mesma sensação da manhã quando cheguei. A calma e o silêncio não haviam mudado, e chegando ao fim do lançamento por volta do meio-dia, desliguei o marcador do aplicativo.

Dessa forma, após fazer algumas assimilações a respeito do ocorrido, percebi que a maneira como o corpo vetor se fez presente em todas as ações e circunstâncias das quais eram construídas aqueles ambientes permitiram que novas formas de olhar aquelas vivências fossem revisitadas. Além disso, a área para análise deste movimento, para composição do caderno de Campo, foi registrada conforme mostrado pela Figura 12 abaixo:

Figura 12 – Mapeamento das trajetórias com base na cartografia do Centro



Fonte: Elaborado pelo autor

O ato de observar e estar atento a todas as movimentações e ações que aconteceram ao meu redor, permitiram-me experimentar o ambiente de uma nova maneira, na qual pude sentir e perceber elementos até então imperceptíveis.

Para a construção do mapa polifônico afetiva da deriva parada (Figura 13), identificamos logo que a praça assim como a cidade ao seu redor parecia estar acordando, pois tudo de muito quieto e também vagaroso.

Dessa maneira, com o discorrer do tempo, verificamos que sua ambientação começou a mudar lentamente quando alguns agentes passaram a usá-la, como por exemplo, as pessoas que chegavam ao ponto de ônibus e as senhoras que caminhavam ao seu redor. Essas relações eram mais individuais e pontuais, mas a sensação de vazio perpassada era menor quando ela estava sendo utilizada.

Assim, logo que essas movimentações e apropriações começaram a acontecer, percebemos que o ambiente continuamente começava a mudar e se tornar mais permeado, principalmente em uma de suas extremidades, no local da feira, do qual me senti atraído a ficar mais próximo, deslocando-me até ela.

Ao chegar, imediatamente, notamos que a sensação era de não estar exatamente em uma feira, mas sim em uma grande reunião. Pois, tanto os fregueses quanto os clientes conversavam sobre histórias antigas de familiares, situações em comum dos filhos e cumprimentavam-se com o apertar das mãos.

Não era uma feira em que existia um distanciamento entre o vendedor e o comprador; as relações já estavam construídas antes mesmo da feira acontecer, ali aparentava apenas ser um ponto de encontro onde essas conversas eram propícias de serem lembradas. As práticas de sociabilidade eram intensas e fluíam por toda a área da feira.

Nesse sentido, para a criação do epílogo sensível (Figura 14), utilizamos dessas impressões emergidas da experiência com o local para criar uma composição que permitisse que essa pulsação sentida durante a vivência no local, também pudesse ser encontrada pelo desenho. Horas mais calmas e outras mais acentuadas essas vibrações transcorriam por todos os momentos, seja pela calma da chegada e saída do lançamento proposto; pelo cruzamento dos sujeitos, ou pelos grandes fluxos que ocorriam dentro da feira.

Desse modo, a composição incita em reverberar essas sensações de batimento que aconteceram ao decorrer da experiência na feira, em reação as vivências auferidas pela observação promovidas pelas relações construcionais com as ambiências.

Figura 13 – CAMADA 02: Mapa Polifônico afetivo da deriva parada



Fonte: Elaborado pelo autor

2.2.3 Deriva do Outro



CAMADA 01 – Relatos de Campo

CAMADA 02 – Mapa Polifônico Afetivo

CAMADA 03 – Epílogo Sensível

CAMADA 01 – Relatos de Campo

O terceiro lançamento, categorizado como *deriva do Outro*, foi realizado no dia trinta de abril, numa terça-feira, às catorze horas da tarde, tendo uma duração total de três horas. Essa deriva teve como inspiração uma das práticas dos situacionistas de utilizarem um mapa de uma cidade para andar em outra, propiciando assim que novas experiências fossem realizadas. Para este contexto, será utilizado um mapa de vivência do outro para que dele eu faça a minha imersão na cidade de Viana.

Para a elaboração desta proposta, convidei Mônica Aparecida, quarenta e dois anos, servidora pública e moradora do centro desde que nasceu para um café. Após sentarmos para conversar, tentei em meio a prosa, identificar quais eram suas relações com a cidade e como se davam suas atividades dentro dela. Verifiquei que grande parte de suas histórias, vivências, memórias concentravam-se no centro e isso me chamou muito a atenção, principalmente por se tratar de alguém que além de residir e trabalhar na área, também possui uma história em torno de variados pontos que rememoram suas lembranças.

Para melhor direcionamento dos trajetos e pontos percorridos, durante a conversa, atentei-me em me concentrar em saber quais movimentos mais cíclicos eram realizados por ela diariamente no bairro tendo a praça, em algum desses momentos, como um elemento participativo.

Essa preocupação era importante, por se tratar do marco inicial pré-estabelecido para o Caderno de Campo I. Todavia, nesse caso não seria necessário começar por ela, mas, em dado momento, ela deveria ser permeada por essa deriva. Curiosamente, foi relatado por ela que a praça estava incessantemente presente em seu cotidiano, seja durante o trajeto do trabalho, ou para ir à estação de trem, ou quando quisesse sair para realizar alguma atividade fora dos limites do bairro.

Assim, após um longo tempo dialogando, foi criado em conjunto, um roteiro de passagens, ao qual serviu como base para a deriva do outro, como mostra o Quadro 01, baseado em seus itinerários e deslocamentos pelo centro da cidade de Viana. Nesse sentido, o item da praça foi destacado em face dos demais, para evidenciar que em meios as suas trajetórias urbanas, ela estaria também sendo um

dos elementos principais e seguindo as premissas colocadas para a elaboração do Caderno de Campo.

Quadro 01 – Roteiro da deriva do Outro

ROTEIRO - DERIVA DA MÔNICA

1. Minha Casa (ponto de Partida)
 2. Casa da Mãe (rua transversal)
 3. Casa da Irmã (rua do meio)
 4. Supermercado Mariana
 5. Barzinho de Bonito
 6. Ponte de Trem
 7. Rua Principal – Quintino Bocáiuva
 8. Igreja Matriz
 9. **Praça Expedicionário Jerônimo Leite**
 10. Estação de Trem
-

Fonte: Elaborado pelo autor

Desta maneira, chegando ao ponto de partida, que se iniciou em frente a sua casa no loteamento Nova Viana II por volta das dezesseis horas, liguei o aplicativo para registrar o tempo e dei início à deriva do Outro tendo como protocolo o mapa afetivo da Mônica.

Assim, observando primeiramente toda a situação que se construía ao meu redor, percebi como aquele local encontrava-se silencioso, em comparação a outras partes da cidade no mesmo horário. A maioria das casas apresentava um padrão com dois pavimentos, telhados coloniais nas cores vermelhas ou amarelas, janelas no segundo andar e algumas com frentes arborizadas. Todavia, mesmo com todo esse requinte no qual as residências estavam expostas, nenhuma pessoa era vista pela rua, somente um ou outro cachorro que vagava junto a mim.

Por ser um loteamento mais afastado e também pequeno, as ruas praticamente se interconectavam naturalmente. Percebi pelas indicações que o trajeto para ir à casa da mãe e da irmã eram quase iguais. Analisando toda aquela área em meio aos trajetos, verifiquei que o silêncio era predominante e no percurso, não foi possível ver como os fluxos se davam no local.

“polifonias urbanas um”

Silêncio (...)

Silêncio (...)

Saindo daquela região e me direcionando ao supermercado, verifiquei como a cidade começara a se mostrar mais, as pessoas já transitavam pela rua, algumas de bicicleta, outras com seus filhos e motocas, os ônibus circulavam tão próximos que a poeira tomava conta de grande parte do trajeto.

“polifonias urbanas dois”

— *Senhora I: Gente olha a poeira! (risos altos)*

— *Senhora II: Meu Deus, tô cega (risos contidos)*

— *Senhora III: Fecha o olho e segue caminho (risos altos)*

Nesta rua, as casas curiosamente seguiam uma sequência de cores, sendo elas: verde, roxo, amarelo, azul claro e laranja, e somente após passar por uma oficina consegui chegar ao supermercado. De frente para ele tinha um campo de futebol que estava cheio de crianças correndo, elas gritavam alto, brigavam umas com as outras, competiam pra ver quem ficava com a bola, estava divertido.

“polifonias urbanas três”

— *Criança I: Maria corre!*

— *Criança I: Corre que eu vou pegar vocês.*

— *Criança II: Gustavo está vindo, corre gente!*

“polifonias urbanas quatro”

— *Supermercado anunciando: Alcatra na promoção;*

— *Mãe: Pega a sacola pra mim meu filho;*

— *Supermercado anunciando: Patinho na promoção;*

— *Mãe: Ta pesado?*

— *Supermercado anunciando: Paulistinha na promoção;*

— *Mãe: Volta meu filho, vou comprar essa carne;*

Naquele local, era possível perceber diversas atividades pontuais, como as pessoas que apenas observavam as outras, o intenso fluxo das crianças; pessoas

entrando e saindo de estabelecimentos comerciais; algumas senhoras acompanhando a rua; outras varriam suas varandas e conversavam com as vizinhas, ou seja, diversos centros interativos formados num mesmo espaço urbano.

Contornando esse trajeto, barezinhos eram avistados, com mesas cheias de pessoas jogando baralho acompanhados de conversas altas e risadas, ao som do pagode tocava ao fundo. Após transpassar por todo esse percurso e seguindo em direção ao barzinho de Bonito (nome da localidade), verifiquei como o silêncio voltava a se intensificar, ao ponto de apenas meus passos serem os únicos a ecoarem pelo trajeto.

“polifonias urbanas cinco”

— *Senhor I: eu quero jogar copas;*
— *Senhor II: então você quer perder de novo, né?*
— *Senhor I: vamos apostar o quê?*
— *Senhor II: mais uma cachacinha pro ganhador*
(Risadas dos dois)

“polifonias urbanas seis”

Diga aonde você vai, que eu vou varrendo
(Diga aonde você vai, que eu vou varrendo)
Vou varrendo, vou varrendo, vou varrendo, vou varrendo
(Vou varrendo, vou varrendo, vou varrendo, vou varrendo)
Molejo

Poucas pessoas cruzavam pelo meu caminho e somente ao final da rua, no ponto comercial, era possível identificar uma concentração pequena de indivíduos. Logo ao chegar, constatei que o bar estava cheio de pessoas conhecidas que já o frequentavam a uma longa data.

Dessa maneira, seguindo os pontos do roteiro, direcionei-me até a ponte de trem que se encontrava próxima de onde eu estava. Percebi que todo o som do trajeto depois de afastado do ponto comercial começava a desaparecer novamente. Assim, ao me aproximar mais da ponte, vi de perto o quanto ela era grande e frondosa, suas densas estruturas e imponência enriqueciam o local.

Após algum tempo ali observando seu entorno e mediações, prossegui em direção a rua principal. Seguindo ininterruptamente, apesar do silêncio agora menos

reduzido, vi como a dinâmica urbana novamente começava a se modificar, agora os comércios todos próximos e de portas abertas, serviam como vitrines para as pessoas que circulavam e adentravam as lojas.

A moça da barraca de sorvete ficava sentada apenas observando o movimento, o senhor da farmácia tentava chamar as pessoas para apresentação dos produtos que se encontravam na promoção e assim, várias ações eram registradas. As filas dos bancos chegavam às calçadas, o barulho de conversas soltas, ônibus, carros, motos, buzinas, vendedores ambulantes se misturavam naquela pequena reta.

Ao sair daquele intenso deslocamento, segui por toda principal e virei à esquerda, e fui para outra transversal também composta de alguns comércios, em menor quantidade, mas tendo a igreja matriz como vista adjacente. O trajeto em si era muito similar ao anterior.

Indo em direção à pracinha principal, o movimento era calmo, havia pessoas caminhando, outras nos pontos de ônibus, algumas se deslocando pelos departamentos das prefeituras, tudo muito próximo à BR 262. Como a quantidade de carros que vinha pelo sentido serrano estava muito acentuado, desviei um pouco o trajeto e me lancei a essa sensação que emergia durante os passos do Outro. Durante a passagem entre carros, somente os barulhos de pneu passando no asfalto eram ouvidos, toda estrada vazia e de longe apenas uma única pessoa de pé num ponto de ônibus improvisado aguardava seu embarque.

Analisei um pouco essa construção que se formava, retomei o caminho feito e direcionei-me novamente para a pracinha. Ao me aproximar, vi que sua ocupação já era maior, as pessoas no ponto interagiam, os taxistas parados próximos conversavam, um casal de idosos ocupava um dos bancos bem ao centro da praça, e nenhuma criança ainda utilizava o parquinho.

“polifonias urbanas sete”

— *Mulher I: Corre que o ônibus vai se atrasar amiga;*

(todo o restante das pessoas quietas)

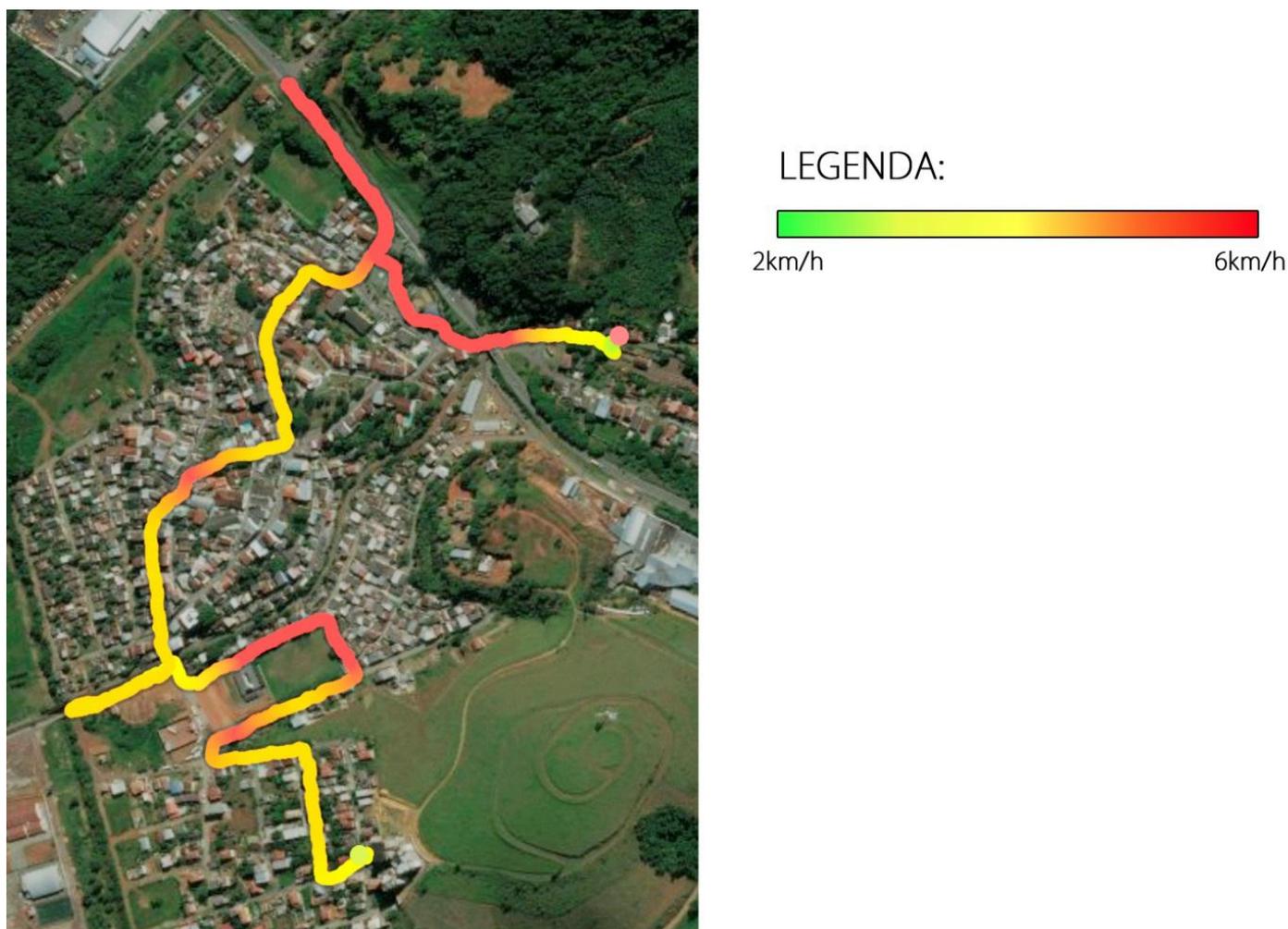
— *Mulher II: Cheguei, nossa eu estou ofegante;*

Começando a querer anoitecer, sai da pracinha e fui em direção à estação de trem que funciona todos os dias, o percurso era quieto e calmo, também não havendo quase nenhuma movimentação.

Por fim, sentei-me um pouco no banco de madeira branco embaixo de um pé de mangueira para refletir sobre todos os trajetos percorridos naquele dia. Achei curioso e interessante realizar esse tipo de experiência, principalmente por ser um conjunto de trajetos que fugiu do habitual.

Esta prática apresentou um espaço urbano que se construiu de uma maneira peculiar, rememorando-me sempre a Mônica, e como seriam suas relações com os espaços dos quais eu estive por lá. Dessa forma, ao terminar o trajeto, desliguei o aplicativo para registro do tempo, conforme pode ser visto pela Figura 15, para seguir posteriormente com as análises.

Figura 15 – Percurso *Runtastic* da Deriva do Outro



Fonte: Elaborado pelo autor

A partir da análise do mapa, verificamos que os trajetos em sua grande maioria aconteceram de numa velocidade mediana, tendo seus picos principalmente durante a parte do asfalto, passando pela praça e depois seguindo para a estação de trem. Desse modo, o mapeamento das trajetórias com base na deriva do Outro foi construída conforme mostra a Figura 16.

Figura 16 – Mapeamento das trajetórias com base na cartografia do Centro



Fonte: Elaborado pelo autor

Assim, a construção do mapa polifônico afetivo (Figura 17) se configurou a partir deste novo dispositivo utilizando o mapa afetivo do Outro como suporte para eu percorrer o centro de Viana, a fim de adquirir uma nova experiência.

Inicialmente, sentimos como se toda a cidade estivesse vazia, acentuando-se ainda mais por seu silêncio e lentidão. Não havia pessoas percorrendo pelas ruas, os ambientes pareciam estáticos e não convidativos desencadeando um sentimento de solidão e indiferença apesar das visuais estarem bem apresentáveis.

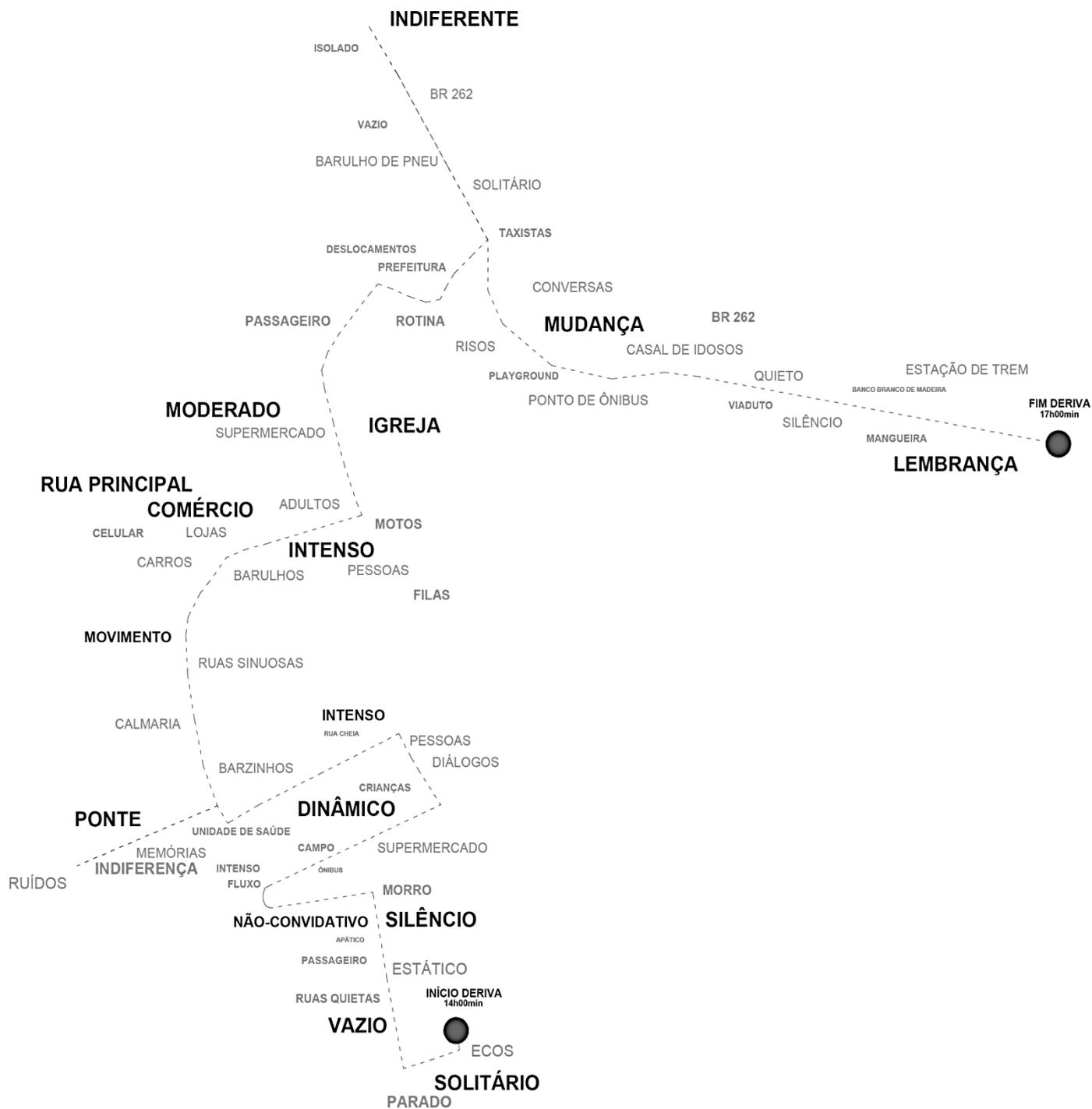
Ao sair daquela primeira parte, verificamos uma alteração na dinâmica dos fluxos, ainda mais abundante quando cheguei próximo do supermercado Mariana. Observamos as crianças que brincavam no campo, pessoas andando de bicicleta, mães e filhos fazendo compras juntos, as circulações dos ônibus, carros e motocicletas que eram contínuas proporcionavam a troca de experiências com a eventualidade do lugar, deixando-o mais permeado de diálogos e sociabilidades.

Essa mesma impressão foi notada nas proximidades com a rua principal e ao tangenciar a praça de entrada da cidade, registrando as conversas soltas, os barulhos de carros, os transeuntes e os vendedores ambulantes envolvidos pelo comércio local. Percebemos a sensação de tranquilidade, rotina e o estar coletivo. Contudo, ao final do trajeto, perto da estação de trem, reparamos que o silêncio, a quietude e o impessoal, retornaram lentamente a permear os sentidos.

Dessa maneira, após rever todos esses apontamentos afetivos, o epílogo sensível do Outro (Figura 18) construído teve como inspiração o protocolo de experiência utilizado para seu desenvolvimento. Assim, mesmo o trajeto sendo realizado por meu corpo vetor, lembramos das conversas com a Sr.^a Mônica Aparecida e a premissa de elaboração de um roteiro afetivo que serviu também de inspiração para contribuir na composição desta ilustração, além do próprio experimentar da deriva.

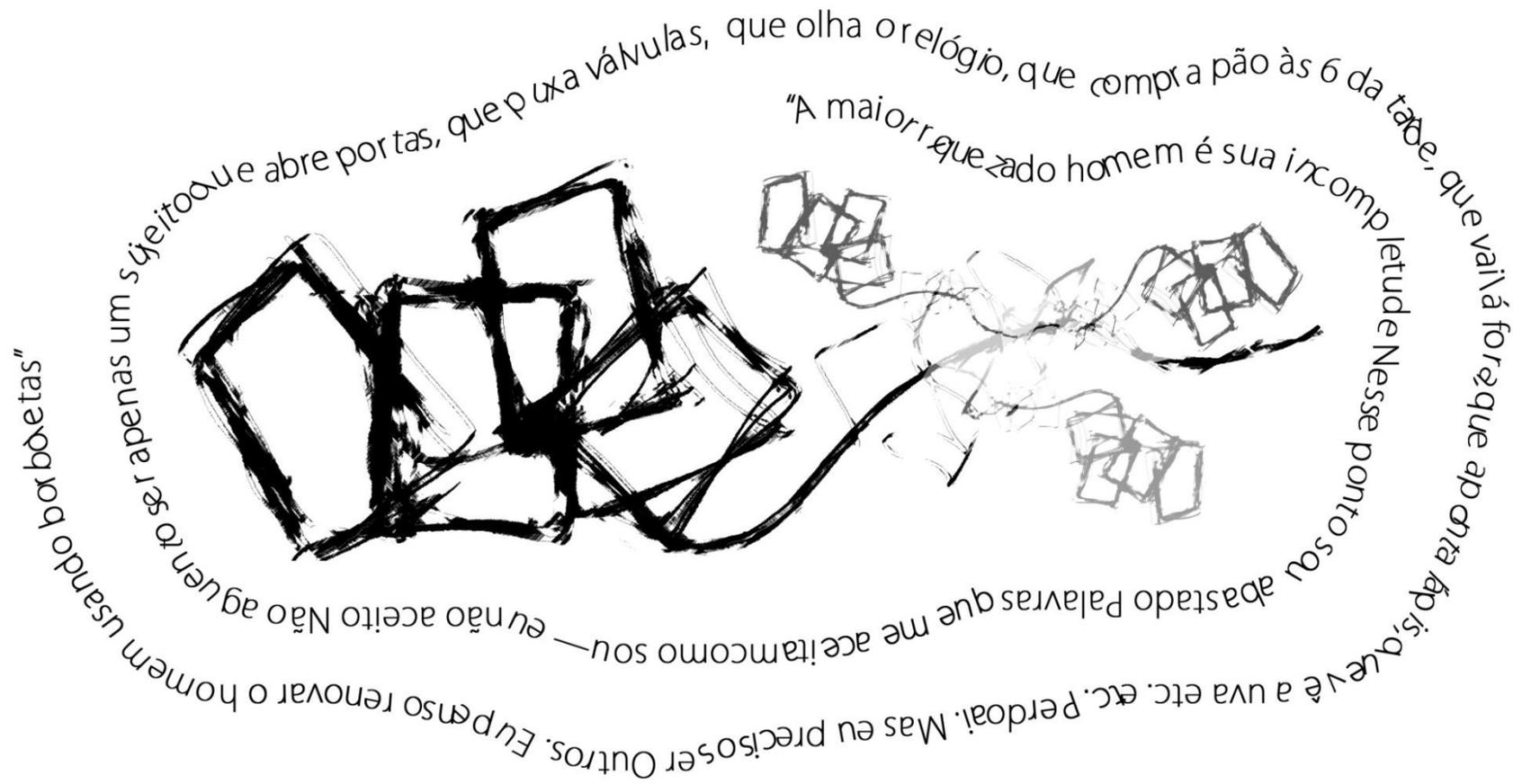
Nesse sentido, o arranjo buscou suscitar que o caminho do Outro percorrido pelo agente que pratica a proposição carregasse consigo essas memórias previamente conversadas. Sobretudo, não foi concebida a versão da cidade que o Outro se identifica, mas sim a versão criada por meu corpo vetor em meio às trajetórias urbanas afetivas mapeadas.

Figura 17 – CAMADA 02: Mapa Polifônico Afetivo da deriva do Outro



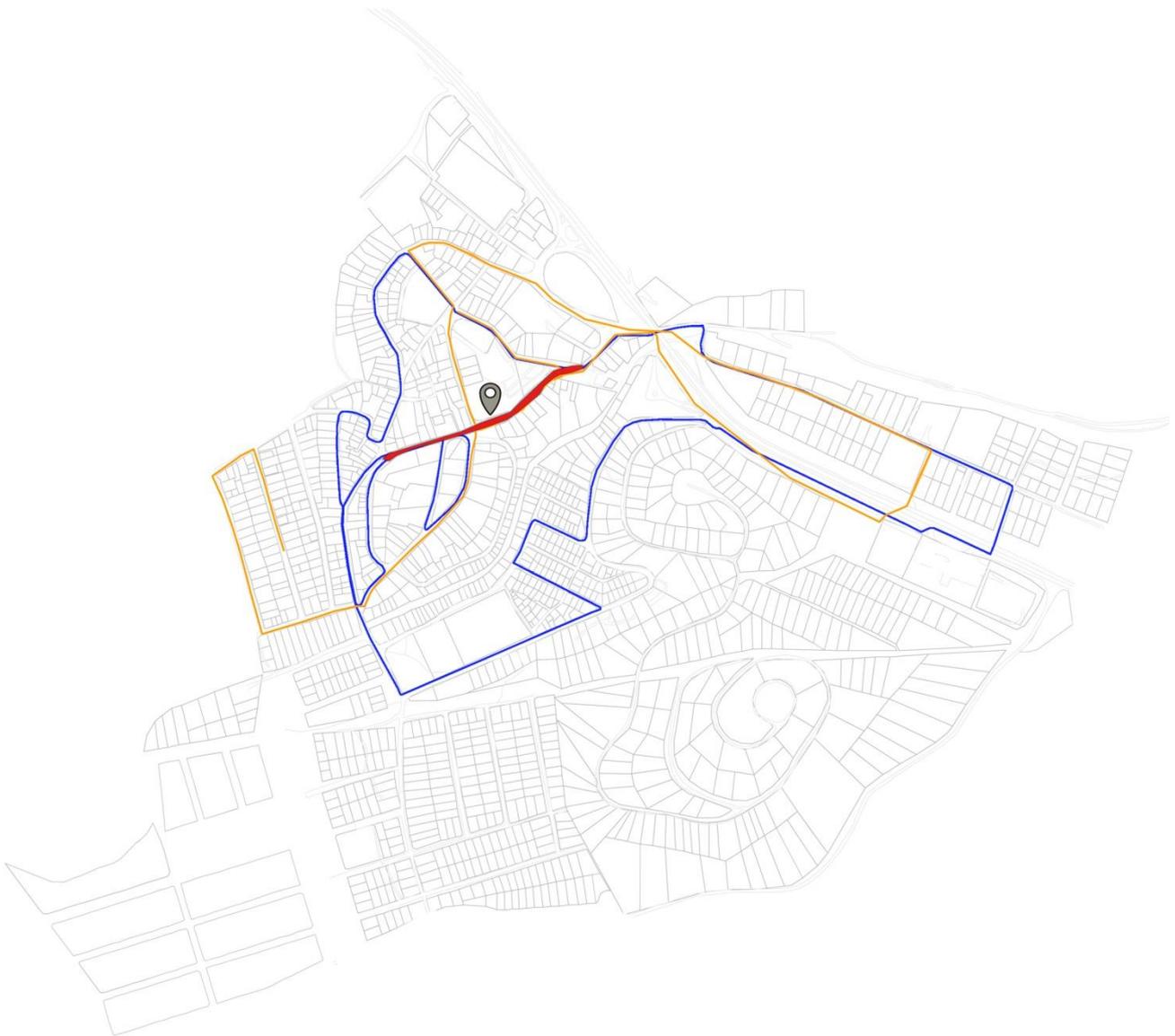
Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 18 – CAMADA 03: Epílogo Sensível da deriva do Outro



Fonte: Elaborado pelo autor. Conteúdo: BARROS, 2002, p.79.

2.3 CADERNO DE CAMPO II



LEGENDA:



MARCO INICIAL: A RUA



1° DERIVA: CONTRA FLUXO



2° DERIVA: PARADA



3° DERIVA: OUTRO

A composição do **Caderno de Campo II** também será formada por três lançamentos a deriva, sendo eles: 1º – Contrafluxo; 2º – Parada; e 3º – do Outro. Utilizando novamente essa postura agenciada de dispositivos para investigar variações nas formas de reconhecer as narrativas e apropriações que surgem dessas mediações construcionais nos espaços de vida do Centro de Viana.

Agora, tendo como marco inicial para adentrar às experiências a Rua Quintino Bocáiuva, conhecida também como Rua Principal, a qual é atravessada por comércios e ambulantes em toda sua extensão, assim como alguns estabelecimentos de consulta e assistência, como a sede da polícia militar local, consultórios de dentista e estética, por exemplo, dentre outros.

Mergulhado pela experiência de Jorge Larrosa, amparamo-nos ao seu pensamento de que “as palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras” (LARROSA, 2002, p. 2).

Dessa maneira, serão através do caminhar, do observar, inserido dentro da dimensão psicogeográfica tendo como enfoque a minha experiência nessas ações que “*Minhas Vianas*” serão criadas e amparadas por Larrosa (2002, p. 4) ao dizer que “o acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada”.

CAMADA 01 – Relatos de Campo

Os estudos para realização da deriva do contrafluxo ocorreram no dia trinta de julho, numa sexta-feira, iniciando-se por volta das dezoito horas e vinte minutos, aproximadamente. Assim, escolhi o ponto mais próximo do centro da rua para dar início aos lançamentos, liguei o aplicativo para registrar o tempo e então, sentei-me durante alguns minutos num banco de concreto que rodeava todo o alto da igreja – nome chamado para a área externa que circunda a igreja católica matriz do município, que é dotada de um grande espaço verde gramado rodeado – para observar a rua.

Ainda sentado, percebi que o horário da Escola Estadual havia sido tocado e os alunos começavam a ocupar toda a sua extensão, assemelhei essa situação a um grande formigueiro disperso e, assim, segui observando. Foi interessante ver como os diferentes grupos de alunos interagiam entre si, dialogavam-se e se comportavam naquele ambiente.

“polifonias urbanas um”

- *Estudante I: Maycon, me espera?*
- *Estudante II: Espero sim Mariana! Cadê Jéssica?*
- *Estudante I: Jéssica não vem hoje;*
- *Estudante II: Ela vai perder o exercício avaliativo?*
- *Estudante I: Acho que vai sim.*

Eram grupos de alunos para todos os lados, uns sentados na escadaria brincavam dando altas risadas; alguns de pé faziam movimentos de dança enquanto outros ao redor aplaudiam seu gingado. Outro mais distante era formado apenas por meninas, e curiosamente todas utilizavam o celular compenetradamente sem desviar seu foco, totalmente em silêncio e em roda, estaticamente ali permaneceram.

“polifonias urbanas dois”

- *Estudante I: Camila sobe aqui na escada!*
(grupo de meninas no celular)
- *Estudante II: To indo!*
- *Estudante III: Vem mostrar o passinho pra ele;*
(grupo de meninas ainda no celular)

Assim, ao direcionar o olhar um pouco para a lanchonete que estava à minha frente, vi três grupos distintos e curiosos. O primeiro era composto por uma mãe e seu filho, ambos comiam uma porção de frango com fritas em total silêncio; o segundo era composto por uma turma de amigos que lanchavam hambúrgueres e davam risadas escandalosas, batidas na mesa, ouviam música alta, e, por fim, a última mesa continha apenas um senhor sentado que observava tudo o que acontecia.

“polifonias urbanas três”

*[...] Let's kill this love!
Yeah, yeah, yeah, yeah, yeah
Rum, pum, pum, pum, pum, pum, pum
Let's kill this love!
Rum, pum, pum, pum, pum, pum, pum [...]
Kill This Love – BlackPink*

Ao olhar aquela situação e perceber que ele era o único sozinho dos grupos, tive a impressão inicial de que ele aparentava estar sozinho. Todavia, alguns minutos depois, senti como se na verdade ele sempre fizesse parte daquela cenografia urbana, compartilhando de toda aquela vivência e estando em comunhão com a calma ao qual o passar do tempo o permitia exercer. Poucos minutos depois, vi que todos o cumprimentavam de longe e o mais impressionante, era o fato de que ele sozinho conseguia atrair mais pessoas do que qualquer outra ali por perto.

“polifonias urbanas quatro”

*— Pessoa I: Ei senhor Adair, tudo bom?
— Sr. Adair: Tudo sim!
— Pessoa II: Estava animado no forró em Adair;
— Sr. Adair: Tô velho, mas não estou morto não
(Risos de ambos)*

Após mais alguns minutos, vi uma senhora que descia o morro do novo supermercado calmamente, a rua já não se encontrava mais tão agitada, seu aspecto agora era mais brando. Então, instantaneamente, senti-me atraído em ir ao seu contrafluxo, seguindo reto pela mesma direção dos carros e ônibus.

Logo após passá-la, percebi que todos os barulhos lentamente iam se reduzindo e distanciando-se de pouco em pouco. As luzes das ruas eram fortes e iluminavam bem, associando-me a um caminho guiado de estrelas.

De repente, um barulho de vassoura varrendo o chão com água correndo começava a fazer parte daqueles efeitos sonoros, mesclando-se com a quietude ao qual eu me apresentava. Olhando para o lado, vi uma senhora, que lavava sua varanda ouvindo uma música sertaneja bem antiga me fazendo lembrar de minha avó, como nos almoços de domingo quando todos se sentavam reunidos para almoçar, aquele mesmo som do rádio em cima da geladeira parecia se reproduzir ali, imediatamente me senti nostálgico e então levemente sorri.

“polifonias urbanas cinco”

[...] E nessa loucura de dizer que não te quero

Vou negando as aparências

Disfarçando as evidências

Mas pra que viver fingindo

Se eu não posso enganar meu coração [...]

Evidências – Chitãozinho & Xororó

Seguindo o trajeto, virei à direita, devido aos carros e motocicletas que saíam de uma rua perpendicular, e percebi estar em frente à minha antiga escola de ensino fundamental, que agora se tornara um anexo para a escola estadual da qual os alunos tinham saído havia pouco tempo. Lembrei-me de quando eu era liberado para vender bingos e fazer brincadeiras de Cosme e Damião – tempos ótimos!

Finalizando esse trajeto, e novamente retornando à rua principal, os barulhos voltavam aos poucos, os andares de passos acelerados e outros despreocupados se mesclavam pelo caminho. Os barezinhos colocavam suas mesas para fora, assim como as lanchonetes, que se preparavam para servirem seus clientes.

Passando pela calçada, presenciei alguns diálogos, curtos, mas interessantes. A farmacêutica conversava com um rapaz que havia supostamente comprado algo, mas sua venda continuara fora do estabelecimento; seu atendimento estava sendo na calçada agora, onde ela explicava as formas de utilizar os comprimidos e instruindo-o a voltar imediatamente, caso alguma possível irritação surgisse.

Repentinamente, uma grande massa de pessoas começou a sair de uma apertada arruela, o que eu, particularmente, não estava entendendo, até verificar que aquele lugar estava rodeado de barracas de cachorro-quente e hambúrguer, carrinhos de churrasquinho, uma barraca de açaí e um novo estabelecimento comercial de carnes e bebidas que estava sendo inaugurado.

A menina do churrasquinho chamava todos que passavam para sentar e provar o espetinho mais delicioso de Viana. Ela trabalhava junto com seu marido fazendo os lanches, enquanto seu filho fazia toda a parte de pagamento e troco após finalização do lanche.

“polifonias urbanas seis”

— *Vendedora: Olha o melhor churrasquinho de Viana, pode comprar!*

— *Filho da vendedora: O troco do lanche deu quatro reais moça;*

— *Esposo da Vendedora: Vocês querem o lanche com ou sem picles?*

— *Vendedora: Olha o melhor churrasquinho de Viana, pode comprar!*

— *Cliente: Márcia eu quero um de frango sem maionese, pra levar!*

Passando por todos, reparei que esse movimento todo se dava apenas no início daquela rua, também conhecida como a Rua da Delegacia. Assim, chegando ao seu final, deparei-me com uma mulher e um rapaz que estavam de pé, quietos e com olhares perdidos; aparentavam estar esperando alguém, não conversavam e pareciam deslocados – acho que não eram moradores do bairro.

Um fluxo intenso de carros surgiu repentinamente e o caminho estava cheio de conversas e barulhos, as calçadas eram menores do que as normais, e todos passavam ali apertados, rindo, mesmo sem se conhecerem, era até engraçado, senti-me como se estivesse passando por um ônibus cheio.

Ao terminar a descida, avistei outra barraquinha de churrasquinho e salgados cercada de pessoas rindo e bebendo. Verifiquei que algumas casas por serem praticamente faceadas com a rua, não tendo um afastamento frontal, faziam com que seus moradores se sentassem em suas portas, com os pés para rua, observando todos.

Dando continuidade, senti como se aquela rua fosse muito pequena para suportar aquela grande quantidade de informações, passagens, pessoas e barulhos que se misturava ao ambiente. Então, direcionei-me a uma outra ainda mais apertada para aguçar essa sensação que estava sendo construída, e, novamente,

ao mudar o eixo da rota para fora do fluxo padrão, o silêncio retomava indiretamente meus caminhos.

Em meio às imersões feitas na deriva do contrafluxo, os caminhos percorridos dali pra frente foram muito parecidos e, apesar de estarem sendo feitos contra os movimentos de alta intensidade, em determinadas situações, eles desapareciam, e então eu apenas observava ao redor e atentava-me aos elementos que se construía ao meu redor.

Assim, após quase uma hora e meia de caminhada, os trajetos eram similares e me faziam pensar estar numa linha tênue, na qual apenas pequenas mudanças eram observadas. Mas, mesmo em meio a essa calma, continuei andando, buscando emergir ainda mais elementos dessa Viana do contrafluxo.

Andando pela rua, vi que, em determinada hora, eu estava confrontando o cemitério da cidade e, estranhamente, ouvi algumas crianças que gritavam lá de dentro, não gritos de medo, mas sim de brincadeira, como se fosse de pique-esconde. Nesse momento, algumas senhoras sentadas conversavam sobre o dia e ao mesmo riam por não entender como seus filhos gostavam de brincar no cemitério, mas tinham medo de circo e palhaço.

“polifonias urbanas sete”

- *Senhora I: eu não sei como esses meninos gostam de brincar ali;*
- *Senhora II: tomara que o coveiro de um esporro neles para aprender!*
- *Senhora I: isso é tudo bicho teimoso, só dando uma surra;*
- *Senhora II: brinca no cemitério e tem medo de palhaço acredita!*
(risos ao final)

Fiquei também com a mesma dúvida, mas adulto não consegue enxergar as coisas com os olhos de criança. Ali poderia ser um mundo de brincadeiras, o qual tanto eu quanto aquelas senhoras nunca conseguiríamos ver. Seguindo então, virei à direita na única passagem possível e me deparei com um beco.

Ele também faceava o cemitério e era bem apertado, as luzes eram fracas e estava totalmente deserto. Logo ao adentrá-lo, apressei um pouco o passo, pois não havia me sentido a vontade ali, principalmente por ser um lugar apertado.

Quase finalizando o percurso, atravessei a rua e continuei seguindo um caminho de árvores que me levou a outro bairro da cidade. Eu estava numa

localidade chamada Santa Teresinha, e suas ruas estavam vazias; ela parecia estar escondida, apenas as luzes das janelas acesas e alguns ruídos de televisão.

Transpassando várias ruas, logo deparei-me com uma pequena arruela que estava completamente cheia de crianças, jovens e adultos rindo, interagindo e brincando. Fiquei surpreso, pois até aquele momento eu ainda não tinha encontrado ninguém naquela parte da cidade.

“polifonias urbanas oito”

- *Criança I: Sara olha eu aqui, pode jogar;*
- *Criança II: Não Sara, joga pra mim!*
- *Criança III e IV: Sara olha pra genteeee!*
- *Mãe de Sara: Sara entra pra tomar banho já!*

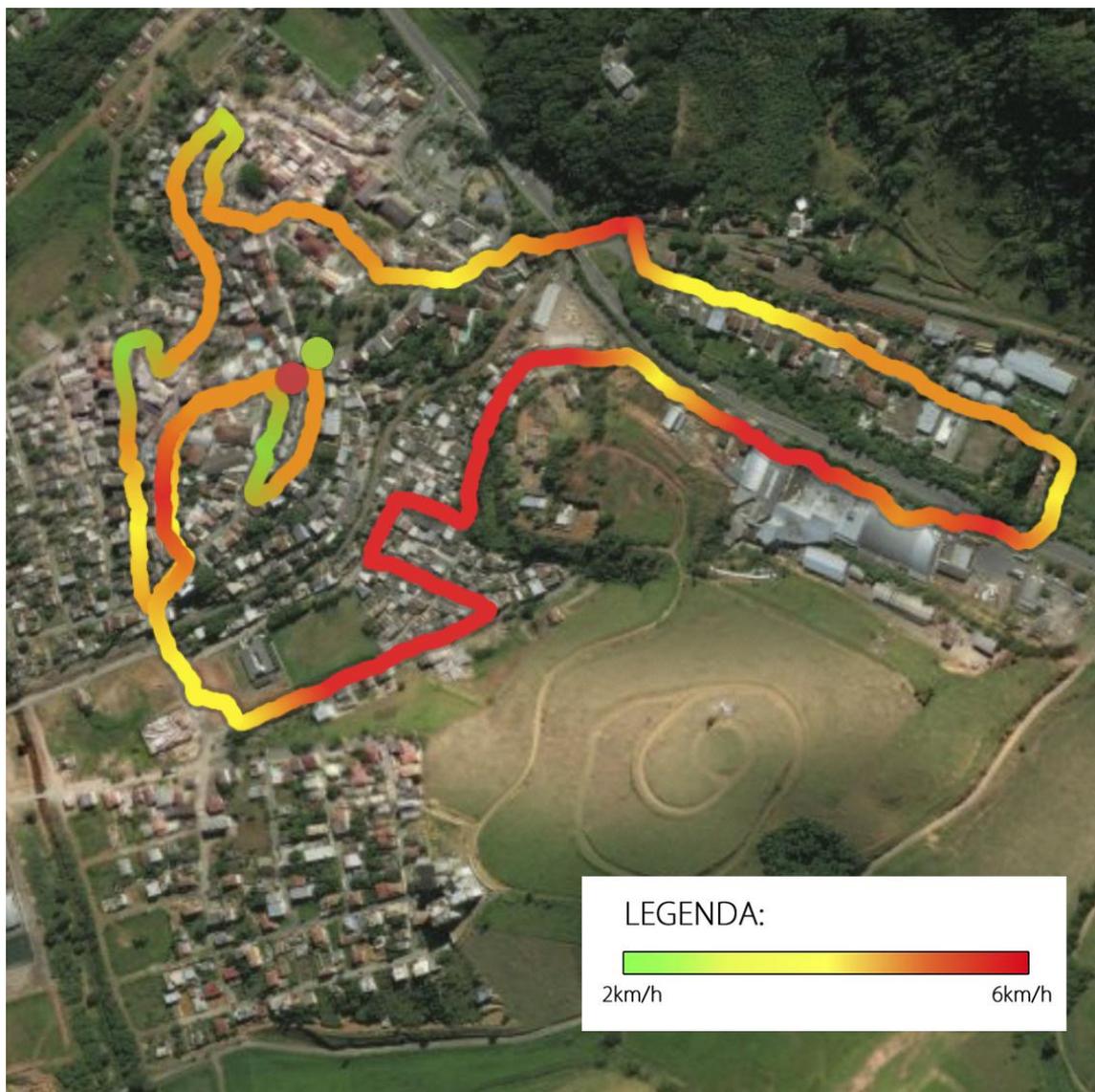
“polifonias urbanas nove”

- *Senhora I: A cervejinha tá uma delícia;*
- *Senhora I: Manuel pega o tira-gosto e senta aqui;*
- *Manuel: Estou indo amor, quer farofa?*
- *Senhora I: Claro né Manuel parece que não me conhece;*
(risadas altas com as amigas, brindando a cerveja)

Fiquei alguns instantes no meio de todos, observando os olhares curiosos daqueles que se perguntavam quem eu era. Eram risos, gargalhadas, pessoas indo e vindo a todo o momento. Contudo, ao mudar de rua, o bairro voltava a ficar quieto novamente, e a cidade parecia se transformar em outra.

Assim, os movimentos do contrafluxo me levaram novamente à rua principal, após duas horas e meia de percurso, e fizeram-me refletir sobre todas aquelas impressões auferidas dessa Viana que se criava. Em seguida, desliguei o aplicativo e fiz o registro das trajetórias, como pode ser visto pela Figura 19.

Figura 19 – Percurso *Runtastic* da Deriva do Contra Fluxo



Fonte: Elaborado pelo autor

A partir do mapa produzido pelo aplicativo verificou-se que os trajetos mais rápidos foram percorridos aonde os espaços com menos sociabilidades foram mais acentuados enquanto todo o trajeto teve um deslocamento mediano durante sua realização. Dessa forma, para posteriores análises, criamos o Mapeamento das trajetórias como mostra a Figura 20 abaixo:

Figura 20 – Mapeamento das trajetórias com base na cartografia do Centro



Fonte: Elaborado pelo autor

Para a elaboração do Mapa Polifônico Afetivo (Figura 21), percebemos que, inicialmente, na Rua Principal, foram identificados distintos agrupamentos e formas de sua utilização, como, por exemplo, os estudantes que conversavam entre si e

brincavam, as pessoas que caminhavam na rua e os grupos que lanchavam juntos, reconhecendo assim, algumas das sociabilidades possíveis de serem vistas.

Além disso, os sons se cruzavam devido à agitação dos carros e motocicletas que trafegavam a todo instante e também pelas pessoas conversando, seja pelos celulares, seja acompanhadas. Essas sensações geravam fortes impressões, possibilitando enxergar o lugar como um espaço dinâmico, dotado de movimento, com intenso fluxo e bem permeado.

Momentos de surpresa, diálogos e agitações também foram percebidos, quando presenciados a brincadeira das crianças no cemitério, a inauguração do novo estabelecimento comercial juntamente com as outras barracas que se formavam ao redor, e as crianças brincando na rua de pique-esconde. Todavia, em meio a algumas partes do trajeto, essas sensações se distanciavam e eu me sentia como se estivesse sozinho e inquieto, principalmente quando somente os meus passos eram ouvidos na caminhada ou não havia pessoas próximas.

A deriva do contrafluxo, tendo a Rua como ponto de partida, propiciou que mais práticas de sociabilidade em meio ao *frenesi* da cidade pudessem ser mais evidenciadas do que convívios com a indiferença. E essas ocorrências propiciaram a maneira como o Epílogo Sensível do contrafluxo (Figura 22) dessa Viana fosse concebido.

Dessa maneira, sua concepção se norteia devido ao percurso pela Rua Principal ir se mostrando como um grande eixo condutor de outras pequenas histórias que eram contadas a partir de suas derivações. Tivemos a impressão de que uma nova parte da cidade era desvendada a cada novo trajeto percorrido, quando novas formas de ocupar seu espaço de vida eram presenciadas.

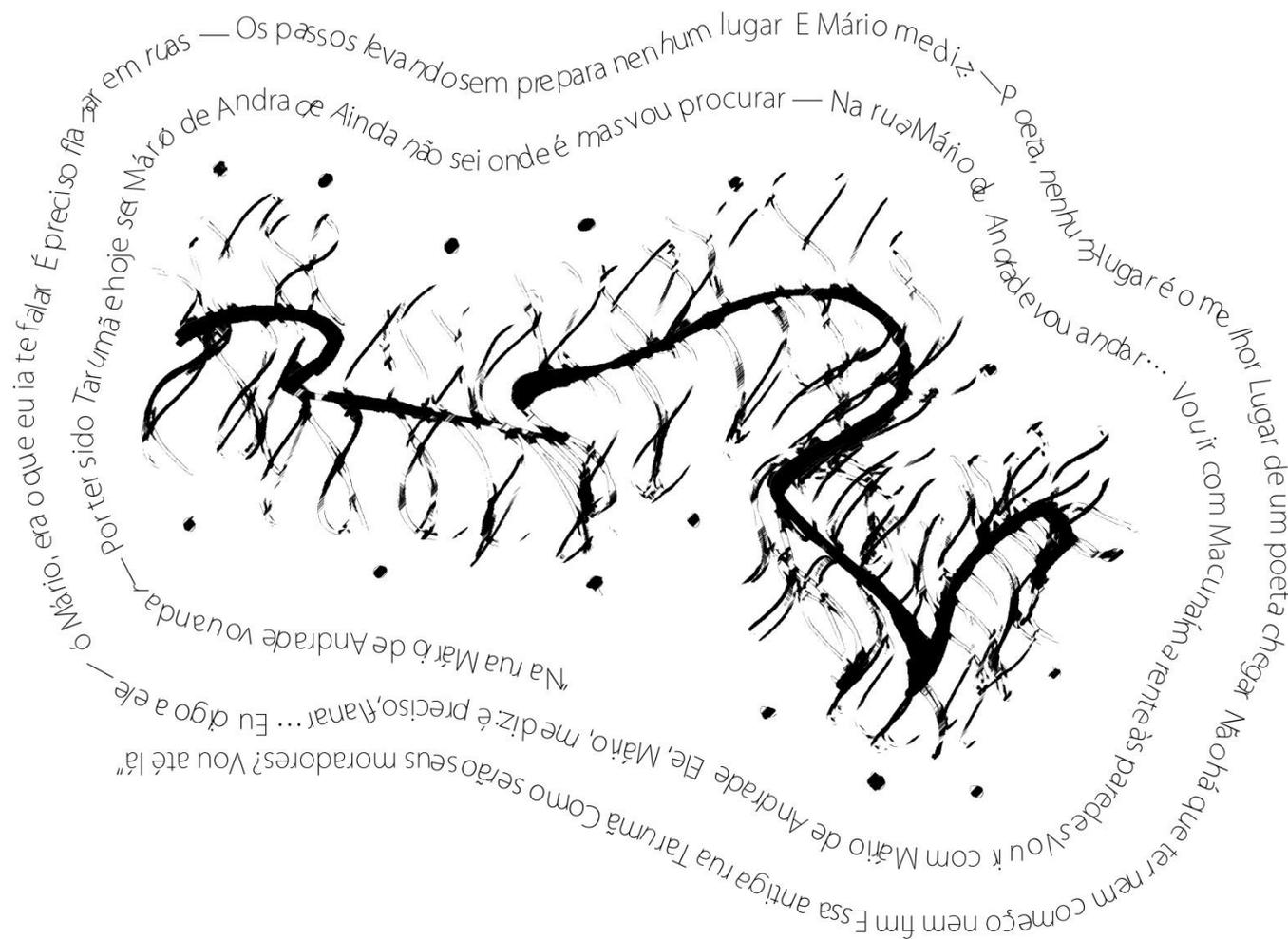
Essa composição artística buscou refletir essas evidências ao descobrir essas pequenas coleções de estórias procedidas dessa grande constelação, que propiciava gerenciar e nutrir essas práticas relacionais e subjetivas que se construía naturalmente em sua extensão, proporcionando encontros e desencontros, afetos e indiferenças entre aqueles que nela estavam conectados.

Figura 21 – CAMADA 02: Mapa Polifônico Afetivo da deriva do contra fluxo



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 22 – CAMADA 03: *Epílogo Sensível da deriva do contra fluxo*



Fonte: Elaborado pelo autor. Conteúdo: BARROS, 2010, p.83-84.

CAMADA 01 – Relatos de Campo

O segundo lançamento para realização da deriva parada aconteceu no dia dois de agosto, iniciando às seis horas e quinze minutos da manhã, perfazendo aproximadamente uma total de três horas e meia. Dessa maneira, devido à extensão da Rua Principal, os pontos de observação foram sendo alternados para aguçar as impressões emergidas das cenografias urbanas.

Assim, imediatamente ao chegar, liguei o aplicativo e sentei-me num banco de frente para o ponto de ônibus. Apesar de bem cedo e eu estar ainda acordando, senti como se todos se movessem muito rápido, a pressa e a inquietude foram as características mais marcantes nesse primeiro registro matinal.

As pessoas no ponto de ônibus não se davam bom dia, tanto as que chegavam quanto aquelas que já se encontravam ali, aparentando a grande maioria uma feição séria. Apesar do ponto de ônibus estar cheio, apenas o som dos carros eram dissipados por todo o ambiente, as pessoas não conversavam, não eram ouvidas vozes e frases soltas, somente o arrastar dos tênis e os suspiros de impaciência. Não apenas no ponto de ônibus havia grupos assim, mas alguns próximos à padaria, outros próximos de mim – a cidade de manhã estava impaciente e com pressa, o tempo passava devagar e os ônibus saíam sempre carregados.

“polifonias urbanas um”

- Pessoa I: Silêncio;
- Pessoa II: Silêncio;
- Pessoa III: Mexendo no celular;
- Pessoa IV: Silêncio;
- Pessoa V: Silêncio.

“polifonias urbanas dois”

— (...) *Difícil fotografar o silêncio. Entretanto tentei.*
(BARROS, 2005, p. 16)

Os minutos se arrastavam, e passados trinta deles, as pessoas agora começavam a se cumprimentar. Um senhor que estava vestido com roupa de academia acenava para quase todo mundo; ele, de certa forma, quebrou aquele gelo que estava impregnado ali. Algumas pessoas riam, outras falavam ao celular, e

aquela cidade sem paciência começava a desabrochar. Senti o ambiente mudando, os sujeitos da rua pareciam estar vivenciando melhor o amanhecer.

Uma característica que me chamou a atenção foi a grande quantidade de carros que saíam da cidade. Apesar dos pontos sempre bem cheios, os veículos passavam em grandes quantidades; um ou outro ainda parava para oferecer carona para alguém no ponto. O barulho do motor ressoava por todos os lados. Senti-me como numa maratona – aquela pressa me fazia querer me movimentar, e era como se eu estivesse sendo induzido indiretamente a entrar naquele congestionamento. Era instigante ver como essa cotidianidade envolvia tantas pessoas e o próprio lugar.

“polifonias urbanas três”

- *Onomatopeia I: UOMMMMMMM!* ;
- *Onomatopeia II: UOMMMMMMM!* ;
- *Onomatopeia III: VRUUU! ; VRUUU!*
- *Onomatopeia IV: BIP! BIP! Entra ai!*

Outra observação muito inusitada foi percebida logo ao chegar, ao ver que o único estabelecimento aberto e cheio de pessoas era um barzinho cheio de jogos de sinuca e totó.

Quando se aproximou das sete horas da manhã, novamente uma massa frenética de pessoas misturava-se pela rua; todos os ônibus, tanto particulares quanto públicos, traziam os alunos e os desembocavam praticamente no ponto em frente ao qual eu estava. Gritos, barulhos de celular, mais gritos, batidas de mochila, música do celular, gente cantando – naquele momento, eu parecia estar perdido num formigueiro em forma de rua.

“polifonias urbanas quatro”

- *Adolescente I: eu tô morto de sono;*
- *Adolescente II: nossa nem me fale;*
- *Adolescente I: me da um chiclete?*
- *Adolescente II: serve de melancia?*

Os alunos chegavam por volta das sete horas, todos procurando algum canto da rua para se aglomerar. A lotérica era um dos favoritos, devido ao *parklet* –

eram grupos maiores, com uma média de dez alunos, que sentavam nos bancos, usavam o Wi-Fi público e pareciam estar filmando um ao outro. A polifonia de vozes abafava o próprio som dos carros e motocicletas – senti-me, nesse momento, como num show lotado, porque suas vozes me cercavam de todos os lados.

Depois de ficar um tempo ali, resolvi alternar um pouco o lugar e, então, me direcionei a uma de suas extremidades. Lá existe uma praça que nunca é utilizada para o lazer, e é praticamente usada como passagem ou ponto de ônibus, situada de frente para os correios e para um conjunto de casas coloridas nas cores amarela, laranja, branca e verde – não sei por que, mas lembrei-me de Salvador, na Bahia.

Aqui, a dinâmica da cidade se construía de uma forma divergente da anterior; o barulho do varrer do gari era mais alto do que o barulho dos veículos. A sensação era que todos faziam silêncio ao passarem por aquela parte; até os carros não buzinaavam, e não havia o ranger das motocicletas; os pássaros que cantavam na copa das árvores soavam mais alto do que os veículos.

“polifonias urbanas cinco”

*Os pássaros conduzem o homem para o azul,
para as águas, para as árvores e para o amor.
Ser escolhido por um pássaro para ser a árvore dele:
eis o orgulho de uma árvore.
Ser ferido de silêncio pelo vôo dos pássaros:
eis o esplendor do silêncio.*

(BARROS, 2010, p. 36)

Uma senhora bem distante de mim estava sentada mexendo em seu celular; ela sequer movia-se para ver o rapaz que varria ao seu lado, e ele, por sua vez, observava quão compenetrada ela estava em tentar realizar suas tarefas no aparelho. Chegava a ser cômico, pois como a praça estava sendo ocupada apenas por ele, por mim e por essa senhora, sentíamos essa curiosidade em saber o que de fato prendia tanto sua atenção.

Do outro lado, um rapaz sozinho se escorava no carro e nos olhava, entre um carro vermelho e outro branco, e parecia estar esperando alguma reação minha para que ele também pudesse reagir, enquanto outro rapaz, mais ao fundo, mexia no celular e sequer se preocupava com seu arredor.

Os estabelecimentos estavam fechados e o ponto de ônibus não estava cheio como o anterior. Ainda ali ouvindo o canto dos pássaros, percebi que os soprares do varrer do rapaz havia aumentado consideravelmente, e ao olhar para trás, vi que um trio de servidores municipais agora adiantava o serviço. A praça estava limpa e, no fim das contas, estava mais cheia de pássaros do que de pessoas.

Após passar uma hora, resolvi alternar novamente o ponto de observação para a outra extremidade da rua. Direcionando-me para o novo ponto, reparei num senhor que estava de cabeça baixa; ele vendia queijos e estava sem nenhum cliente ao redor. Sua feição era neutra e seu pensamento parecia estar longe.

Enquanto isso, na farmácia, umas quinze pessoas compravam lá dentro e realizavam pagamento de contas no Banco24Horas. Um cachorro calmamente sentado na sua fachada observava toda aquela correria – ele parecia ser de alguém dali e em nenhum momento esboçou alguma reação de medo, parecendo o dono do pedaço (o espaço da frente da farmácia era vigiado por ele).

Nove horas em ponto e todas as lojas começavam a abrir as portas. Agora, o movimento realmente estava denso, e era quase impossível não ver ou cumprimentar pelo menos uma pessoa até seu final. O rapaz da quitanda abriu as portas com muita alegria nos olhos, enquanto a menina que vendia bolos, sentada e mexendo no celular, aguardava alguém abordá-la para começar a fazer sua venda.

“polifonias urbanas seis”

— *Vendedor da quitanda: Bom dia! Bom dia! Bom dia!*

(Vendedora do bolo digitando no celular)

— *Vendedor da quitanda: Maria tem banana madura hein!*

— *Maria: Eu quero aipim, tem também?*

— *Vendedor da quitanda: tem sim, entra aqui pra eu te mostrar;*

(Vendedora do bolo digitando no celular)

Por fim, retornando ao ponto inicial, a cidade se mostrava mais uma vez de outra forma; a pressa não estava nos olhares daqueles que a perpassavam, a calma nos passos, os olhares atentos para dentro das lojas e os supermercados cheios caracterizavam esse fluxo urbano. Assim, ao finalizar, desliguei o aplicativo para registro do tempo e mapeei os pontos com base no bairro (Figura 23).

Esta deriva aguçou não apenas o meu olhar, mas também senti que os sons estavam muito presentes em todas as ações da cidade. Percebi que essas modulações pelas quais o espaço urbano vai passando durante o dia estão diretamente ligadas à forma como ele é carregado por seus agentes, e muitas vezes apenas parando para ver como essas ações são refletidas nas ações dentro da cidade é que se torna possível investigar tais elementos.

Figura 23 – Mapeamento das trajetórias com base na cartografia do Centro



Fonte: Elaborado pelo autor

A construção do mapa polifônico afetivo da deriva parada (Figura 24) resultou-se em uma forma de ondas, pois cada intervalo de tempo aparentava estar

associado a uma nova onda de percepções ao qual a cidade nos propiciava experimentar.

Assim, num primeiro instante, as práticas de indiferença suscitavam serem mais fortes em meio aos indivíduos que estavam utilizando a Rua próximo ao ponto de ônibus, pois eles não se comunicavam, estavam em grande maioria no celular e não se cumprimentavam ou faziam algum tipo de gesto para aqueles que chegavam ou saíam. A impressão maior forte do primeiro horário foi de que aquele espaço urbano está cheio de impessoalidade e pressa.

Com o decorrer do tempo, isso foi sendo amenizado com as trocas das pessoas que iam modificando a maneira como aquele ambiente ia sendo transpassado, tornando aquela ambiência mais leve e fluída.

Os maiores pontos de sociabilidade e agrupamentos verificados foram quando os alunos chegaram para ir à escola, os senhores avistados jogando totó e os estabelecimentos ao abrirem as portas para início do horário comercial fomentando de forma mais intensa e longínqua o uso da circunscrição da rua por mais pessoas.

Desse modo, no momento em que os pontos de observação foram alternados, percebemos que uma nova dinâmica era vista naquela parte da rua tendo agora não mais os sons dos carros como dominante, mas sim o som dos pássaros, a calma e a tranquilidade de um lugar não congestionado.

Percebemos durante esta deriva que a cidade inicialmente se apresentava com mais atividades que a caracterizavam como práticas indiferentes e evidenciavam seriedade e impaciência, contudo após o primeiro horário sua dinâmica passou a se alterar tendo mais práticas de sociabilidade.

Assim, para a construção do epílogo sensível da deriva parada (Figura 25) tomando por base todas essas impressões, entendemos que cada uma dessas configurações das quais eram vistas sendo vivenciadas na rua mostravam uma maneira particular de como alguns grupos ou indivíduos a entendiam.

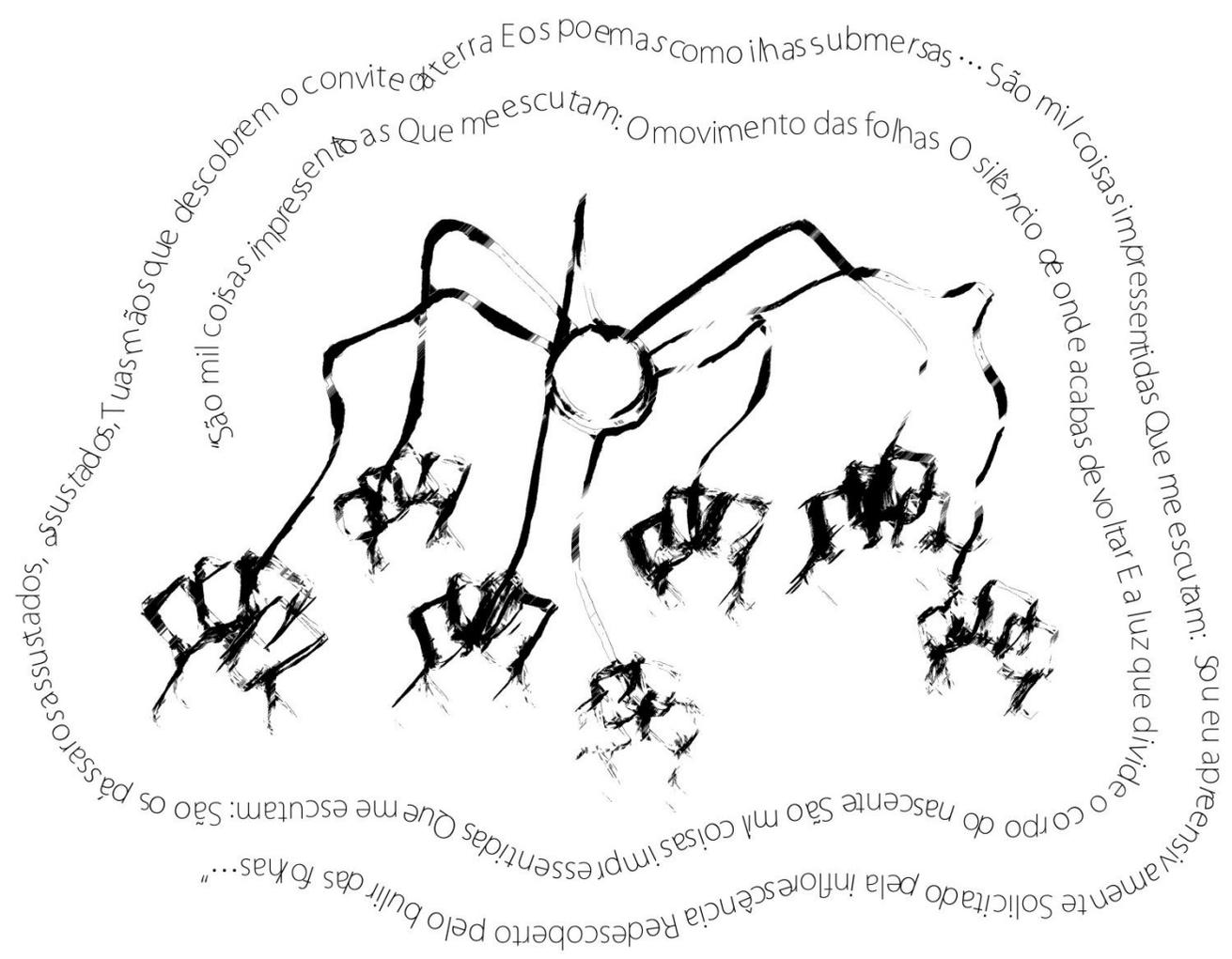
Pensando como um pequeno pedaço da cidade na qual era manifestado suas apropriações em meio aos espaços de vida, essas relações construcionais verificadas fortaleciam essa sensação de pontos de conexão a partir de um grande eixo que permitisse a estruturação de tais práticas.

Figura 24 – CAMADA 02: *Mapa Polifônico Afetivo da deriva parada*



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 25 – CAMADA 03: *Epílogo Sensível da deriva parada*



Fonte: Figura elaborada pelo autor. Conteúdo: BARROS, 2010, p. 49-50.

CAMADA 01 – Relatos de Campo

Para a realização do último lançamento do Caderno de Campo II, categorizado como deriva do Outro, utilizamos como base um mapa afetivo de itinerários da cidade de outra pessoa para criação de um roteiro, inspirado pelas práticas similares dos situacionistas.

Dessa forma, para sua produção, convidamos o Sr. Guilherme Faria, vinte e seis anos, engenheiro e residente do Centro, para um conversa com o intuito de compreender seu cotidiano e suas experiências geradas na cidade, concebendo um roteiro que servisse como guia para o lançamento proposto.

Sentamo-nos para conversar e, em meio aos diálogos, fui compreendendo a maneira como ele entendia sua visão de Centro. Percebemos que, como sua estadia era recente (cinco meses), seus marcos afetivos eram mais curtos e não exploravam toda a circunscrição do bairro. Todavia, verificamos que o seu dia a dia era bem pautado com pontos definidos pela cidade.

Assim, após uma longa conversa sobre sua rotina, hábitos e afazeres diários acompanhada de um café, delineamos um trajeto que nos serviu de dispositivo para utilizar na experiência do meu corpo vetor. Após todo entrosamento, confeccionamos a deriva do Guilherme (deriva do Outro), embasada por suas práticas e percursos diários, conforme mostra o Quadro 02. O item em negrito faz referência ao marco inicial pré-estabelecido que perfaz toda a composição do caderno, sendo um ponto em que tivemos muita atenção em saber se a Rua Principal fazia parte de suas rotas.

Quadro 02 – Roteiro da deriva do Outro

ROTEIRO - DERIVA DO GUILHERME

1. Minha Casa (ponto de Partida) – Santo Agostinho
 2. Supermercado Novo
 3. **Rua Principal – Quintino Bocáiuva**
 4. Igreja Matriz
 5. Prefeitura Municipal de Viana
 6. Pracinha
 7. Rua da Creche
 8. Restaurante do coquinho
 9. Casa da namorada
-

Fonte: Elaborado pelo autor

Dessa forma, o lançamento à deriva ocorreu no dia seis de agosto, por volta das dezessete horas, perfazendo um tempo de três horas e vinte e cinco minutos. Assim, iniciando o trajeto, liguei o aplicativo e comecei a trilhar os percursos.

Iniciando pela rua na qual ele residia, percebi que, além de sozinho, também não havia nenhum barulho. Parei um pouco para observar e tentar captar algum tipo de movimento ou qualquer outro elemento que não fosse o silêncio e a escuridão, mas, naquele momento, nada acontecia.

“polifonias urbanas um”

— *Silêncio (...)*

— *Silêncio (...)*

Seguindo então o roteiro, virei à esquerda para a rua mais próxima do rio e imaginei de imediato que a sensação agora poderia ser mais amena, em vista da anterior. Contudo, esse sentimento ainda continuou, mas agora acompanhado do barulho do rio que trazia um vento frio que faceava uma mata alta e escura, podendo apenas ser ouvidos de longe os sons dos grilos.

“polifonias urbanas dois”

— *Onomatopeia I: CRI! CRI! CRI!*

(barulho de água correndo)

— *Onomatopeia II: CRI!*

(barulho de água correndo)

Andando por essa longa rua, vi que a maioria das casas eram construídas de madeira e eram também suspensas. Apenas as luzes amarelas das casas as clareavam, os postes estavam distantes uns dos outros, o vento tinha começado a ficar ainda mais frio e a sensação de inquietude me acentuava.

Chegando ao seu final, comecei a ouvir algumas vozes, que pareciam mais cochichos, pois não soavam com clareza, e como tudo estava quieto, nenhum som tinha como passar despercebido. Então, logo à frente, avistei um grupo de meninos sentados num banco de madeira conversando baixinho, de forma cautelosa; eles não me olhavam diretamente e continuavam cochichando, mas mesmo aquele cenário não sendo um dos mais agradáveis, senti-me mais confortável.

“polifonias urbanas três”

— (...) *Tem um rio e um pouco de árvores.*

— *Nossa casa foi feita de costas para o rio.*

— (...) *Quando o rio está começando um peixe,*

— *Ele me coisa.*

— *Ele me rã.*

— *Ele me árvore.*

(BARROS, 2005, p. 77)

Assim, indo em direção ao supermercado novo, segui pelo bairro Santo Agostinho e subi um grande morro atravessado por carros e ônibus. Nesse momento, identifiquei que a rua estava mais cheia, as pessoas caminhavam para cima e para baixo e, organicamente, seus caminhos iam sendo preenchidos; pouco a pouco mais permeado, o sentimento de estar sozinho ia desaparecendo.

Ao final do morro, deparei-me com um lugar mais familiar, próximo ao ponto onde eu sempre pegava ônibus para ir à faculdade, e logo mais à frente estava o supermercado novo, que, na verdade, era a maneira como ele se dirigia à reforma do antigo mercado local. Próxima dele, também estava a Rua Principal, com seus fluxos mais intensos e rápidos.

Durante todo o trajeto até aqui, esse foi o momento em que eu mais via *transeuntes* para todos os lados. Alguns sozinhos, outros no celular, muitos comprando dentro do supermercado – a Rua Principal estava bem trafegada e com grande concentração de pessoas e permeações.

“polifonias urbanas quatro”

— *Pessoa I: Marcos vamos nos inscrever no centro de qualificação?*

— *Marcos: Esse aqui de frente para o supermercado? Não sabia que era um centro de requalificação, tem muito tempo que inaugurou?*

— *Pessoa I: Tem não, tem vários cursos legais, vamos lá olhar;*

Direcionei-me, depois, à área próxima à Igreja Matriz e, durante esse momento, ao sair daquela tempestade de interconexões em que a rua se fazia, senti que o som lentamente se distanciava.

Passando pela igreja, já por volta das dezoito horas e trinta minutos, tive a impressão de que o centro estivesse cansado. Verifiquei poucas aglomerações de pessoas transpassando por mim, o vento soprava mais frio, o céu estava bem escuro e sem estrelas, e achei que fosse chover.

Seguindo pelo roteiro, desci o morro faceando o cemitério e novamente tive acentuada a sensação de escuro e silêncio pela forma como a rua se configurava. Acredito que aquele não era o local mais agradável para todas as pessoas trafegarem, ainda mais porque não havia sons de motocicletas, carros ou de conversas.

Assim, ao chegar ao final do declive, virei-me para a rua que iria me direcionar para a Prefeitura Municipal de Viana; alguns carros estavam estacionados, e, de longe, comecei a ouvir alguns sons de músicas que ressoavam de uma casa. Logo à frente, avistei uma senhora que arrumava seus filhos dentro do carro; eles não conversavam entre si, apenas se ajeitavam e se preparavam para partir.

“polifonias urbanas cinco”

[...] Ah, esse tom de voz eu reconheço

Mistura de medo e desejo

Tô aplaudindo a sua coragem de me ligar [...]

Medo Bobo – Maiara e Maraisa

Próximo à prefeitura, o barzinho que vende bebidas e funciona como distribuidora estava aberto. Algumas pessoas jogavam sinuca lá dentro, não tinha música, mas apenas as batidas dos bilhares, e parecia estar divertido.

Chegando, então, à Prefeitura, apesar de ser fora do horário de expediente, muitas pessoas estavam no ponto; algumas ainda trabalhavam, em razão das luzes acesas no prédio. A quadra poliesportiva estava cheia de garotos jogando basquete, fazendo lembrar-me automaticamente de quando eu também jogava.

Fiquei um tempo ali parado observando, e senti uma grande vontade de comer o churrasquinho do Gato – agora ele tinha colocado uma tevê bem grande no meio da praça, e uma quantidade considerável de pessoas sentadas estavam conversando.

“polifonias urbanas seis”

— *Cliente: Gato me vê um churrasquinho de medalhão e de asinha, por favor!*

— *Gato: É pra já chefe;*

— *Gato: vai querer com farinha e molho?*

— *Cliente: vou querer uma cerveja também;*

— *Gato: senta um pouquinho ai na mesa que eu já levo pra você*

— *Cliente II: Ei Gato, boa noite, tudo bom? Eu quero um de frango pra levar por favor!*

Você viu o Antônio passando por aqui?

— *Gato: Olha não vi ele não, mas estranho né? Ele sempre passa aqui esse horário;*

Após um tempo, dei continuidade às imersões na cidade, seguindo para a Rua da Creche. Pelo caminho, passei por um viaduto escuro e, novamente, ao me afastar da praça, vi que o silêncio aos poucos se intensificava. Passei por uma linha de trem e uma longa reta que estava completamente vazia.

Durante alguns momentos percorrendo-a, verifiquei que não havia nenhum bar, mercado, loja ou qualquer outra edificação que pudesse propiciar o encontro das pessoas ali, com exceção de uma formosa igreja que estava aberta, de luzes acesas, mas aparentemente sem ninguém dentro.

Logo após transpassar aquela parte, direcionei-me para o Restaurante do Coquinho, que ficava na principal. Voltei pelo caminho realizado e fui seguindo observando todas as subjetividades que me eram possíveis captar nesse caminho do Outro.

Chegando ao ponto marcado do roteiro, vi que o restaurante também funciona como barzinho durante a noite. Aqui a rua estava cheia novamente, havia pessoas caminhando, conversando e algumas sentadas dentro do estabelecimento. Ele era bem espaçoso, com gradis amarelos e partes de madeira. Eu nunca havia entrado ali, era novo; de início, achei engraçado o nome, pois era o apelido dele desde criança.

“polifonias urbanas sete”

— *Coquinho: hoje a noite vai ter show ao vivo e rodada dupla, vai vir Lisboa?*

— *Lisboa: Claro que vou! Começa que horas?*

— *Coquinho: A partir das oito da noite, vem com o Jorge;*

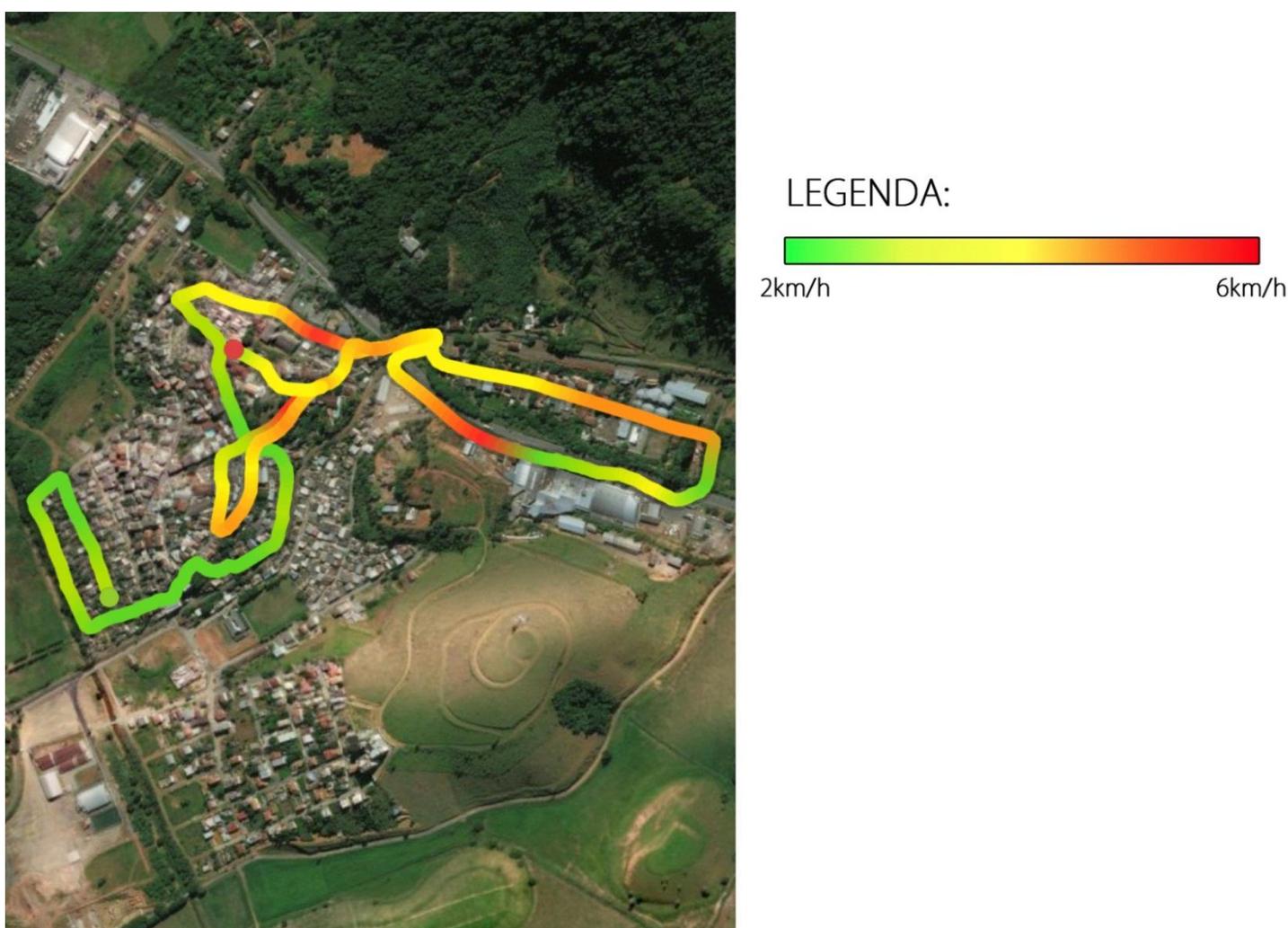
— *Lisboa: E você acha que ele não vai querer vir?*

(risos de ambos)

Por fim, voltei pelo caminho do restaurante para chegar à casa da namorada, virei à esquerda pela principal e subi um morro que confronta o outro lado da igreja; a casa da namorada estava no final desta rua, que também era deserta, vazia e tinha apenas alguns carros estacionados.

Novamente, nada inesperado. Ao parar em frente à residência dela, desliguei o aplicativo para registro às oito horas e vinte e cinco minutos, como mostra a Figura 26 com o percurso da deriva do outro.

Figura 26 – Percurso *Runtastic* da Deriva do Outro



Fonte: Elaborado pelo autor

Dessa maneira, analisando o mapa gerado pelo aplicativo, certificamo-nos de que a maioria dos trajetos realizados tiveram um caminhar mais lento, alterando-se principalmente nos pontos com maiores conexões e fluxo de pessoas. Esses

pontos de maior permeação se deram principalmente na praça e na rua principal, onde alguns elementos subjetivos menos impessoais foram despertados.

Assim, com base nesse mesmo trajeto, foi construído o mapeamento de trajetórias (Figura 27) a partir do lançamento proposto pela deriva do Outro e o produto gerado pelo aplicativo.

Figura 27 – Mapeamento das trajetórias com base na cartografia do Centro



Fonte: Elaborado pelo autor

Após examinar todas essas impressões absorvidas durante os trajetos realizados, foi criado o mapa de polifônico afetivo (Figura 28) a partir da minha versão, usando como base o mapa afetivo do Outro.

Dessa forma, no começo do trajeto, percebi que o silêncio era forte e inundava todo o ambiente ao qual eu partia para experienciar. Não havia barulhos ou sons que de alguma forma indicassem a presença de alguém ali perto. As impressões de isolamento ficaram ainda mais evidenciadas quando os caminhos percorridos passaram a ser feitos próximos ao rio, que, além de escuro, era acompanhado de um vento forte.

Outros momentos semelhantes a esse foram as passagens próximas ao cemitério e quase todo seu percurso até chegar à praça, além Rua da Creche, que possui características parecidas. Esses locais conseguiram acentuar mais esses distanciamentos com meu corpo vetor durante o processo, não propiciando que práticas de sociabilidade ou relações mais afetivas com os trechos fossem possíveis de serem criadas.

Em contrapartida, ao chegar mais próximo da Rua Principal, verificamos que essas permeações se davam de forma natural e intensa, como também perto do supermercado novo e da Igreja Matriz. Às impressões que eram emanadas dessa parte correspondiam intensidade, pressa e dinamismo.

O espaço urbano da cidade se comportava de maneira bem peculiar em cada trecho durante o movimento, fazendo com que aquele instante capturado suscitasse numa forma de compreendê-lo.

Nesse sentido, após identificar a maneira como essas subjetividades foram impressas, criamos o epílogo sensível do Outro (Figura 29), que foi concebido a partir da reflexão de que pequenos núcleos de sociabilidade ou indiferença eram criados a partir da forma como a relação construcional do mapa afetivo do Outro proporcionava que a cidade fosse pensada.

Cada pequeno pedaço da minha versão absorvida do percurso oportuniza novos entendimentos da maneira como os espaços de vida urbanos eram agenciados por seus transeuntes, fosse em meio ao frenesi do movimento intenso, fosse pela inquietude presente nas reverberações do silêncio.

Figura 28 – CAMADA 02: Polifonias Afetivas da deriva do Outro



Fonte: Elaborado pelo autor



CAPÍTULO III

REVERBERAÇÕES

Ao estudar a cidade e adotando como premissa o pensamento de Doreen Massey (2008) para entendê-la a partir de sua multiplicidade, possibilitamos de imediato, a imaginar sua compreensão por meio de distintos modos para a experimentar. Assim, vendo-a como um espaço aberto, consideramos que suas construções relacionais também estariam propícias a se modificarem mediante o jogo de ações nas quais os seus sujeitos estariam envolvidos.

Pensar nesse sentido nos permite refletir sobre as variadas formas de explorar seu habitar urbano a partir de questionamentos realizados em seus espaços de vida. Assim, é utilizando a categoria de lugar dada por Massey, que observamos essas diferentes configurações através da experiência possibilitando-nos de identificar como as relações com seus ambientes são construídos no decorrer de atividades que exprimem por vezes características voltadas para a sociabilidade e por vezes também como práticas de negação ou indiferença.

Recebendo constantemente fluxos que alteram seu espaço físico e social, entendemos que o espaço da cidade poderia ser visto como uma “simultaneidade de estórias-até-então” (MASSEY, 2008, p. 190) e os locais, como uma “coleção dessas estórias” (MASSEY, 2008, p. 190), associando os diferentes modos que cada lugar pode experimentar a partir das mediações feitas por seus agentes, reforçando assim, sua política de inter-relações e sua constelação inacabada.

Queiroz Filho (2010) nos balizou nesse sentido ao assimilar o lugar sempre como uma versão, através de suas negociações mediadas pela intencionalidade da forma de olhar para entendê-la como um cosmo polifônico produtor de encontros, cruzamentos, passagens, afetividades, vulnerabilidades e interseções.

Autores como Janice Caiafa (2003, 2005 e 2007), Massimo Canevacci (2004), Marandola Jr. (2008, 2008a, 2011 e 2014), Walter Benjamin (1995), Cornélia Eckert e Ana Rocha (2011) e Jean Thibaud (2012) também se debruçam para pensar sobre como essas relações (mediadas pelo sujeito e pela cidade) atravessadas pela experiência cidadina permitem que diferentes maneiras de conhecer o seu habitar urbano sejam evidenciados.

Dessa maneira, são nos itinerários e lugares que as pessoas trafegam e percorrem durante todo o seu dia, onde desenvolvem o seu cotidiano, que é possível identificar conexões com os espaços urbanos a partir das trajetórias realizadas por aqueles que neles transitam.

Nesse sentido, apoiado pelos pensamentos de Janice Caiafa (2003) a escolha dos espaços públicos se caracterizou devido à heterogeneidade que suas mediações oportunizam aos indivíduos de poderem ser afetados por estranhos e proporcionar que subjetividades sejam emergidas, promovendo a criação de estímulos e sensações a partir das trocas de experiências.

Assim, inspirado pelas palavras de Queiroz Filho, quando ele diz que “interessa-me, portanto, aquilo que escapa” (QUEIROZ FILHO, 2015, p. 2), este trabalho se propôs a investigar como se dão as construções relacionais dos espaços de vida urbanos quando permeados por práticas de sociabilidade e indiferença, adotando uma postura variante como protocolo para compreender essa dinâmica.

A interpelação do corpo e os sentidos agora também passam a ser considerados nos estudos do campo da investigação, viabilizando que novas histórias mediadas pelas sensações emergidas do lugar e pelo sujeito da experiência que utilizará seu corpo vetor para tal proposição possam ser contadas.

Para entender essas diferentes experiências afetivas e vínculos que podem surgir em meio aos múltiplos locais e ambiências que são permeadas pelas diversas subjetividades que podem ser emergidas tanto nos lugares quanto no movimento, decidimos vincular tais premissas para a investigação dos espaços de vidas citadinos quando analisados por meio de suas práticas que sociabilidades e convívios com a indiferença, apoiados por autores como George Simmel (1973 e 1903), Rousiley Maia (2001), Le Breton (2009) e Marandola Jr. (2014 e 2011).

Para a construção da metodologia de análise, utilizamos como recorte espacial a cidade de Viana Centro, no qual eu resido, como área de estudo para a pesquisa, que foi inspirada nos preceitos e técnicas da Internacional Situacionista (IS) para a produção de um Caderno de Campo com materiais coletados a partir das ocorrências observadas durante o período em campo, amparados por Paola Jacques (2003 e 2008), Jorge Larrosa (2002), Marandola Jr. (2008), Janaína Becheler (2014) e Suely Rolnik (2006).

A Internacional Situacionista configurava-se inicialmente como um grupo de artistas, pensadores e ativistas que tinham como propósito principal em suas intervenções a *cidade*, em especial os centros urbanos e a relação desses com a cotidianidade da vida. Tinham como ideia central a construção de situações, ou seja, a composição de ambiências e suas transformações.

Desse modo, vendo tais situações como um “momento da vida, concreta e deliberadamente construído pela organização coletiva de uma ambiência unitária e de um jogo de acontecimentos” (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2003, p. 65), suas ações e pensamentos incitavam a novas formas de refletir o cenário material da vida e os comportamentos provocados e alterados por ela.

Esse tipo de pensamento designa que uma nova ambiência há de ser reconstruída a partir da mudança no comportamento ao assumir uma nova postura. Ao entender que construir para si uma situação implica numa escolha de caminhos e passagens, é somente ao distanciar-se, subtrair-se ou adaptar-se a uma nova experiência que esse entendimento é estruturado, frente à construção do cotidiano.

Partindo deste princípio, Massey aponta que “as constelações temporárias de trajetórias, essas eventualidades que são lugares, requerem negociação” (MASSEY, 2008, p. 219). E, apoiados nesse pensamento, utilizamos as técnicas inspiradas pela IS como a deriva, a psicogeografia e a construção de situações juntamente com dispositivos para os agenciamentos do sujeito na experiência *larrosiana* urbana, a fim de proceder a investigações e registros de momentos, sensações, sentimentos que nos passaram, inquietaram-nos, afetaram-nos, servindo de base para as análises dos fluxos posteriores estudados.

Assim, é utilizando essa espécie de *flâneur* ativa, que tem como finalidade recriar e transformar o cotidiano de forma mais sensível e poética, que novas reflexões sobre a cidade passam a ser discutidas e experienciadas.

As construções dos Cadernos de Campo tiveram como marcos pré-estabelecidos a Praça Expedicionário Jerônimo Leite para a primeira produção e a Rua Quintino Bocáiuva (Rua Principal) para a segunda, sendo estes escolhidos por serem espaços públicos dotados de alteridade e imprevisibilidade, e vistos como ponto de convergência e divergência daqueles que os permitem experienciar.

Dessa maneira, a produção dos Cadernos através experiência podem ser conceitualmente analisados pela forma como Canevacci (2004) nos mostra ao tratar sobre o estrangeiro e o familiar, buscando a partir da interpretação etnográfica revelar o que está mascarado, assim como Marandola Jr. (2008) em *Mapeando londrinas*, nos reforça ao irmos a campo, estando aberto a ouvir sua revelação, por isso, optando por caminhá-lo e ouvi-lo.

Canevacci traz para essa discussão o que Vincent Crapanzano definiu como o *Dilema de Hermes*, ou seja, “a arte de revelar o que está mascarado” (CANEVACCI, 2004, p. 29), esclarecendo o que não estava claro, tornando familiar o que era estranho. Assim, o processo de estranhamento deve ser conduzido ao pensar que o nosso relacionamento com o mundo é mais costumeiro, portanto “familiar”, enquanto o oposto deve ser direcionado em descobrir o que é desconhecido, dando sentido ao que era desprovido de sentido.

Dessa forma, é ao se distanciar do habitual que surge a arte de interpretar, adotando a perspectiva oblíqua e polifônica trazida por Canevacci (2004, p. 30) quando ele diz ser necessário “estranhar toda a familiaridade possível com a cidade, e ao mesmo tempo, familiarizar-se com suas múltiplas diferenças”. Permitindo que essa interpretação para a criação dos Cadernos de Campo, possa se relacionar com a maneira de compreender o espaço trazida por Massey (2008) adotando a pluralidade e coexistências de heterogeneidades mediadas pelas ações e relações entre seus agentes para pensar o habitar urbano.

São permeados pelos pensamentos do livro *A Cidade Polifônica* quando ele diz “a coisa mais opaca de nossa cultura contemporânea é a que nos é mais familiar” (CANEVACCI, 2004, p. 30) que vejo potência na construção dos Cadernos de Campo, para aventurar-se em novos territórios transdisciplinares, trazendo a ideia de construção de camadas como essas revelações e processos de estranhamentos, cercados pelos sentidos e sensações que após olhar “*obliquamente*” (CANEVACCI, 2004, p. 31) o conhecido, será possível passar a uma fase mais criativa, atravessando essa opacidade e tornando-a transparente.

Assim, é adotando essa “*observação observadora*” (CANEVACCI, 2004, p. 31) que observa a si próprio como sujeito que observa o contexto, dotado de um olhar oblíquo que tem o poder de sobrevoar além da impassível frontalidade do que se está analisando que compreendemos os Cadernos de Campo, como essa força para desviarmos o olhar do familiar e emergir deles novos contextos e reflexões das relações ocorridas nos espaços de vida do Centro de Viana.

Dando continuidade, a composição de cada Caderno foi desenvolvida a partir de três lançamentos à deriva com dispositivos distintos, a fim de explorar essa cenografia urbana com o propósito de averiguar as maneiras como os espaços de

vida do recorte espacial eram experienciados por seus agentes. Por conseguinte, embasado por tais premissas, nossa categorização ganhou a seguinte conformação:

Caderno de Campo

- Lançamento 01 – Deriva do Contrafluxo;
Camada 01: Relatos de Campo
Camada 02: Mapa Polifônico Afetivo
Camada 03: Epílogo Sensível

- Lançamento 02 – Deriva Parada;
Camada 01: Relatos de Campo
Camada 02: Mapa Polifônico Afetivo
Camada 03: Epílogo Sensível

- Lançamento 03 – Deriva do Outro
Camada 01: Relatos de Campo
Camada 02: Mapa Polifônico Afetivo
Camada 03: Epílogo Sensível

A deriva do *contrafluxo* teve como dispositivo o movimento oposto ao da grande massa que estivesse se locomovendo; à deriva *parada* foi marcada pela caminhada nos olhos do outro anônimo e ordinário, onde apenas a exposição inerte do pesquisador serviria como presença para compreender aquele ambiente; e, por último, a deriva do Outro, foi realizada utilizando o mapa afetivo de outra pessoa, assim, um roteiro seria elaborado a partir de uma conversa tentando buscar saber se os marcos pré-estabelecidos faziam parte de seu itinerário, e estando eles presentes, este roteiro era desenvolvido e experienciado somente pelo pesquisador ao qual se propôs emergir à campo.

Diante do exposto, cada lançamento ficou estruturado em três camadas, envolvendo desde as atividades de vivência do campo (camada um) até as análises do pós-campo para observações e ponderações (camadas dois e três).

A construção dessas camadas podem ser retomadas conceitualmente a maneira como Massey (2008) nos aponta sobre o “aqui” e o “agora”, aonde o primeiro é visto onde as narrativas espaciais se encontram, conjunturas de

trajetórias que têm suas próprias temporalidades. E o segundo, como essa sucessão de encontros, acumulações das tramas que formam um história, e conseqüentemente gerando os retornos que são determinados pela forma como afetamos e somos afetados pelo outro, ou seja, essa camada com acréscimo de novas passagens.

Nesse sentido, as camadas são balizadas por esses “aqui’s” e “agora’s” que remetem a cada um de seus níveis, por meio das trajetórias, convergências, divergências e acumulações que se entrelaçam, proporcionando esses retornos dotados de afetamentos e sensibilidades.

Além disso, para a Camada 01 – Relatos de Campo, Canevacci (2004) também contribui para essa estruturação ao desenvolver metodologicamente a ideia da descrição minuciosa à cena e a experiência do sujeito imerso, nos permitindo a criação das polifonias urbanas que funcionam como esse falar de dentro da cidade, na qual ela assume por meio de suscitações que os lançares à deriva permitem serem florescidos.

Assim, para a composição da Camada 01, foram realizados os relatos de campo, nos quais fizemos a narração das experiências vivenciadas, levando em consideração os horários, os dispositivos utilizados, as observações em relação à maneira como os locais eram apropriados, a diferença das dinâmicas construídas na passagens entre os ambientes e suas apropriações, descrevendo as situações permeadas por sensações, compartilhamentos e afetamentos que emergiam dos locais como fruto da experiência.

Na Camada 02, foram criados mapas polifônicos afetivos com descrições em palavras das impressões sentidas ao decorrer dos lançamentos de cada deriva. Esses mapas sensíveis seguiram os mesmos percursos realizados pelas trajetórias e registraram as versões grafadas pelo corpo vetor a partir de suas “ex-posições”. As palavras registradas ao mesmo tempo relacionam-se com o espaço e também com as subjetividades proferidas pelo pesquisador em campo, todas essas reverberações são conectadas com as descrições dos relatos, que guiam a maneira como o mapa afetivo vai sendo construído.

Para a última sobreposição, ou Camada 03, foram criados epílogos sensíveis trazendo composições dessas versões das “Minhas Vianas” criadas a partir da experiência do sujeito no campo, utilizando poemas de Manoel de Barros

como dispositivos sensíveis para amplificar sua potencialidade afetiva. Assim, as ilustrações são permeadas por cada experiência realizada pelas derivas, tendo em seus traços, as inquietações e sensibilidades que foram mais acentuadas durante as elaborações dos mapas polifônicos e descrições dos relatos para sua constituição.

Dessa maneira, essa construção metodológica serviu para assumir uma nova postura frente às vivências realizadas no campo, tendo como reverberações uma grande quantidade de encontros, passagens, práticas de sociabilidade e indiferença, desencontros, relatos, subjetividades, alteridades e histórias.

As experiências realizadas a partir da construção dos Cadernos de Campo inspiradas pelas práticas dos situacionistas foram necessárias para nos dizer sobre o campo e trazer elementos novos para discussão, fazendo-nos refletir sobre as distintas maneiras de perceber a construção da cidade de Viana, criando, assim, as “*Minhas Vianas*” como fruto dos lançamentos propostos.

Com os dados coletados e os dois cadernos criados, observamos que as dinâmicas referentes às construções das derivas com mesmo dispositivo, tendo como diferença o marco inicial, suscitavam entendimentos divergentes do modo como seu espaço urbano era ocupado. Assim, para o Caderno de Campo I, que teve como marco inicial a praça, entendemos que:

- Na Deriva do *contrafluxo*: foram observados lugares com grande movimento de pessoas e sons, como a barraca de churrasquinho na praça, a rua principal com seus variados comércios e as atividades de recreação no Santo Agostinho e Santa Teresinha, constituindo ambiências com multiplicidade de vozes e encontros pela cidade, proporcionando a sensação de segurança e calma. Todavia, alguns pontos também suscitaram impressões carregadas de inquietude e medo, como o trajeto pela ponte, a saída das quadras poliesportivas e o caminho percorrido ao loteamento Nova Viana, principalmente por haver menos aglomeração de pessoas, baixa iluminação e ausência de elementos que tornassem aqueles cenários mais sociáveis.

Ao analisar esta deriva, percebe-se como a praça Jerônimo Leite, serviu como um grande ponto integrador de várias relações que podem ser estabelecidas entre seus agentes, reforçando essa característica de política de inter-relações e permitindo que o social possa ser construído, a partir dos balizamentos e apoios

conceituais trazidos pela geografa Massey. Dessa forma, cessada por promover alteridades, são nos encontros e exposições que Janice Caiafa também nos aponta em como essas mediações tornam-se mais fortes durante o seu decorrer.

Este lançamento à deriva nos provocou, principalmente pelas surpresas que cada caminhar pode suscitar-nos e devido a intensidade como se apresentavam, fazendo-nos ser atravessados por diversas mediações que ocorriam constantemente em seu espaço múltiplo, aberto e polifônico.

Assim, tendo sua margem permeada por grandes espaços verdes que cercam toda a entrada da cidade de Viana Centro (Figura 30), a praça é tangenciada ao fundo pela Rodovia Br 101/262 possuindo um intenso e contínuo fluxo de carros, e em sua frente faceada pela Prefeitura Municipal de Viana – um grande prédio verde musgo robusto de pilares largos e imponentes – que funde-se perfeitamente com a vegetação e o desnível do terreno.

Figura 30 – Registros da praça ao início da deriva do contrafluxo

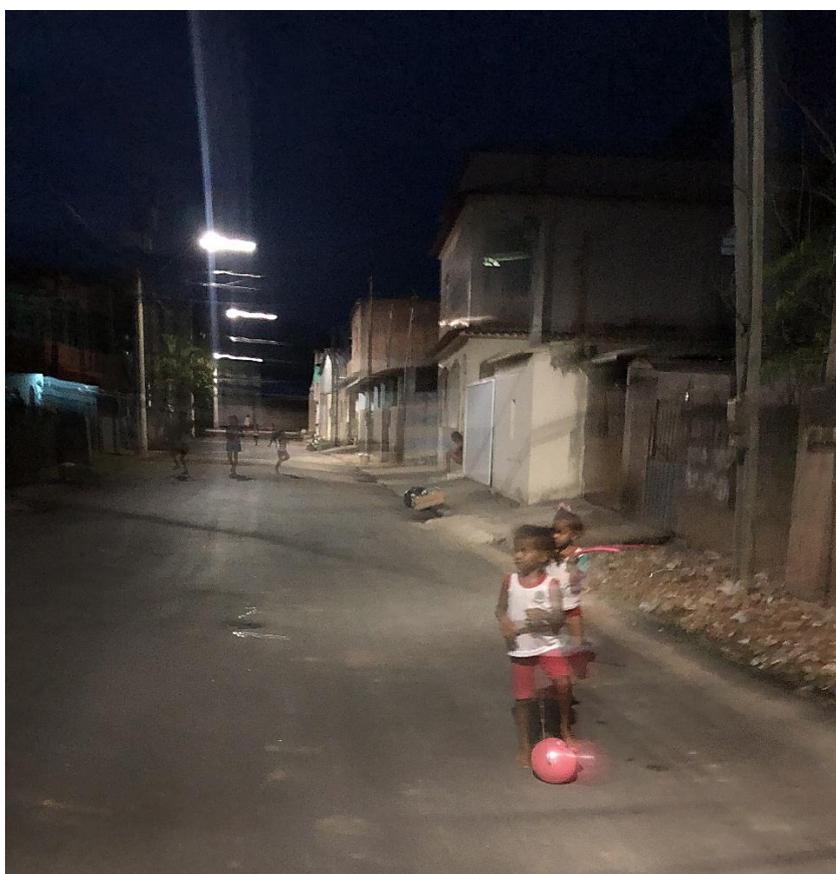


Verificamos que no início do trajeto enquanto várias pessoas saiam para ir para suas casas, a praça permanecia cheia, com pessoas no ponto de ônibus enquanto outras sentiam-se atraídas pelo churrasquinho. O céu começava a escurecer e nesse momento um intenso fluxo começava a ser aglomerar.

Além disso, muitas atividades pendulares que ocorriam dentro do município, finalizavam-se por volta das dezoito horas, atestando esse intenso esgarçamento das atividades e serviços prestados por agentes não-locais dentro do município. Já ao passar pela Rua Principal, o adensamento de carros misturavam-se com as construções dos prédios mistos que cerceavam todo seu trajeto, envolvidos por todas aquelas “vozes”, como aponta Canevacci (2004), que remetiam a essa polifonia urbana, ou seja, sua multiplicidade de sons.

No concernente ao bairro santo Agostinho (Figura 31), este localizava-se mais afastado das áreas de maior concentração, possuindo grande parte das residências em madeira, ou então faceadas para o logradouro público.

Figura 31 – Crianças brincando na rua do Santo Agostinho



As ruas eram largas e extensas, e nessa localidade, surpreendemo-nos ao se deparar com uma grande concentração de crianças e mães que utilizavam a rua, percebemos como a deriva nos guiava a caminhos não possíveis de serem vistos comumente, por isso, foi somente utilizando esta postura e o corpo vetor de mediação que tais construções de situações puderam nos apresentar.

Dessa maneira, ao finalizar passando pelo loteamento, senti que os padrões arquitetônicos já eram mais elevados, as casas eram engradadas e com pés-direitos altos, as sensações e sentidos que permeavam essa parte do trajeto adensavam para uma inquietude ao querer descobrir o que poderia ser visto adiante.

- Na Deriva *Parada*: a cidade foi identificada inicialmente como se estivesse lentamente despertando devido à ausência de fluxos e movimentações que pudessem alterar de alguma forma sua dinâmica. Assim, com o passar do tempo, e com enfoque na área da feira, essas atividades foram se tornando mais permeadas, sendo observadas as relações de compra entre os clientes e os fregueses, os diálogos promovidos pela barraca de caldo e pastel, o trânsito de entrada e saída de carros, as crianças que brincavam ao redor e o canto dos pássaros no alto da copa das árvores, por exemplo. Praticamente, neste lançamento, além das pessoas que estavam no ponto de ônibus e não se cumprimentavam, focando apenas no celular, não foram observadas situações que pudessem ser entendidas como práticas de indiferença.

Ao analisar esta deriva, verificamos que a praça, assim como a prefeitura e todas as casas que a cercavam, aparentavam inicialmente estarem sendo lentamente despertadas. Assim, Telles e Cabanes (2006) apontam que é no momento onde o espaço urbano passa a ser interpolado por distintos códigos e sujeitos que sua tessitura é informada.

É pensando nos carros e pessoas que posteriormente começaram a utilizá-la que vejo essa relação ao compreender como algumas situações que a configuravam naquele momento eram compostos por distintas tramas, que por sua vez, poderiam suscitar em bloqueios, aberturas, impasses, ou como Telles e Cabanes chamam de “pulsção da vida urbana” (TELLES; CABANES, 2006, p. 16), conforme mostra a Figura 32.

Figura 32 – Pracinha lentamente sendo despertada



Fonte: Elaborado pelo autor

Partindo da análise do olhar sobre o outro para esta deriva, torna-se possível refletir em como os diferentes horários nos mostravam as relações construcionais que seu habitar urbano nos propiciaria em promover. Complementados por Massey, o importante aqui era investigar “não como vivemos na cidade, mas como vivemos junto a ela” (MASSEY, 2008, p. 221).

Portanto, no momento em que feira ganhou mais projeção e intensidade, a cidade começou a ser incessantemente atravessada por muitos veículos, pessoas e pássaros, articulando-se em diferentes ritmos, mas todos convergindo e sendo possíveis de serem ouvidos. As diversas vozes que se cruzavam, fundiam-se, encontravam-se intensificavam a maneira de múltiplas diversidades que eram permeadas por toda a cidade, tendo ali, apenas uma versão deste registro a partir da minha experiência, sendo registradas pelos mapas polifônicos.

Nessa parte da feira, as árvores eram altas, com copas cheias e densas. Todas as barraquinhas eram tampadas por alguma lona, tendo apenas o carro do pastel uma estrutura metálica mais completa, todas essas observações ajudaram para a construção dos epílogos, que buscava rememorar essas incessantes pulsações que caminhavam por cada horário da cidade, como mostra a Figura 33.

Figura 33 – Relações proferidas durante a feira



Fonte: Elaborado pelo autor

- Na Deriva do *Outro*: percebemos, ao começar o trajeto, que as impressões mais fortes eram acentuadas pelos sentimentos de silêncio e lentidão, tendo este primeiro ambiente quase nenhum tipo de movimentação que pudesse configurar algum fluxo de uso coletivo ou individual daquele espaço urbano. Assim, posteriormente, ao perpassar pelo supermercado Mariana, pelo campo de futebol e próximo à Rua Principal, novas práticas de uso e deslocamentos pela cidade foram observadas, assim como os diferentes sons e diálogos que

eram sentidos ao atravessar seus caminhos, evidenciando hábitos mais sociáveis e afetivos com o lugar.

Ao analisar esta deriva, a partir do mapa afetivo da Mônica – na qual foi escolhida por ser uma residente de Viana Centro por toda sua vida – usado como protocolo para criação de um roteiro e guiar as experiências urbanas para este lançamento, tínhamos como premissa, novamente nos criar uma nova versão a ser construída, mas que em algumas partes nos rememoravam lembranças.

Este movimento apenas aconteceu a partir do meu corpo vetor pesquisador, não estando a Mônica realizando-os conjuntamente. Aqui a cidade inicialmente, era urbanisticamente bem projetada, tendo todas as casas com seus afastamentos frontais e laterais bem definidos, situados num alto de uma colina na qual tornava aquela parte mais afastada e instigante (Figura 34).

Figura 34 – Características do loteamento Nova Viana



Fonte: Elaborado pelo autor

Devido a essas questões, o início do trajeto foi marcado pelo silêncio pois aparentemente todo o bairro encontrava-se quieto e sem qualquer tipo de fluxo ou coexistências de trajetórias em seu espaço, e esses registros serviram para adensar o mapa polifônico afetivo criado.

Em meio ao lançamento, a cidade alterava sua dinâmica e se mostrava mais múltipla e aberta, as relações entre seus agentes intensificavam-se e as alteridades urbanas ficavam mais evidentes de serem presenciadas.

Nessa parte, as residências estavam todas faceadas lado a lado umas com as outras, dando a impressão de um grande conjunto, as cores algumas vezes alternavam-se deixando a rua mais colorida e por outras, apenas eram apresentadas pelas cor laranja fosca das lajotas.

O trajeto em questão foi intensificando a relação que é desenvolvida com os espaços da cidade, sendo vista como o conjunto do decoro ao qual é preenchido ao longo das histórias, conforme nos mostra Maia (2001). Em outros momentos, a vulnerabilidade trazida por Marandola Jr. (2008) nos faz pensar em como esta se faz presente nos deslocamentos e mobilidades.

No concernente ao Caderno de Campo II, que teve como marco inicial a Rua Principal, também utilizando os mesmos dispositivos anteriores, conseguimos compreender que:

- Na Deriva do *Contrafluxo*: foram vistos distintos agrupamentos sendo feitos pela extensão da rua, assim como uma grande intensidade dos ruídos provenientes das passagens dos carros e das motocicletas que se misturavam com os das pessoas, sensações estas que proporcionavam um entendimento do lugar como dinâmico, de intenso fluxo e dotado de grande parte por práticas e atividade sociáveis entre seus sujeitos. Da mesma forma, em meio a todo o *frenesi* presente neste eixo estudado, notamos que houve momentos em que essas impressões se distanciavam e davam destaque para a quietude, o silêncio, os pequenos barulhos de longe e a impessoalidade.

Para esta primeira análise do segundo caderno, acentuou-nos a sensação na qual Ojima e Marandola Jr. (2014) apontam sobre os diferentes modelos de se experienciar a cidade através de fatores que ela nos propõe a relacionar, pois a

cada instante, novas interpelações eram geradas, assim como as polifonias urbanas que permeavam e adensavam os sentidos e afetamentos.

Dessa maneira, a cidade aqui possuía uma multiplicidade de vozes muito forte durante grande parte do seu percurso, assim como o próprio aplicativo *Runtastic* pode nos mostrar com a rota percorrida, mesmo quando havia uma redução dessas subjetividades e os lugares ficavam em silêncio e mais quietos, proferindo essa grande profusão de estímulos na qual Augé (2010) diz que transpassa a cidade gerando uma grande complexidade pra seu entendimento.

Os sons durante grande parte dos trajetos eram bem fortes, e por isso, sendo sempre intercalados entre músicas, barulhos, conversas, barulhos de carros e motos (Figura 35). A rua principal em sua extensão possuía algumas árvores e variados comércios em um de seus lados como: farmácias, barzinhos, supermercados, lotéricas, quitandas, padarias, e etc.

Figura 35 – Pessoas conversando pela Rua Principal



Fonte: Elaborado pelo autor

Enquanto do outro lado da rua que apenas era faceado por um dos lados da pastoral da criança, servia apenas como passagem, ou uma extensão dos comércios a noite que colocavam algumas mesinhas.

Durante uma parte do trajeto ao qual ocorre um adensamento de pessoas, verificamos o quão intenso a rua poderia se tornar devido suas dinâmicas, ressaltamos que materiais como madeira rústica se destacavam nessa parte em meio ao vasto concreto; a rua parecia pequena para comportar tantas pessoas, os risos altos ecoavam por toda ela, um grande aguçamento era promovido pelo lugar e suas eventualidades.

Essas impressões ajudaram na criação dos mapas polifônicos e permearam os epílogos sensíveis, podendo através das camadas, transbordar essas diferentes interpretações trazidas pelas transdisciplinaridade que cada passagem provocava.

- Na Deriva *Parada*: as práticas de indiferença eram muito fortes no primeiro intervalo de tempo, compostas por ações como impaciência, não comunicação entre os indivíduos no ponto de ônibus, um espaço urbano preenchido por pressa e impessoalidade. Todavia, com o decorrer do tempo e com os outros intervalos seguintes, percebemos que toda essa dinâmica inicial era apenas característica do primeiro horário, sendo possível, posteriormente, verificar distintos pontos de sociabilidade (como agrupamentos de pessoas e entrosamento entre elas, senhores jogando totó, os sons dos pássaros) quando mudamos o ponto de observação, sendo que toda dinâmica se reestruturava diferentemente do primeiro contato.

Para análise da deriva parada, percebemos em como a observação da arquitetura da rua parecia estar agitada da mesma maneira como as pessoas que a atravessavam ou nela aguardavam, ou seja, preenchida de pressa e impessoalidade. Era difícil inicialmente atentar-se aos detalhes, enquanto seu espaço era intensamente provocado por gestos e expressões de pessoas mal-humoradas, com olhares sérios e não convidativos.

Massey nos aponta sobre a compreensão do espaço a partir de uma política antiessencialista, ao afirmar que “o espaço não existe antes de identidades e suas relações” (MASSEY, 2008, p. 30). E apesar das não interações que eram

construídas em seu habitat urbano, aquela era a maneira como suas inter-relações e mediações com o espaço eram constituídas.

Portanto, foi ao receber novas fluxos e grupos, que neste caso se caracterizavam pelos ônibus escolares com as crianças para as escolas, que esses atravessamentos passaram a ganhar novas configurações, fazendo com que aquele aspecto mais frio e distante, agora fosse aos poucos substituídos por uma maior leveza e fluidez para com as relações entre seus agentes (Figura 36).

Figura 36 – Mudança das dinâmicas e relações na deriva parada



Fonte: Elaborado pelo autor

Por isso, é olhando-a como Caiafa (2003) nos diz, por meio de um espaço de descontinuidades, carregadas de estímulos que constantemente nos provoca que é possível de entender essas variâncias entre construções que a cada novo horário era possível de identificar.

Ao mesmo tempo que a cidade também afastava devido a sua heterogeneidade, excesso de estímulos e o próprio esgarçamento, não nos permitindo ver inicialmente como seus agentes a compreendiam, foi gradualmente, sendo transformada ao ser permeada por novos movimentos e diversidades (CAIAFA, 2005).

- Na Deriva do *Outro*: as impressões que conseguimos averiguar traziam inicialmente o silêncio como um elemento muito forte e presente em grande parte do percurso, não possibilitando que conexões mais afetivas pudessem transcorrer nos caminhos trilhados a partir do roteiro base. Muitas vezes, estes eram isolados ou sem fluxo de pessoas, como ocorreu também na Rua da Creche, o que suscitava uma maior inquietude do corpo vetor durante o processo de imersão. Todavia, alguns trechos se mostraram mais energéticos e animados quando aproximados da Rua Principal e ao passar tangencialmente pela praça de frente para a Prefeitura Municipal da cidade.

Para analisar a deriva do *Outro* neste caderno de campo, novamente utilizamos um mapa afetivo de outra pessoa, sendo aqui trabalhado através das vivências do Guilherme, um recém morador do centro. Ao começar a montar seu roteiro, percebemos que seus pontos referenciais eram muito próximos uns dos outros e nele estava presentes constantemente a Rua Principal, sendo suas relações com a cidade estabelecidas principalmente aonde existia um maior fluxo de pessoas, carros e pontos de comércio.

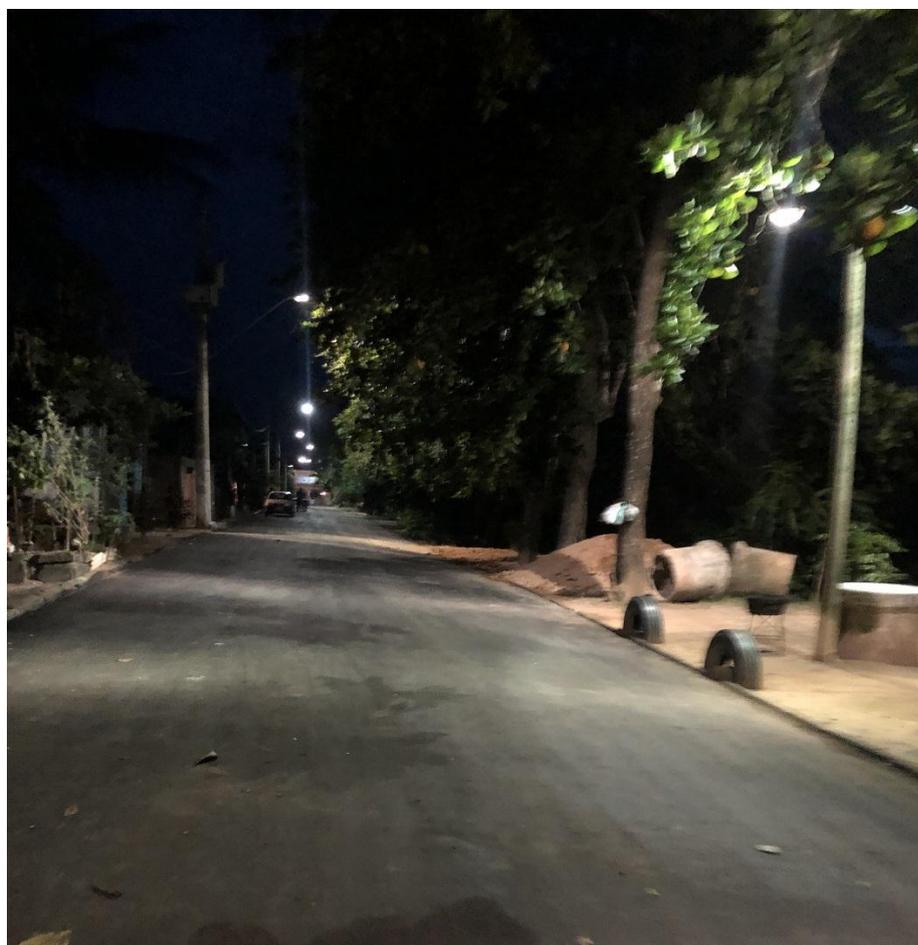
Dessa forma, ao começar pelo ponto de partida, no bairro Santo Agostinho, percebemos em como os espaços de vidas apresentavam-se vazios, sem mediações e relações entre seus agentes. Esses foram representados nos mapas polifônicos acentuando essas sensações de silêncio e frio, principalmente quando direcionados para a rua próxima do rio, na qual apenas continham o ruído das matas e o barulho do meu caminhar.

Durante grande parte do trajeto, na qual aconteceu com uma velocidade constante, sem grandes celeridades, a cidade pontualmente mostrava-se um pouco mais dinâmica. As forma como as casas se apresentavam pelo caminho também eram faziam parte dessas observações. Assim, enquanto no início as ruas eram

pequenas e desertas, nos pontos de maior fluxo, as casas eram todas aglutinadas e com ruas mais extensas e estruturadas, dotadas de meio-fio, balizadores, rampas, servindo como guia para os direcionamentos aos quais pudessem acontecer.

Este lançamento à deriva teve uma relação mais distanciada de como a cidade poderia promover suas alteridades, pois apesar de expostos a sua imprevisibilidade, ela ainda não conseguia criar grandes surpresas em meio ao seu trajeto. Contudo, somente nos pontos de denso comércio, era que esses momentos tornavam-se mais interpelados e cheios de códigos e significados (Figura 37).

Figura 37 – Travessia durante a noite perto do rio



Fonte: Elaborado pelo autor

Assim, percebemos que ambos os Cadernos de Campo possuem momentos que convergem e também divergem quando analisadas as subjetividades absorvidas a partir da experiência do meu corpo vetor auferida pelos itinerários em que cada

lançamento ocorreu, permeados por práticas momentâneas que configurassem atividades de sociabilidade e convívios com a indiferença no centro de Viana e pautando fortemente fluxos que manifestados são passíveis de potencialidade e intensidade.

Reforçamos que as experiências realizadas caracterizam aquele momento no qual a deriva nos proporcionou, assim como Paola Jacques nos remete a ideia do arquiteto errante que descobre nos desvios aquelas histórias que não são facilmente reveladas pela cidade. Não sendo uma taxonomia de como o lugar se apresenta, pois cada pessoa que percorrer os mesmos trajetos, seja nos mesmos horários ou distintos, irá captar distintas interpelações no seu corpo vetor.

Dessa maneira, dentre as atividades de sociabilidade, ressaltamos principalmente as interações e comunicações entre os grupos de indivíduos, a atração e o fomento das atividades em torno do comércio local, as práticas de lazer que aconteciam em ocasiões alternadas e inesperadas da cidade, como algumas ruas que foram vistas com crianças brincando durante a noite ou no cemitério, por exemplo, as conversas entre os vizinhos e os diálogos que eram presenciados no decorrer das derivas. Nesse sentido, também podemos realçar a forma fria e acelerada que muitas pessoas experienciam a cidade, mantendo pouco contato visual, utilizando constantemente o celular ou o fone de ouvido, muito raramente observando o entorno e compartilhando o espaço urbano.

A forma de apresentação dos resultados deste trabalho foi pensada de modo que, primeiramente, pudéssemos ter, a partir dos relatos de campo atravessados pela experiência, uma narrativa mais afetiva e permeada de sentidos e sensações, envolvendo as pessoas e os sons que faziam parte da composição dos trajetos, o que constituiu as polifonias urbanas.

Depois disso, os mapas polifônicos afetivos e os epílogos sensíveis, afetados pelas impressões emergidas dos relatos de campo, nos trouxeram para esse entendimento do espaço urbano a partir da postura apresentada através da deriva, possibilitando uma maior aproximação para esse conhecimento qualitativo fornecido pelo recorte espacial analítico escolhido.

Sendo assim, compreendemos que esses dados e permeabilidades, permitiram que uma versão variante de Viana – à qual denominamos de “Minhas Vianas” – pudesse ser criada como fruto de tais experimentações na cidade.

A metodologia utilizada foi de grande importância para o resultado final desta pesquisa, pois nos permitiu adentrar o conhecimento da cidade a partir de uma nova entrada, não usando de versões midiáticas e pré-determinações estabelecidas sobre Viana para influenciar no comprometimento com o estudo da pesquisa e seu desenvolvimento.

Tivemos algumas dificuldades para poder compreender ou reconhecer alguns ambientes, pois como as passagens se davam em horários, dias e meses variados, as ocorrências relatadas não traduzem uma visão de como a cidade é entendida em sua totalidade, mas ressaltamos que ela reflete as minhas vivências e experiência durante as trajetórias urbanas pela cidade.

Apesar dos percalços, a metodologia foi potente no sentido de que foi possível criarmos uma análise e composição do centro urbano de Viana inspirada pelos situacionistas, ajudando-nos a criar uma versão para esse bairro, proporcionando o contato com diversas vozes que narram a experiência do lugar e, a partir dele, recriam seus itinerários.

Assim, este trabalho possibilitou uma nova construção relacional com a cidade, criando uma nova visão, mais polifônica e aberta a possibilidades, aos acasos, às pluralidades, aos encontros, aos desencontros, às passagens, às “exposições” e a aproveitar mais daquilo que muitas vezes pode nos passar despercebido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Tradução de Bruno César Cavalcanti e Raquel Rocha de Almeida Barros. Maceió: EDUFAL: UNESP, 2010.

AUGOYARD, Jean-François. **Pas à pas. Essai sur le cheminement en milieu urbain**. Paris: Seuil, 1979.

BECHLER, Janaína. **Deriva parada: experiência e errâncias urbanas**. Porto Alegre, 2014.

BARROS, Manoel de. **Retrato do artista quando coisa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. **Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **Meu quintal é o maior do mundo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

_____. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, Walter. "Sobre alguns temas em Baudelaire". In: **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo; Obras escolhidas III**. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves baptista. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BORGES, Rafael Henrique Meneghelli Fafá. **Geoetnografias do Agir Urbano: deslocamentos e fluxos de experiência na cidade contemporânea**. 2016.

BRAUDEL, Fernand. **Civilisation matérielle, économie et capitalisme, Xve-XVIIIe siècle**. Tome 3. Paris: Armand Colin, 1979.

CAIAFA, Janice. **Comunicação e diferença nas cidades**. Lugar Comum (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 1, n. 18, p. 91-101, 2003.

_____. Comunicação e Expressão nas Viagens de Ônibus. In: **Revista Comunicação e Cultura**. 2005. Acesso em: 2 jun. 2019. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3450/2516>>.

_____. **Aventura das cidades**: ensaios e etnografias. FGV Editora, 2007.

CANEVACCI, Massimo. **A Cidade Polifônica**: ensaios sobre a antropologia da comunicação urbana. Tradução de Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

COHN, G. **As diferenças Finas**: de Simmel a Luhmann, RBS, v. 13, n. 38, 1998.

CULLEN, G. **Paisagem urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1961:1990.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **“Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana”**. Iluminuras. Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, n. 44. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2001.

FREUD, Sigmund; STRACHEY, James. **Além do princípio de prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1920:2016.

GUATARRI, Félix. **Caosmose**. Um Novo Paradigma Estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUPTA, A.; FERGUSON, J. **“Beyond Culture: space, identity, and the politics of difference”**, Cultural Anthropology, v. 7, p. 6-23, 1992.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. Definições. IS n. 1, jun. 1958. In: **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. JACQUES, Paola Berenstein (org.). Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 65-66, 2003.

JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Casa da Palavra, 2003.

_____. **Corpografias urbanas**. Arqutextos, São Paulo, v. 8, 2008.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. 2002. Acesso em: 23 ago. 2019. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE1904JORGELARROSABONDIA.pdf>>.

LE BRETON, D. **As paixões ordinárias**: antropologia das emoções. Petrópolis: Vozes, p. 269, 2009.

_____. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MAIA, Rousiley CM. **Sociabilidade**: apenas um conceito. Textos de Cultura e Comunicação, Salvador, v. 42, p. 22-43, 2001.

MARANDOLA, JR. **Mapeando "Londrinás"**: imaginário e experiência urbana. Geografia, v. 33, n. 1, p. 103-126, 2008.

_____. **Habitar em risco**: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. Tese (Doutorado em Geografia). Campinas – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, 2008a.

_____. Eduardo. **Mobilidades contemporâneas**: distribuição espacial da população, vulnerabilidade e espaços de vida nas aglomerações urbanas. In: CUNHA, J. M. P. Mobilidade espacial da população: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo. Campinas: Nepo/UNICAMP, p. 95-115, 2011.

_____; E OJIMA, R. **Pendularidade e vulnerabilidade na Região Metropolitana de Campinas**: repercussões na estrutura e no habitar urbano. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v.16, n. 2, p. 185-203, nov. 2014.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Maciel, Hilda p.; Haesbaert, Rogério (trad.). 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand brasil, p. 314, 2008.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. Tradução de Neil R. da Silva, São Paulo: Martins Fontes, 1998:2004.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado. **Vídeos, resistências e geografias menores** - linguagens e maneiras contemporâneas de resistir. Terra Livre, v. 1, p. 161-176, 2009.

PMV – Prefeitura Municipal de Viana. Acesso em: 15 set. 2018. Disponível em: <<http://www.viana.es.gov.br/>>.

QUEIROZ FILHO, Antônio Carlos. **A edição dos lugares**: sobre fotografias e a política espacial das imagens. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v. 11, n. 2, p. 33-53, jun. 2010.

_____. **Geografias Impuras**: quando a paisagem pega delírio e faz do lugar o seu reflexo (ou o contrário). Texto-base da participação na mesa-redonda "Trabalho de Campo e Mundo Vivido", realizada durante o VI SEGHUM, em Diamantina-MG, outubro de 2015.

_____. **A Cidade e a fabricação do sensível na sobremodernidade**. Mercator - Revista de Geografia da UFC, v. 15, n. 3, p. 7-17, 2016.

RACHJMAN, J. "**Pensando a cidade**". Artigo enviado ao congresso "Thinking the City", Tate Modern e ESRC, abril, mimeo, 2001.

REIS, N. G. **Notas sobre urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano**. São Paulo: Via das Artes, 2006.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Otávio G. (org.). O Fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1903:1973.

_____. **As grandes cidades e a vida do espírito**. Mana: Estudos de Antropologia Social, v. 11, n. 2, 1903:2005.

_____. **“Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal”**. In: MORAES FILHO, Evaristo. (Org.). SIMMEL, Georg. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983:1997.

TELLES, V. S.; CABANES, R. (Org.) **Nas tramas da cidade**: Trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: Humanitas, 2006.

TENBRUCK, F.H. **“Formal Sociology”**. In: COSER, Georg Simmel – Makers of modern social science. Nova Jersey: Prentice-Hall; W5. p: 77-96, 1965.

THIBAUD, Jean-Paul. **A cidade através dos sentidos**. Cadernos PROARQ, p. 2-16, 2012.